

1.3.1 Concurso Rainha Beleza Praiana (2010)

Dom. 21. Fev.
Praia de Copacabana
 15:00h - Barraca da Fau
 (Em frente ao Copacabana Palace)

Concurso

Rainha Beleza Praiana

Uma celebração à beleza das Travestis e Transexuais cariocas

associacaodastravestisetranssexuaisrj.blogspot.com

Realização: Co realização:

Informações:
 21 8278-2633
 4104-0927

ASTRA RIO

GRUPO ARCO-IRIS
www.arco-iris.org.br

GRUPO CRIB FREE

Barraca da Fau

Apolo: SOMANDO FORÇAS

Governo do Rio de Janeiro

Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos
 Superintendência de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos

Figura 19 – Concurso Rainha Beleza Praiana, 2010. Divulgação ASTRA-Rio.

O concurso Rainha Beleza Praiana (Figura 19) foi realizado pela Astra-Rio na praia de Copacabana no dia 21 de fevereiro de 2010. Nele algumas travestis e transexuais desfilaram próximo à “Barraca da Fau”, em frente ao Copacabana Palace, para eleição da mais bela travesti das praias cariocas – “uma celebração à beleza das travestis e transexuais cariocas”, conforme seu material de divulgação (Figura 18). Local conhecido como “Bolsa de Valores” e bastante famoso entre homossexuais brasileiros entre os anos de 1950 e 1970, segundo James Green e Ronaldo Polito (2006), a também chamada Bolsa de Copacabana foi assim descrita em matéria intitulada “Um gay Power à brasileira”, em edição de agosto de 1977 da revista *Veja*:

No Rio, um ponto notório [de frequência homossexual] é a praia defronte ao Copacabana Palace – trecho conhecido como “Bolsa de Valores”. Ali, escarpachados em longas espreguiçadeiras de lona, jogam rodadas de buraco, falam alto e gesticulam. Muitos têm especial predileção por sungas roxas, de tecidos aveludados e, em alguns, notam-se as costas mais queimadas do que a parte de frente do corpo. E todos mostram-se indiferentes ao pregão lançado pelos vendedores de refresco: “Alô, bicharada, vamos tomar limonada.” Eventuais provocações parecem não abalar a segurança que sentem nesse limitado feudo, pois acreditam que ali, um ponto tranqüilo, jamais se repetirá a assustadora cena ocorrida em Ipanema no ano passado, quando um par de homossexuais, após trocar beijos ardentes, quase foi linchado por uma multidão de rapazes. “Na Bolsa de Valores”, garantiu um deles a Joaquim F. dos Santos, de *Veja*, “estamos protegidos dos caretas” (citado por GREEN E POLITO, 2006, p.177).

A chamada “Bolsa de Valores” era tida como um local público e, portanto, mais aberto de sociabilidade homossexual, tendo recebido este nome “em função da possibilidade de ver e ser visto, onde os corpos masculinos podiam ser avaliados para o deleite dos homossexuais que ali compareciam” (Soliva, 2012, p.35). Em entrevista à Rogério Costa (2010), Agildo Guimarães, idealizador do jornal *O Snob*, anteriormente citado, relembra as “atividades bichais” que aconteciam no espaço da Bolsa: “Tínhamos muitos problemas com os bofes; eu e Farah e um amigo, passeando pela Atlântica, às vezes éramos recebidos com laranjas podres que os bofes jogavam. Íamos embora, mas éramos persistentes; passava um dia, e lá estávamos de volta; éramos perseverantes” (citado por Costa, 2010, p.89).

Espaço de interação entre bichas e bofes e avaliação de corpos masculinos, parece que a bolsa também abriu espaço para desfiles e concursos de beleza mais femininos, os quais podem ter se iniciado do mesmo modo que aqueles anteriormente descritos e que aconteciam em apartamentos de homossexuais nas décadas de 1960 e 1970 na cidade do Rio de Janeiro e que ao longo dos anos foram ganhando um formato mais travesti – “de

travesti” ou “em travesti” – ou transformista. Guardadas todas as possíveis diferenças, talvez as eleições ocorridas na Bolsa de Valores tenham sido uma versão adaptada e pública de interações e certames que as redes de homossexuais já realizavam no espaço privado.

Concursos de beleza trans realizados na Bolsa de Valores foram mencionados por Majorie Marchi em chamada na comunidade “O Boêmio Cabaret” na extinta rede social Orkut na ocasião do convite para a edição 2010 do Rainha da Beleza Praiana. Do mesmo modo que sob o Miss T Brasil recaiu a responsabilidade de ser um resgate dos concursos de beleza trans dos anos 1974 a 1976 da Praça Tiradentes, a eleição da Rainha Beleza Praiana também ganhou uma história, justificativa e legitimidade ao ser nomeada como uma homenagem a concursos de beleza trans que aconteciam na Bolsa de Valores em décadas anteriores, principalmente 1980 e 1990. Esse período parece diferir dos anos de 1950 a 1970, em que parece ter havido um exercício da travestilidade ou transformismo sem que houvesse uma travestilidade identitariamente assim assumida no meio social:

Majorie Marchi - 9 de fevereiro de 2010
Concurso Rainha da Beleza Praiana 2010

Galera,
Dia 14 de Fevereiro de 2010 às 15:00 hs, vai acontecer em Copacabana na Praia da Bolsa que fica em frente ao Copacabana Palace a versão 2010 do concurso Rainha da Beleza Praiana.
Concurso que ficou famoso nos anos 80 onde eram eleitas as mais Belas Travestis e Transexuais das Praias do Rj.
Será montado um palco onde as Trans desfilarão sua Beleza em busca da faixa.
As inscrições ainda podem ser feitas pelos tels [...]
Este evento é uma Realização da ASTRA RIO (Associação das Travestis e Transexuais do Estado do Rio de Janeiro) e do Governo do Estado do RJ.
Gostaria de contar com todos vcs.
Majorie Marchi (Comunidade O Boêmio Cabaret/Orkut, 2010).

Este convite de Majorie foi seguido pelo comentário de um usuário desta rede social que reforçava ainda mais a tradição de realização de concursos de beleza (trans) na Bolsa: “boa, saudade desse concurso na bolsa, pois nos anos 80/90 era tudibom, eu ia todo carnaval pra bolsa exatamente pra ver esse desfile e era um babadão, sem contar chegar na praia cedo pra ficar bem próximo da ‘passarela de areia’ e dos jurados do concurso que era um bafão só...” (Comunidade O Boêmio Cabaret/Orkut, 2010).

Em matéria que possivelmente era de divulgação do evento e que foi replicada em um grupo da rede social Yahoo!Grupos chamado ARTGAY – Articulação Brasileira de Gays, vemos uma descrição mais detalhada do Rainha Beleza Praiana 2010:

Concurso Rainha da Beleza Praiana é resgatado

Neste domingo (21/02), às 15h na areia da Praia de Copacabana, em frente ao Copacabana Palace e o Quiosque Gay Rainbow, próximo a barraca da FAU.

O evento é um concurso de beleza praiana, onde as candidatas travestis e transexuais desfilarão com trajes típicos e trajes praianos, bem como, serão entrevistadas sobre o cotidiano e também aspectos da cidadania trans.

Realiza o Concurso Rainha da Beleza Praiana a Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro em parceria com o Grupo Arco Iris de Cidadania LGBT, com apoio da Superintendência de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos (SUPERDir) da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Governo do Estado do Rio de Janeiro, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, do Grupo Cabo Free e do Grupo Pluralidade e Diversidade de Duque de Caxias.

A presidente da ASTRA Marjorie Marchi afirma que “desde o final da década de 70, a Praia de Copacabana deu lugar para a realização do Concurso Beleza Praiana, do qual tinha forte apelo midiático e cultural; de marcação da irreverência do carioca e da atitude satírica da cena homossexual e que no final da década de 90 o concurso é interrompido por falta de recursos e apoio, devido ao falecimento seu idealizador Orlando da Bolsa”.

O Superintendente da SUPERDir/SEASDH e ativista LGBT Cláudio Nascimento, disse que o resgate desse concurso é importante para a visibilidade das travestis e transexuais: “Este concurso serviu para descobrir talentos da homocultura carioca e difundir nomes importantes do transformismo do Rio, como Lola Batalhão, Lorna Washington, Jane Di Castro, Laura Di Vison e Isabelita dos Patins, e o grande transformista falecido, que ganhou fama internacional, Erick Barreto, que invocou a Carmem Miranda em seu personagem. Resgatar este concurso, neste momento, é um muito importante”.

O evento é parte da Programação Oficial da Visibilidade de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro, que começou no dia 29 de janeiro último, como comemoração do Dia Nacional da Visibilidade de Travestis e Transexuais. A programação abaixo conta com o financiamento do Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da Superintendência de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos e apoio da Secretaria de Estado de Cultura.

Sejam bem-vindos, sejam bem-vindas. Esperamos vocês por lá (ARTGAY, 2010).

O concurso Rainha Beleza Praiana foi divulgado juntamente com a agenda para os outros eventos em comemoração do Dia da Visibilidade Trans de 2010 realizados pela ASTRA-Rio em parceria com a SUPERDir/SEASDH⁴⁴, como o “Seminário Saúde, Cidadania, Cultura de Travestis e Transexuais”, o “Espetáculo Visibilidade Trans Todas as Mulheres em nós”, o “Desfile de Moda Trans e Aniversário de cinco anos de fundação da ASTRA - Rio Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro” e a “Entrega

⁴⁴ Esta parceria entre ASTRA-Rio e SUPERDir/SEASDH foi diretamente responsável pela realização do Miss T Brasil nos moldes como este aconteceu nos anos de 2012, 2013 e 2014, incluindo o discurso político ali construído. Este apoio da SUPERDir/SEASDH será melhor analisado no Capítulo 2 desta tese, porém cabe aqui frisar o quanto, mesmo antes da plena atividade do Programa Rio Sem Homofobia, lançado oficialmente em 01 de julho de 2010, diversos eventos e ações já estavam sendo realizados pela SUPERDIR/SEASDH e, posteriormente, seriam melhor agrupadas sob o grande guarda-chuva dos objetivos de tal Programa. Muitas destas ações eram parcerias como o movimento social organizado, em especial o Grupo Arco-Íris, mais voltado para o público LGBT de forma geral, e a ASTRA-Rio.

do 2º Prêmio de Direitos Humanos Xica Manicongo⁴⁵ – Homenagem a pessoas e instituições que se destacaram na luta pela promoção dos direitos das travestis e transexuais no Brasil, com enfoque para a Cidade Rio de Janeiro”. Além disso, chama a atenção o modo como Majorie Marchi em sua fala localiza estes “concursos trans” da Bolsa de Valores dentro de uma comunidade “satírica homossexual” e Cláudio Nascimento reitera o quanto estes seriam “importante[s] para a visibilidade das travestis e transexuais”, nomeando desta forma este conjunto composto por algumas pessoas que, pessoal e publicamente, são reconhecidas como travestis e, outras, como transformistas. Apesar de as relações identitárias e de constituição de si entre as categorias gay (nomeada aqui como transformista) e travesti e transexual poder ser bastante complexas e muitas vezes hostis⁴⁶, aqui elas são colocadas lado a lado com o objetivo comum de resgate de um concurso de beleza, que ao longo de sua trajetória e diversos formatos que assumiu, também pode ter sido gay/homossexual e/ou travesti, seja por algumas décadas, seja durante todo este período em que a “Bolsa de Valores” reuniu – e ainda reúne - sujeitos de algum modo tidos como “desviantes”.

Como não participei de nenhuma forma do concurso Rainha Beleza Praiana de 2010 e apenas ouvi alguns relatos e menções a ele, busquei resgatá-lo principalmente por ter sido identificado por Majorie Marchi como um dos antecedentes do Miss T Brasil, uma espécie de teste para saber se um concurso de beleza ainda interessaria o público trans e outros públicos possíveis. Retrospectivamente, o Beleza Praiana foi avaliado como um sucesso, o que motivou Majorie a insistir ainda mais na realização destes eventos tidos como culturais.

Além disso, é importante frisar que, apesar de diversas parcerias, a insistência de Majorie é naquilo que nomeia como “uma metodologia TransPower”, para todas as ações e eventos da ASTRA-Rio, de modo que estes sejam, segundo suas palavras, “totalmente criados e dirigidos e executados por nós [...] e acredito muito, pois [...] temos como normativa contratar Travestis e Transexuais mesmo que não sejam exímias profissionais

⁴⁵ No imaginário reiterado pela ASTRA-Rio, Xica Manicongo é tida como “a primeira travesti não-índia do Brasil, escrava de um sapateiro de Salvador em 1591, símbolo de luta e resistência de uma época em que negar o sexo era tido como heresia e digno de punição” (COTTA, 2010).

⁴⁶ Como afirma Mário Carvalho, que em sua dissertação de mestrado se dedicou à análise dos movimentos e das identidades políticas/militantes de travestis e transexuais, “algumas travestis tratarão com muito descrédito e minoração os *truques* utilizados por transformistas para se passarem por mulher sem fazer uso de intervenções corporais mais definitivas” (2011, p.59, grifos no original). Por outro lado, na comunidade gay, exceto nas construções transformistas tidas como espetaculares e com fins artísticos, a feminilidade parece ser bastante desvalorizada em função do predomínio do modelo masculino tido como “viril,” sendo que os vistos como afeminados são vítimas de chacota, preconceitos e discriminações (Braga, 2015; Ferrari, 2006).

nas respectivas áreas, pois geramos empoderamento e temos, como é tradição, eventos e ações personalizadas” (MARCHI, 2012). Parece que termos como “empoderamento”, “tradição” e “eventos e ações personalizadas” possam aqui ser entendidos como um modo de realização de ações que seja concebido e experienciado como próprio, como algo que não está sob a tutela de nenhum outro grupo e que, justamente por isso, pode ser construído da forma como um “nós” deseja e reconhece como importante e legítimo para si. E talvez ao serem alocados na noção de uma manifestação artístico-cultural, tais termos e ações se transformem em “cultura trans” tanto por uma simples ação semântica como também pelo conteúdo que trazem e que é reconhecido como importante e até parte constituinte deste coletivo.

Uma história está sendo então montada e uma memória recontada por relatos e fragmentos em torno dos concursos de beleza trans, em especial na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, e dando ainda mais suporte a tais concursos e suas caracterizações como “cultura trans”, assim como no ano de 2010 aconteceu o “1º Prêmio de Direitos Humanos Xica Manicongo”, em 2012 aconteceria o “Prêmio Cláudia Celeste de Direitos Humanos” que, diferentemente daquela primeira edição, que homenageou uma figura histórica do imaginário trans, agora prestaria reverência a uma artista trans viva, na ativa e referência para a dita “cultura trans”. E que, além do mais, também tinha sido uma das primeiras “Miss T” do Brasil!

1.3.2 Prêmio Cláudia Celeste de Direitos Humanos (2012)



TROFÉU CLÁUDIA CELESTE

3º Prêmio de Direitos Humanos
Saúde, Cultura e Cidadania Astra Rio

20 Março
20:00hs
Casa de Cultura
Laura Alvim

Entrada: R\$ 1,99

Uma homenagem **ASTRA Rio**
a esta grande estrela dos palcos mundiais

Figura 20 – Prêmio Cláudia Celeste de Direitos Humanos. Divulgação ASTRA-Rio.

Realizada pela ASTRA-Rio desde o ano de 2006, quando homenageou a travesti carioca Key Francis – exemplo de “longevidade travesti [...] a mais idosa Sra. Trans do Rio de Janeiro [...] importante figura no Jet Set LGBT do RJ, sendo a Turma OK seu local de origem, faleceu aos 98 anos [em 2004]” (Marchi, 2011) – a premiação desta instituição visa destacar pessoas que contribuíram para a “causa trans” de modo geral, elegendo tanto pessoas cisgênero como transgênero. No ano de 2012, o troféu levou o nome de Cláudia Celeste, destacada no folder de divulgação como “esta grande estrela dos palcos mundiais” e cuja trajetória artística foi brevemente recontada anteriormente nesta tese.



Figura 21 - Imagens de divulgação da 1ª (à esquerda) e 2ª (à direita) premiações da ASTRA-Rio. Fonte: Divulgação ASTRA-Rio.

Em 2012, a premiação da ASTRA-Rio teve lugar no Teatro Laura Alvim, no bairro de Ipanema, e distribuiu seus troféus com a imagem estilizada de Cláudia Celeste (Figura 20) nas seguintes categorias: Direitos Humanos, Cultura, Saúde, Cidadania Trans, Segurança, Memória, Visibilidade Trans, Teledramaturgia, Jornalismo, Literatura, Moda, Cinema, Melhor Cantora, Melhor Atriz, Melhor Ator, Revelação, Política (Anexo A - Tabela com as vencedoras do Miss T Brasil e suas participações no *Miss International Queen*, 2012-2015). Estive presente nesta premiação, porém apenas por um interesse

descompromissado e por querer prestigiar o evento, pois naquele momento esta pesquisa não existia nem em uma possível forma embrionária. Assim, a narrativa que faço aqui é reconstruída do mesmo modo que a do concurso Rainha Beleza Praiana, feita através de relatos de participantes, comentários ouvidos e notas na imprensa e redes sociais. Para os objetivos desta tese, mais importante do que recontar tal evento é refletir sobre o lugar que este ganhou na justificativa e no histórico criado para legitimar o Miss T Brasil como “cultura trans”.

Neste sentido, tal premiação – que, além de destacar diversas pessoas relacionadas à causa trans naquele ano, também foi um espetáculo artístico-cultural com diversos números de canto, dança e dublagem – também foi construída pelo discurso nativo como um teste para o Miss T Brasil, para avaliar se um evento com características culturais ditas trans seria bem recebido tanto por este público, como pelo público em geral, assim como descrito acerca do Concurso Rainha Beleza Praiana. Isto, de certa forma, poderia ser um indicativo garantido de antemão acerca do possível sucesso de um concurso de beleza, principalmente porque este sempre foi visto pela organização como um evento cultural. Nas palavras de Majorie Marchi, “e eu acho que o troféu Claudia Celeste foi o primeiro *step* de um plano que a gente tinha na cena cultural. Eu acho que ele introduziu, ele atraiu pessoas que não conheciam, despertou a curiosidade demais. Eu acho que o Miss T vem pra amarrar isso tudo bonitinho [...]” (Majorie Marchi em entrevista ao autor, em 26 de setembro de 2012).

Seja pela popularidade do formato concursos de beleza e do Miss Brasil entre homossexuais masculinos nas décadas de 1960 e 1970 (entre os quais parecia existir diversas travestis que ainda não haviam assumido por completo sua identidade feminina), seja pelos concursos “trans” realizados a partir dos anos 1970, parece que os concursos de Miss foram considerados como um evento cultural simplesmente por serem reconhecidos como algo próprio por determinado grupo e parte constituinte de suas subjetividades e imaginário coletivo. O que estava, então, sendo celebrado naquela premiação da ASTRA-Rio era tudo aquilo que poderia ser considerado como uma memória trans, uma produção artística trans e ações institucionais em prol da identidade ou visibilidade trans. Este conjunto diverso formaria a tal “cultura trans”, ressaltando que esta pode ser entendida desta forma mais ampla abarcando tudo que poderia se relacionar a uma questão ou pauta trans, mas era principalmente construída segundo um caráter mais artístico-cultural e que tivesse contribuído (positivamente) para a imagem social das

travestis e transexuais em nossa sociedade. Pessoas e instituições que de algum modo promoveram a visibilidade ou mesmo uma solidificação desta “cultura trans” da forma como a ASTRA-Rio a via foram destacadas e premiadas com o “Troféu Cláudia Celeste”.

Entre os premiados da noite, diversas pessoas foram relacionadas à eventos e ações culturais voltadas para travestis e transexuais e/ou a criação de uma imagem pública desde grupo considerada positiva. Outras pessoas assumidamente trans foram reconhecidas por seu protagonismo e visibilidade social. Dentre os premiados de um âmbito mais cultural, a categoria Cultura destacou: “Secretaria Estadual de Cultura RJ – Apoio e incentivo a produções teatrais com artistas Travestis e Transexuais”; a “Sra Brigitte Blair – Apoio e incentivo à Espetáculos Trans em seu teatro mesmo durante a ditadura, período que a mesma enfrentou a proibição militar aos espetáculos estrelados por Travestis e Transexuais, garantindo em seu teatro espaço aos mesmos” e o “Sr Luiz Garcia – Pioneirismo na realização de certames de beleza para travestis e transexuais nos anos 70 no Teatro Carlos Gomes, evento este que teve da censura a proibição de utilizar qualquer menção ao Miss Brasil e teve aprovado o nome de Miss Pop”. Já Cidadania Trans mais voltada para a cultura agraciou o “Sr Almir França – Estilista e Produtor Cultural, utiliza as Travestis e Transexuais em todas as suas Obras dedicando sua última coleção exclusivamente a este universo T”. O prêmio Memória foi para o já falecido “Sr Américo Leal – Pelo incentivo e pioneirismo em apoio a espetáculos Trans em seu Teatro Rival tradição esta perpetuada por sua filha a Sra Ângela Leal”.

No que se refere à representação de travestis e transexuais na mídia, o prêmio Teledramaturgia foi tanto para a “Novela Vida em Jogo – Rede Record, pelo personagem Dona Augusta em sua emocionante história que mesmo sendo ficção muitas vezes se aproxima da realidade vivificada cotidianamente pelas Travestis Brasileiras” como para a “Novela Aquele Beijo – Rede Globo, pelo personagem Anna Girafa, que retrata a realidade das Travestis e Transexuais brasileiras”. O jornalismo televisivo foi lembrado pela “Série Prazer à Venda – Rede Record, Qualificada abordagem sobre o mundo da Prostituição de Travestis e Transexuais” na categoria Jornalismo e “tela grande” foi representada nas categorias Cinema com “Elvis e Madona – Emocionante filme que com maestria conta o amor entre uma Travesti e uma Lésbica” e Melhor ator para “Sr Igor Cotrim, ator que emocionou ao dar vida a Madona do filme Elvis e Madona, que muito bem traduziu um tipo entre tantos tipos de Travestis existentes. Uma Travesti muito mais feminina de alma do que de corpo!”.

O conjunto de premiados, formado por pessoas identificadas e assumidas como travestis e/ou transexuais, teve como representantes “A Viagem Solitária – João W. Nery, importante publicação sobre Homens Trans” em Literatura; a “Sra Lea T – Top model Internacional” e “Agência 40 Graus – Inclui uma Modelo Transexual em seu casting feminino” na categoria Moda; a “Sra Jane Di Castro – Diva dos palcos, com 30 anos de carreira que emocionou todo o Estado RJ, durante a Tour estadual por 9 regiões durante as Conferências regionais LGBT/RJ, com brilhante interpretação do Hino Nacional” como melhor cantora; “Sra Dandara Vital – Jovem atriz Trans, estrela do espetáculo TRANSTCHECOV uma das grande alegrias descoberta no Projeto Damas em Cena, uma parceira entre o Instituto do Ator e da ASTRA Rio” agraciada com o prêmio de Melhor Atriz e a “Sra Jakellyne Uchoa – um dos mais gratos presentes de 2011, dona de uma voz encantadora e uma vitalidade que vem crescendo e que é uma grande promessa” como Revelação.

Na seleção dos premiados mencionada acima, tópicos e noções de cultura e identidade foram sendo produzidos, em especial nas justificativas que para estes foram criadas. Tais tópicos viriam a ser reafirmados e visibilizados de forma ainda mais evidente durante a primeira edição do Miss T Brasil naquele mesmo ano, porém não nos é possível saber o quanto tais tópicos desde então pré-anunciavam o Miss T, já que este Prêmio também foi visto como um teste para aquele, ou se ambos faziam parte da mesma “cultura trans”, forjando-a e levando-a literalmente ao palco. É impossível precisar o quanto tais premiados foram escolhidos tendo em vista o que seria levado à cabo no projeto Miss T Brasil ou o quanto este certame pode construir sua justificativa da forma como o fez porque diversos atores e instituições, ainda que de forma esparsa, de algum modo traziam elementos que poderiam (e foram) catalisados como um projeto cultural e político no palco da beleza do Miss T. Mesmo que de forma distinta, com objetivos diversos e partindo de diferentes locais de enunciação, um léxico ou corpus discursivo minimamente coerente parecia estar sendo construído, no qual cultura e identidade, juntamente com política e cidadania/direitos, poderiam compor determinado corpo junto às discussões trans, materializando tais noções junto à “população trans” e a sociedade de modo geral.

Apesar de apenas um dos premiados do grupo por mim identificado como cultural estar sob a rubrica da Memória (o Sr Américo Leal pelos espetáculos de travestis que foram desenvolvidos e abrigados em seu Teatro Rival), tanto o Sr Luiz Garcia, criador do já referido Miss Boneca Pop na década de 1970, como a Sra Brigitte Blair e sua insistência

e resistência em ter em seu palco artistas travestis e transexuais, poderiam figurar em tal categoria. Lembrando que Cláudia Celeste era a grande homenageada da noite, nada mais coerente do que colocar no palco novamente este seu passado e de tantas outras, considerados anos de glória. Neste sentido, menciono a piada de Fujika de Halliday, artista também de anos passados que, após sua cômica apresentação, brincou dizendo que: “Primeiro, começamos juntas, há muito tempo. 1920, né, Cláudia?” para então prestar sua breve homenagem e dizer que começaram “no Teatro Rival e foi uma temporada maravilhosa. Essa criatura ímpar, uma artista divina. Eu não sei o que falar mais, então eu deixo o meu coração e os parabéns por esta luz”. Memórias do passado e, principalmente, de épocas em que estiveram destacadas em cima de um palco, ainda que de acordo com o poema declamado por Majorie Marchi em homenagem à Cláudia Celeste, para esta “a loucura, o palco, a cortina vermelha sempre me foi um pano de fundo, até mesmo quando eu estava sozinha e estava em casa” (ASTRA-Rio, 2012).

Uma emocionada Cláudia Celeste recebeu das mãos de uma também emocionada Majorie Marchi este poema embebido de memórias, afeto e agradecimentos pelo lugar de destaque que ocupa no imaginário trans (como também mencionei anteriormente ao resgatar sua trajetória em seção deste capítulo), além de tal poema ter sido feito especialmente para ela:

E você há de me perguntar no final de tudo: o que buscas?
 Que procurastes? Soubeste encontrar?
 Eu vou te responder que busquei a mim mesma durante a vida toda
 Nasci pra mim mesma
 Eu passei por tanta coisa que chego a perder o fôlego quando paro pra pensar
 Ah, que saudade do Teatro de Revista Carijó
 Quisera nessas suas maravilhosas modernidades existir uma máquina do tempo
 que me levasse novamente até lá
 Quem sabe eu não aprenderia mais uma pirueta com Alex Matos, o meu
 descobridor
 Foi quando a minha felicidade se encontrava na face dos meus sonhos
 Em uma década em que pessoas desapareciam, eu comecei a brilhar
 Mas senta aqui comigo, vamos tomar um café que eu te conto
 Ao menos uma parte
 Você pode até não acreditar, mas eu já fui rainha, já fui princesa, já fui meretriz
 E se não fui, ao menos me senti
 Os anéis de damas postos em meus dedos me davam a localização exata ou não
 da personagem que eu era naquele dia
 Ah, pode me chamar de Dinorá
 Você pode até não acreditar, eu despedacei os corações dos homens e num de
 olho por olho tive desfeito em fibras de lágrimas também
 Não se iluda, minha cara, ninguém veio ao mundo apenas pra ser feliz
 Realizei todas as [termo incompreensível] que me couberam
 Tomei sorvete na brisa que o verão me obrigava
 E comi todas as flores que a primavera desabrochou no meu jardim
 É, eu acho que hoje o canto da orelha como uma menina tropical
 É assim que eu me via, talvez fosse assim que eu queria ser observada

No meu espelho mágico eu atuei muito doce
 Existiam alguns momentos que eu nem sabia o que sentia de fato
 Já chorei quando sorria por dentro
 Sorri quando a dor me consumia
 Me vesti de palhaça quando de luto e terno eu estava
 E aí? Que ser humano em sã consciência consegue de fato se entender quando
 se vive no mundo da arte?
 E eu? Vivo no mundo da arte até hoje
 A loucura, o palco, a cortina vermelha sempre me foi um pano de fundo
 Até mesmo quando eu estava sozinha e estava em casa
 Certamente ensaiando e imaginando quem seria eu na verdade
 No palco da senhora vida
 Mas deixa eu te contar mais de mim:
 De carreira são mais de 36 anos, mas creio eu que essa também seja a minha
 idade
 Já que só nasci quando pisei no palco pela primeira vez
 Quando me vi rosa, quando me fiz botão, quando deixei de lado o avesso do
 corpo e me fiz só coração
 Eu fui de O ao A, o meu nome social pragmático, mas eu também fui Elisa, fui
 Antonia, fui Leandra, fui Maria Flor, fui Condessa no meu castelo
 Já fui a condessa em amor
 É, e aí você me indaga sobre as maravilhas modernas e eu nostálgica com meus
 olhos rasos d'água só penso em tudo que já vivi
 Nos lugares nos quais pisei
 Nos amores que tive e nos que abandonei
 Eu penso com felicidade na vida que levei, no luxo e no lixo que compartilhei
 E sim, fui muito feliz, obrigada, pois eu vivi.
 Vivi e vivi muito bem décadas que quem também não viveu jamais vai
 conhecer o que foi (Majorie Marchi no Prêmio Cláudia Celeste, em 20 de
 março de 2012)

O imaginário trans evocado neste poema que descreve o ofício da artista Cláudia Celeste em seus possíveis sentimentos e narrativa, contava ainda com a menção a diversas passagens de sua carreira, como os espetáculos de Teatro de Revista que participou ou as novelas “Olho no Olho” exibida entre os anos de 1988 e 1989 na extinta TV Manchete ou “Espelho Mágico”, a já referida novela de 1977 da Rede Globo na qual Cláudia teve uma pequena participação de grande repercussão. “Olho no Olho” (Figuras 21 e 22) é especialmente lembrada por Cláudia ter tido um papel considerado de destaque durante toda a novela, como a prostituta Dinorá, grande amiga de uma das protagonistas, a também prostituta Paula, vivida por Beth Goulart. Este momento é tido como um marco na visibilidade trans e, como nos conta Cláudia Celeste, a presença de uma travesti em cena foi exigência dos escritores da novela, que “exigiu que fosse um transexual, ele queria, entendeu? Ele queria um transexual, por isso que ele abriu o teste. Ele exigiu. Não podia botar um ator fazendo a Dinorá e tudo, ele não quis. ‘Não, não, não, quero travesti’” (Cláudia Celeste em entrevista ao autor, em 05 de outubro de 2012).

MANCHETE CONTRATA TRAVESTI PARA ESTRELAR NOVELA

Em *Olho por Olho* a emissora põe no ar um travesti que se prostitui para viver

Reportagem: Marcos Maynart

Cláudio Lopes, um carioca de 36 anos, é a nova transa de Mário Gomes. É isso mesmo, mas na novela *Olho por Olho*, da Manchete, na qual o travesti conhecido por Cláudia Celeste terá um caso com o galã de olhos claros. O romance caracteriza uma situação até então inédita na televisão, o que deixa Cláudia Celeste muito feliz. Nessa entrevista a *CONTIGO*, ela fala da importância desse trabalho e garante que não tem medo de ser discriminada, como já aconteceu quando participou de alguns capítulos da novela *Espelho Mágico*, da Globo.

De típica família classe mé-

dia suburbana, Cláudio se assumiu como travesti aos 18 anos. Nessa época, ao perceber que se dava melhor com homossexuais e travestis, concluiu que era esse seu mundo.

— *Quando pequeno já gostava de me pintar e me vestir como mulher. Mas só depois de moço, quando assisti a um show do travesti Valéria, é que me decidi e quis mesmo ser como ela!*

Mas as coisas não foram tão simples assim. Os pais do até então rapaz ficaram chocados com a repentina transformação e seus irmãos se assustaram ao vê-lo de sobancelha feita e tomando hormônio para transformar o corpo. Mas, com o tempo, as resistências se abrandaram, Cláudio virou Cláudia e foi fazer teatro e



Cláudia Celeste terá um quente romance com Mário Gomes na novela que vai substituir *Dona Beija*.



participar de shows, se revelando uma boa atriz.

Com 24 anos, o travesti teve então seu talento reconhecido. Carlos Imperial o convidou para, ao lado de Márcia de Windsor e Sidney Magal, fazer o show *Era uma Vez no Carnaval*.

— *Foi aí que ganhei o "sobrenome" Celeste. O Imperial falou que eu não podia*

ter um nome só e sugeriu Celeste... Eu adorei.

Em 1977, Cláudia teve a primeira oportunidade na televisão. O diretor global Daniel Filho a viu atuando no Teatro Brigitte-Blair, no Rio, gostou do trabalho e a convidou para atuar na novela *Espelho Mágico*.

— *Eu estava linda e maravilhosa. Fazia figuração de vedete...*

Só que, como o ex-governador do Rio Grande do Sul Sinval Guaseli e o atual governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, que já haviam beijado a mão de Cláudia certos de que se tratava de

contigo!
24

Figura 22 - Matéria da "Revista Contigo!" sobre a participação da Cláudia Celeste na novela *Olho no Olho*, em 1988. Acervo pessoal Cláudia Celeste.

uma "dama", Daniel Filho também entrou de gaiato. E acabou dando bode. Uma jornalista publicou no jornal *Correio de Copacabana* que a figurante de *Espelho Mágico* não era mulher, surpreendendo o diretor, que armou o maior banzé e abortou a carreira da atriz principiante.

— Quando o pessoal da *Globo* soube da verdade, me tirou da novela. Eu já tinha gravado oito capítulos, mas só cinco foram

ao ar — lembra Cláudia com uma ponta de mágoa.

Depois disso, ela voltou para o teatro e participou até de filmes. Mas meio desiludida, já pensava em deixar o Brasil e ir para a Europa, quando pintou a chance de entrar no elenco da novela *Olho por Olho*, sem esconder que era travesti.

— Com minha experiência de palco foi tranquilo Ary Coslov e Tânia Lamarca perceberem, no teste, que eu era ideal para fazer o papel de Dinorá.

Dinorá é um travesti que, sem opções, se prostitui para poder sobreviver. E, nessas, se apaixona pelo grande amor de sua melhor amiga, Paula (Beth Goulart), e só descansa quando consegue levá-lo para a cama.

— O Máximo (Mário Gomes) não chega a se amar na Dinorá. Ela é que é fissurada por ele. E batalha até conseguir transar com o garotão.

E isso acontece num belo dia, quando Máximo está



FOTO MANCHETE

Com a amiga Paula (Beth Goulart), Dinorá (Cláudia Celeste) vai disputar o amor de Máximo (Mário Gomes)

com muitos problemas e de "cara cheia". O travesti aproveita a oportunidade para conquistá-lo.

— Na cama, Dinorá revela seu segredo, mas ele, muito bêbado, só responde que ninguém é perfeito. E aí os dois fazem amor.

Mas o love proibido dura pouco, Máximo cai na real, fica transtornado e acaba com tudo.

Além de ser uma proposta

Miss PT 88 provoca briga no partido de Lula

Ana Maria Zanvettor não dedicou o prêmio para sua mãe, nunca leu *O Pequeno Príncipe* e nem desfilou de maiô. Mesmo assim, papou o concurso Miss Partido dos Trabalhadores 88 e já se prepara para desfilhar nos palanques petistas.

Um júri formado por três militantes e quatro cabeleireiros elegeu Ana Maria a musa do partido na região de Ferraz de Vasconcelos (SP), depois de avaliar com muita coerência ideológica o principal critério para a escolha da vencedora: o desembaraço ao responder perguntas políticas.

Petistas mais inflexíveis tentaram, sem sucesso, impedir a realização do concurso, por ser "coisa de burgueses". Mas, a eles, o militante petista Marco Silva respondeu que não promovia desvio ideológico e sim um evento político. Para fortalecer sua tese, ele fez questão de frisar que a de-



FOTO IG. FOLHAS

Ana Maria, a musa do partido: sabedoria em relação a bailes.

mocracia interna e a participação das bases foram respeitadas.

E o argumento procede. As companheiras desfilaram diante dos quadros partidários que, por meio de eleição direta, livre e soberana, escolheram a miss PT 88.

Ana Maria, a operária de 18 anos, foi ovacionada logo depois que, com muita perspicácia política, convenceu as bases que um baile deve ser diversão e nunca uma realização!

inédita, esta é uma cartada ouzada da Manchete. O que deixa Cláudia muito feliz.

— É uma personagem que reflete uma faceta da realidade. Ela é discriminada, tem medo de Aids, se prostitui, mas nunca deixa de ser sonhadora. É um trabalho muito bom.

E a atriz, que recentemente foi à Bélgica para extrair os órgãos genitais e se transformar em "mulher", está entusiasmada por contracenar com atores que considera seus ídolos, como Mário Gomes, Alex Frota, Herson Ca-

pri e Beth Goulart. E aguarda os acontecimentos e o início da polêmica que sua participação certamente vai causar. Do público, Cláudia não teme reações negativas, pois acha que os travestis são muito queridos.

— As pessoas gostam de travesti, gostam de bichas e vibram com eles. Mesmo que seja só pelo folclore. O público feminino, então, não só gosta como se identifica, pois travesti cuida das unhas, dos cabelos, da maquiagem, enfim, é uma verdadeira mulher. ✨

contigo!

25

Figura 23 - Continuação da matéria jornalística da "Revista Contigo!", 1988. Coincidentemente, esta página traz uma nota sobre a eleição da Miss PT 88, em competição que valorizava principalmente seu discurso político. Apesar de críticas de "petistas mais inflexíveis", como caracteriza a matéria, a eleição foi defendida por um dos membros do Partido dos Trabalhadores como "não promo[vendo] desvio ideológico e sim um evento político". Acervo pessoal Cláudia Celeste.

Os concursos de beleza também estiveram em pauta com a premiação de Luiz Garcia pelo pioneirismo com o Miss Boneca Pop nos anos de 1974, 1975, 1976, palco que assim como aquele dos espetáculos teatrais também possibilitou o exercício da travestilidade e de uma produção cultural. Segundo Cláudia Celeste em sua entrevista a mim cedida (2012), o Sr Luiz Garcia não compareceu para receber seu prêmio por estar com sérios problemas de coração e, por isso, não poder emocionar-se. Brigitte de Búzios (Figura 23), artista da primeira geração dos espetáculos de travestis na década de 1960, foi quem o representou.



Figura 24 - Brigitte de Búzios com o prêmio de Luiz Garcia. Divulgação ASTRA-Rio.

O par visibilidade/protagonismo estiveram presentes no último grupo de premiados que identifiquei justamente como protagonismo. A ideia de uma visibilidade trans também foi mencionada naquele conjunto que chamei de cultura através das telenovelas “Vidas em Jogo”, da Rede Record, e “Aquele Beijo”, da Rede Globo, como também pela série jornalística “Prazer à Venda”, novamente da Rede Record e o filme “Elvis e Madona” – cuja “travesti mais feminina de alma do que de corpo” parece o retrato de uma diversidade trans, em especial daquela que não cabe em um concurso de beleza – , ainda mais por estas estarem sendo premiadas por terem retratado travestis e transexuais de um modo considerado positivo pela ASTRA-Rio. Porém, o protagonismo, o qual também advém da visibilidade e é por esta performativamente construído, ficou a cargo principalmente de pessoas travestis e transexuais como João W. Nery, Lea T, Dandara Vital, Jane Di Castro e Jakellyne Uchoa. Estas duas últimas, inclusive, posteriormente se apresentariam na primeira edição do Miss T Brasil, com Jakellyne Uchoa interpretando ao vivo e dançando diversas canções pop daquele momento e Jane Di Castro performando todo o glamour e tradição da “Canção das Misses”.



Figura 25 - Cláudia Celeste e seu companheiro Paulo Wagner em cena. Prêmio Cláudia Celeste de Direitos Humanos. Divulgação ASTRA-Rio.

Como dito anteriormente, memória foi o tom deste espetáculo e premiação em homenagem à Cláudia Celeste em 2012, como também pode ser considerado o tom deste primeiro capítulo da tese. Memória, talvez num sentido de tradição, pode ser vista como um importante elemento daquilo que aqui se quer chamar e forjar como cultura, já que pode vir a ser um documento indelével e uma reiterada atualização do sentido e imagem daquilo que determinado coletivo constrói e pensa de si e para si. Além disso, a memória sendo uma constante reconstrução do passado – que no presente é recontado sob o signo do afeto em novos contextos e para novos públicos – também pode ser pensada como esta mencionada tradição, cultura ou “enraizamento”, segundo termo utilizado por Ecléa Bosi (2003), por ser um “passado concentrado no presente” (2003, p.186) capaz de “resguardar sonhos para o futuro” (2003, p.187). Nas palavras de Michael Pollak, “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (1989, p.10), sendo parte daquilo que é subjetivado como sua própria humanidade pelo grupo e por cada um de seus membros na relação passado, presente e futuro.

Política, cultura e identidade mostradas através de uma visibilidade dita positiva e protagonismo trans. Elementos tão caros ao Miss T Brasil estavam sendo trabalhados naquele mesmo ano de 2012 pela ASTRA-Rio, que considerou esta premiação como um teste de sucesso e, então, alçou novos voos com seu certame realizado no mês de outubro no Teatro João Caetano. A construção deste particular discurso previamente anunciado será aqui discutida, porém antes disso encerrarei este capítulo com mais um elemento dos bastidores e da memória. Ou dos bastidores da memória: a peça teatral “Todas as mulheres em nós”.

1.3.3 Todas as mulheres em nós (2013)



Figura 26 - Ensaio da peça Todas as mulheres em nós, 2013. Foto: Aureliano Lopes.

“Todas as mulheres em nós”⁴⁷ é uma peça inédita escrita por Majorie Marchi e composta por diversos esquetes que representam diferentes situações passadas por travestis e transexuais em seus cotidianos. É um texto simples e que cumpre seu objetivo de por em ação memórias e ideias associadas ou que se deseja associar à travestilidade. São diálogos rápidos e divertidos que provocam uma breve reflexão dotada de ironia acerca de algum fato ou situação corriqueira, como quase toda e qualquer peça de humor, em especial as ditas comédias de costumes⁴⁸. E sendo um exemplar que aqui identifico como comédia de costumes, segundo Majorie Marchi, “o texto é cômico porque a gente é cômica de alguma forma, a gente não quer ser material risível, mas a gente é cômica”, principalmente porque “uma coisa é você ser cômica, outra coisa é você se fazer de risível”, o que era reprovado veementemente por ela.

Durante a preparação para a segunda edição do Miss T Brasil, em 2013, “Todas as mulheres em nós” foi ensaiada por algumas travestis “veteranas” e representantes da nova geração para ser apresentada durante o concurso e, então, seria mais um produto artístico-cultural e mais um elemento no mosaico da “cultura trans”. A ideia era utilizar pequenos esquetes desta peça no Miss T 2013 com o objetivo de também testá-la junto ao público, já que posteriormente gostariam de montá-la por uma temporada regular em algum teatro para poderem contar suas histórias: “Uma coisa é chamar a Rogéria para fazer a mãe de não-sei-quem, uma coisa é dar o papel de uma trans para atores masculinos” (Majorie Marchi em entrevista ao autor, em 26 de setembro de 2012), o que é diferente do esforço daquele grupo em contar suas histórias segundo sua própria voz e versão, principalmente porque elas se veem como tendo muitas histórias e vasta experiência na cena teatral do passado. E ainda, como questionaram, quem sabe uma

⁴⁷ Ressalto que, apesar do mesmo título – o qual também é a tradução de uma canção francesa famosa na voz da cantora Dalida, *Je suis toutes les femmes*, bastante dublada e/ou cantada nos palcos travestis e transformistas da cidade do Rio de Janeiro – a peça “Todas as mulheres em nós” não é o mesmo que o espetáculo com este nome levado à cena durante os eventos do “Dia da visibilidade trans” promovidos pela ASTRA-Rio em 2010.

⁴⁸ Segundo João Roberto Faria (2012), comédia de costumes é constituída por um “texto desprezioso [...] a única tradição forte do teatro brasileiro do século XIX” (2012, p.08) e que tem sua ação dramática construída com base na “observação, descrição e crítica dos costumes” (2012, p.10) sociais de determinada época. A comédia de costumes, então, cria situações e personagens estereotipadas que “tornam-se risíveis por força dos exageros que cometem, das situações em que se colocam, das intrigas em que se envolvem, das confusões em que se metem, da hipocrisia ou da desonestidade que tentam ocultar, da ingenuidade que os torna vítimas de espertalhões — tudo para que a engrenagem da comicidade funcione com perfeição” (2012, p.11). O maior expoente deste gênero teatral no Brasil é o comediógrafo Martins Pena.

travesti não venha interpretar o papel de uma mulher, já que um homem pode interpretar o papel de uma travesti?

Utilizei o verbo no passado para me referir à montagem dos esquetes de “Todas as mulheres em nós” no Miss T Brasil 2013 porque, apesar de ensaiada algumas poucas vezes, a peça não foi levada à cena e justamente por isso não versarei neste trabalho sobre as cenas que ela retrata. Ela permanecerá inédita como sua autora ainda deseja, porém abordarei o que acompanhei nas duas vezes em que ela foi ensaiada nos dias 26 e 27 de março de 2013. Acredito que mesmo que não tenhamos o texto e as cenas criadas para esta peça teatral, versar sobre certo entorno ou enquadre e tudo que foi mobilizado durante seus ensaios se relaciona diretamente àquilo que pode ser chamado de “cultura trans” e que venho desenhando neste capítulo, com destaque para a questão da memória.

Os dois ensaios que aconteceram acabaram se tornando duas longas e eufóricas rodas de conversa cujo grande tema foi memórias das vivências e experiências trans das participantes. Mesmo com algumas participantes diferentes nos dois dias de ensaio, o tema da memória foi o grande tom em ambos os dias. Ouvei muitas histórias que ali foram compartilhadas em um momento de muito afeto, partilha e certa nostalgia, no qual tais memórias foram reconstruídas através de um generoso olhar para o passado; talvez agora, em que as “mais velhas” que estavam ali se encontram em uma situação de vida que poderíamos caracterizar como de estabilidade financeira, afetiva e emocional, o passado parece ter ganhado outros tons e era rememorado em toda sua positividade. E isso é possível pelo seu relato resignificado no presente, pois, como afirma Ecléa Bosi apoiada em Walter Benjamin, “não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção ‘é a apropriação veemente de que nós sabemos que não nos pertence mais’” (2003, p.20).

Os versos da parte final do poema acima citado e que, declamado em homenagem à Cláudia Celeste no prêmio da ASTRA-Rio que levou seu nome em 2012, pareciam estar ali naquele encontro em toda sua plenitude: “Eu penso com felicidade na vida que levei, no luxo e no lixo que compartilhei/ E sim, fui muito feliz, obrigada, pois eu vivi”. Os nomes de muitas travestis consideradas famosas ou bastante reconhecidas no circuito trans foram citados, seja por suas belezas, seus sucessos ou controvérsias. Diversas histórias de experiências no exterior, principalmente na Europa, sobre tudo no circuito artístico e/ou de prostituição pelo qual muitas travestis passaram foram ali contadas e recontadas: o quanto ganharam; o quanto foram desejadas; estratégias e “truques” que

poderiam aplicar nos clientes mais ricos e que eles aplicavam nelas; as violências e constrangimentos que passaram, como extradições e constrangimentos institucionais; além da menção de quem trabalhou onde, quem trabalhou com quem, quem era legal, quem era perigosa, quem ganhava muitos presentes de clientes, quem ganhava muito dinheiro...

As experiências do passado eram ali literalmente celebradas em um animado bate-papo, no qual falavam com certa nostalgia sobre o quanto tiveram experiências incríveis de aprendizado, sobre as pessoas fantásticas que conheceram e sobre diferentes situações talvez embaraçosas e de certa dificuldade no passado, mas que agora eram lidas como divertidas e engraçadas.

Diversas fotos das “mais antigas” foi material de apreciação e excitação, acompanhado de observações como “essa eu trabalhei com ela na Avenida Atlântica”, “essa eu conheci na Suíça”, “essa era linda”, “essa causava inveja”, “olha o corpo dessa”, “essa não tinha nenhuma plástica [e era linda]”, entre outras expressões que traziam o passado de forma até gloriosa para o presente. Experiências que, no passado, talvez tenham sido vividas como negativas, agora, neste momento diferente de vida, podiam ganhar novos contornos e significação, como a ideia de marginalidade associada às travestis e travestilidade: “Sabe, eu tenho saudade de quando eu era considerada perigosa. Esses dias eu tava andando em Copacabana com meu cordãozinho de ouro, tava andando e aí vieram dois pivetes que não tiravam o olho, já catei o que era. Foram chegando, já preparando pra me segurar e eu só falei com voz grossa: ‘É só pra olhar, caralho’. ‘É travesti, é travesti, não mexe não’ e saíram correndo”. Ao ouvir este relato, outra travesti presente na reunião contou: “E eu tava esses dias no ônibus, todo mundo foi assaltado menos eu e o ladrão ainda me deu tchau quando saiu. Dei tchau toda sem graça, o que o ônibus ia achar de mim?...”

Nesse voltar ao passado, destacavam o quanto suas experiências foram importantes e talvez até melhor do que as das travestis do presente, já que “sabiam se virar”, procuraram estudar e aprender línguas, ainda que informalmente, o que lhes deu uma base mais sólida para o que elas eram e são hoje como sujeito. O passado, então, visto pelos olhos do presente, parecia melhor. Deste modo, ressaltavam suas experiências e memórias tanto por terem construído uma trajetória de vida com “história pra contar” – e histórias de luta, de sobrevivência e de potência de vida – como também por terem tido mais acesso a bens culturais e experiências diversas neste sentido, como a circulação por

espaços teatrais, valorização de produtos como músicas e filmes tidos como clássicos e o aprendizado de línguas.

Relatos de tensão e suporte nas relações com suas famílias também tiveram lugar. De como o pai que conversava, apoiava e, de certa forma, conduzia à feminilidade sua filha que iniciava o processo trans ainda como uma figura “andrógina”⁴⁹. Ou de como a mãe, que no início foi radicalmente contra a travestilidade da filha, foi quem a acompanhou no hospital quando ela foi colocar suas próteses de silicone. Momentos como estes, nos quais algum familiar ofereceu suporte, ainda que em meio a incompreensões e possíveis preconceitos, parecem ser lidos como reveladores de uma aceitação quase que por completo daquela travestilidade. Como se tais familiares acabassem por aceita-la de tal forma que se transformavam nos principais auxiliares naqueles em momentos cruciais de seus processos de assunção da feminilidade – e a colocação das próteses de silicone nos seios parece ser o mais marcante e importante.

Os relatos que surgiram nos ensaios desta peça trouxeram muita coisa vivida e muita coisa encarnada no próprio corpo, sejam estes exemplos e memórias dos processos de construção de suas travestilidades como o quanto suas memórias estão literalmente no próprio corpo através de gestos estilizados e ideais de beleza para si e para outrem. Como afirma, apoiada em Pierre Clastres, Mônica Siqueira (2004) em seu trabalho sobre travestis e envelhecimento no Rio de Janeiro, “o corpo é uma memória, sendo que a lei inscrita sobre ele é uma lembrança inesquecível” (2004, p.107). E aqui os lugares sociais designados à travestilidade, associados às suas marcas de gênero, raça, geração, pertencimento geográfico e cultural, entre outras, aparecem em seus corpos e nas memórias que querem contar como, por exemplo, na cena em que ironicamente uma das participantes relatou acerca de um trabalho artístico em que teve que ficar nua: “Se tem uma coisa que travesti sabe é ficar nua”.

As memórias encarnadas em seus corpos e subjetividades e que desejam colocar em ação em uma peça teatral ou num concurso de beleza podem ser pensadas como o processo de criação de uma identidade pessoal e social, como discutido por Michael Pollak (1992):

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode

⁴⁹ Em um sentido tido como mais negativo e visto como de incompletude pelo campo.

construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (POLLAK, 1992, p.203).

Neste trecho acima citado talvez possamos estender aquilo que este grupo de travestis constrói para si como suas experiências, memórias e relato público destas, seja na peça “Todas as mulheres em nós”, na criação das categorias e seleção dos premiados e premiadas no III Prêmio Cláudia Celeste de Direitos Humanos ou no passado glorioso dos concursos de beleza trans e espetáculos de travestis ocupando os principais teatros da cidade do Rio de Janeiro. Todas essas memórias e a forma como são revividas e relatadas fazem parte daquilo que pensam e constroem singularmente para si como para a chamada “cultura trans”, que diz diretamente de cada uma e todas. Além de ser afetiva e estética, essa “cultura trans” também pode ser política e politizada, como discutirei no capítulo seguinte ao analisar tanto os apoiadores institucionais do projeto Miss T Brasil como o modo como tal projeto literalmente “ganhou corpo” – e determinado corpo – ao construir seu *casting* e a noção de um perfil que as candidatas deveriam ter e/ou construir para participar das edições deste certame.

2 ORGANIZAÇÃO, POLITIZAÇÃO E PREPARAÇÃO PARA UM CONCURSO DE BELEZA

O espetáculo parece ser o grande foco de um concurso de beleza, porém nas três edições que acompanhei do Miss T Brasil (2012, 2013 e 2014), um discurso que mesclava uma linguagem de direitos e cidadania também “atravessou” a beleza, politizando-a mais ou menos explicitamente. A beleza de e para concursos de beleza talvez sempre tenha sido política, como já apontava Edgar Roquette-Pinto, em 1933, ao criticar as pretensões do concurso Miss Brasil em eleger um “tipo brasileiro”, já que tal certame lançava mão de definições imprecisas mais voltadas para os gostos de seu júri que se baseava na “graciosidade das linhas, a pureza das formas, etc., etc” (1978, p. 20) e não na importância da antropometria para “determinar se estando bem colocado no seu tipo antropológico, é o melhor representante desse tipo entre todos os seus concorrentes” (1978, p.18).

Segundo Roquette-Pinto, a eleição de uma Miss seria “realmente bela e significativa” se ao final o concurso selecionasse as candidatas ou “tipos” “mais fortes, mais lindos, mais dignos, por si e pelos seus antepassados, de representar o ideal de sua gente” (1978, p.20), o que mostra como uma eleição de Miss pode possuir objetivos e fins políticos, principalmente porque, como afirmei em outro momento baseado nas ideias de Cohen; Wilk e Stoeltje, (1996), “concursos de beleza objetivam eleger dentre uma série de candidatas aquela que melhor representaria a ideia que tal grupo faz de si, o que tanto produz a imagem de uma coerência interna deste grupo, como o visibiliza perante um público e coletivo externo a este” (Lopes, 2013, p.2).

Esta justificativa discursiva que dará o tom político para determinado concurso de beleza será melhor analisada no Capítulo 4, no qual discorrerei sobre como um discurso político que clamava reconhecimento social através da noção de uma “visibilidade positiva” foi estabelecido no palco através de um espetáculo de eleição de uma Miss T, representante do coletivo de travestis e transexuais ou da “população trans”. No presente capítulo, analisarei como um discurso pré-espetáculo foi criado de modo a sustentar a politização daquele espetáculo da beleza com o apoio institucional e financiamento do Governo do Estado do Rio de Janeiro através do Programa Estadual Rio Sem Homofobia, da SEASDH/RJ. Este discurso e apoio institucional pré-espetáculo criaram a justificativa

do lugar legítimo da beleza para travestis e transexuais, o que a elevaria de algo fútil e/ou pessoal para tópico concebido como parte da “cultura trans” discutida anteriormente. Entendida neste sentido, a beleza seria central tanto nos processos de subjetivação de travestis e transexuais como nos esforços coletivos para que se tenha “mais mulheres trans em cima dos palcos e menos nos caixões”, como caracterizou Alícia Krüger, participante de concurso de beleza similar ao Miss T Brasil, o Miss Curitiba Trans, em 2015 (Machado e Denk, 2015).

2.1 Lutando contra o preconceito e promovendo a cidadania

Conforme discutido no capítulo anterior, a figura de Majorie Marchi foi central na idealização e organização do Miss T Brasil. Suas ações ganharam o nome da ASTRA-Rio, como a própria proposição do Miss T. Neste sentido, a figura da ASTRA-Rio ganha especial destaque, pois é formalmente a instituição proponente do Miss T, aquela que tanto o realiza como também a que “testou metodologias” e já vinha realizando atividades preparatórias (“Concurso Rainha Beleza Praiana”, de 2010, e o “Prêmio Cláudia Celeste de Direitos Humanos”, de 2012). A ASTRA-Rio, então, figura como uma grande incentivadora e proponente da “cultura trans”, que é politizada desde o início ao ser enquadrada em uma ONG comprometida com a luta em prol de travestis e transexuais e participe da tradicional e reconhecida da ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

Apesar do notável protagonismo de Majorie Marchi e da ASTRA-Rio na criação do Miss T Brasil, podemos afirmar que as três edições já realizadas só puderam ocorrer pelo apoio e patrocínio do programa estadual Rio Sem Homofobia da SUPERDir/SEASDH. Se a ASTRA-Rio foi a protagonista na idealização e organização do evento, sua execução foi possibilitada pela parceria e apoio do Rio Sem Homofobia. Dada a inserção de Majorie Marchi junto a tal Programa e o espaço que era ali dedicado

às chamadas “questões trans”, esta parceria foi possível e acabou sendo a responsável por grande parte do financiamento do certame nos três anos aqui analisados.

No ano de 2012, o patrocinador exclusivo foi o Governo do Estado do Rio de Janeiro, através do programa Rio Sem Homofobia em parceria com a Secretaria do Ambiente/SEA. Outras instituições figuraram como apoio a tal edição, como a Target (empresa de comunicação), Clínica *Facial Team* (especializada em feminização facial), Revista S! (distribuição gratuita dirigida ao público LGBT), Projeto Eco Moda (projeto situado na Superintendência de Território e Cidadania da SEA/RJ, voltado para a capacitação e reutilização de materiais recicláveis na produção de roupas e acessórios) e Empório Almir França, ateliê responsável pela criação e execução dos trajes que as candidatas usaram na abertura daquela edição, bem como o vestido da apresentadora Majorie Marchi e os trajes usados por Jéssika Simões no *Miss International Queen* daquele ano.

A edição de 2013 contou novamente com o patrocínio majoritário da SUPERDir/SEASDH, mas também do hospital tailandês especializado em cirurgias diversas para travestis e transexuais *Kamol Cosmetic Hospital*, que ofereceu como prêmio para as três primeiras colocadas vouchers a serem utilizados em qualquer cirurgia realizada pelo hospital nos valores de 200.000 Baht (aproximadamente R\$13.800,00 à época) para a primeira colocada e 100.000 Baht (R\$6.900,00) para cada uma das classificadas em segundo e terceiro lugares. SUPERDir/SEASDH e *Kamol Cosmetic Hospital* foram nomeados como Patrocínio Ouro, ao passo que Garfield Produções e Eventos, Warley Oliver Hair Design e Empório Almir França foram considerados Patrocínio Prata e o Patrocínio Bronze ficou a cargo de Álvaro Camas Decorações, Atelier Henrique Filho, Clínica Facial Team, Paulo Rocha Bijoux e Clube Eau Personal Spa. Esta lista é bastante diversificada e estes patrocinadores poderiam tanto oferecer algum valor em dinheiro ou prestação de serviços, como o empréstimo e confecção de roupas ou acessórios. Ainda para segunda edição de 2013, o Miss T contou com o apoio de Atelier Michelly Xis, Roberta Brandão Fotografias, Splendor Produções, Korukru Bolsas e Rádio DNA Hits – todos estes prestando serviços de divulgação ou dando prêmios às vencedoras.

Já a edição de 2014 mais uma vez foi patrocinada praticamente em sua totalidade pelo Programa Rio Sem Homofobia. Apoiadores de anos anteriores novamente figuraram em 2014, em especial a clínica *Facial Team* e o *Kamol Cosmetic Hospital*, que novamente

ofereceu como premiação um voucher para a vencedora, mas agora no valor de U\$15.000,00 para ser utilizado em seu hospital, na cidade de Bangkok, Tailândia.

Principal patrocinador, o programa estadual Rio Sem Homofobia nomeia-se como uma política que “visa combater a discriminação e a violência contra LGBT e promover a cidadania desta população em todo território fluminense, respeitando as especificidades desses grupos populacionais”, suas ações são executadas “através de disseminação de informações sobre direitos e sua defesa [...] além da produção, implementação e monitoramento de políticas públicas transversais, isto é, em todas as áreas de governo, a fim de promover a cidadania LGBT” (Rio Sem Homofobia, 2015). Conforme destacado por Sílvia Aguião (2014), o “‘pioneirismo’ e a ‘vanguarda’ reveste a imagem construída para essa política e é utilizada para falar de todo tipo de ‘primeira vez’” (2014, p.191), principalmente por ser a primeira deste tipo oficializada na estrutura de um governo, ainda que seus objetivos de “estabelecer ações e metas, bem como monitorar e avaliar a implementação, nas diversas secretarias, das diretrizes do programa fluminense – [tenha sido] inspirado no Brasil Sem Homofobia” (Rio Sem Homofobia, 2015), programa do Governo Federal lançado em 2004⁵⁰.

É notório que o grande mote da SUPERDir/SEASDH é o propagado “combate à homofobia e promoção da cidadania LGBT”, como também destacam na caracterização que fazem de si:

Após anos de obscurantismo e negação de direitos à comunidade LGBT, esta população passa a ter atenção do poder público estadual. Uma das reivindicações do Movimento LGBT era para que as políticas públicas dirigidas aos LGBT deixassem de ser ações pontuais e incipientes, ou seja, deixassem de ser frágeis e sem continuidade.

Por isso, o Governo do Rio designou um órgão para articular, desenvolver e acompanhar as políticas públicas para LGBT. Por isso, em março de 2007 a SuperDir | SEASDH passa, entre outras responsabilidades, a cuidar do enfrentamento da homofobia e a promoção da cidadania LGBT (RIO SEM HOMOFOBIA, 2015).

Esta breve caracterização do Programa Rio Sem Homofobia e da SUPERDir visa apenas localizá-los na estrutura administrativa do estado do Rio de Janeiro, posição de onde vêm apoiar regularmente o Miss T Brasil e outros eventos, como a Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro. Isso não só garantiu que todas as candidatas tivessem hospedagem em hotel na cidade do Rio de Janeiro e o espetáculo pudesse ser realizado

⁵⁰ Para maiores informações sobre o Programa “Brasil Sem Homofobia” (2004), ver a íntegra de seu texto disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf

com a estrutura que um concurso de beleza pede, mas também conferiu legitimidade ao concurso – e, conseqüentemente, às travestis e transexuais – frente ao “governo do estado do Rio de Janeiro”, como foi frisado em diversos momentos pelo superintendente estadual de Direitos Coletivos, Individuais e Difusos, Cláudio Nascimento.

Nomear-se como “o governo do estado” no reconhecimento deste evento e de sua “população-alvo (trans)”, noção que discutirei ainda neste capítulo, parece criar um “efeito de Estado”, segundo a noção de Mitchell (2006), para quem “*the phenomenon we name ‘the state’ arises from techniques that enable mundane material practices to take on the appearance of an abstract, nonmaterial form*” (p.170). A nomeação do Programa Rio Sem Homofobia como o “governo do estado” que, tanto patrocina o concurso como oferece serviços voltados às demandas da “população trans”⁵¹, parece criar este enquadre de uma ideia de Estado que acaba por envolver o Miss T Brasil nas dimensões de discurso político e da materialidade efetiva do espetáculo no palco.

Travestis e transexuais poderiam encontrar no aparato do Programa Rio Sem Homofobia “um lugar para chamar de seu”, conforme propagado no slogan característico dos Centros de Cidadania LGBT que oferecem apoio psicológico, jurídico e social (Rio Sem Homofobia, 2015). Porém, não era isso que parecia estar em questão nesta parceira Rio Sem Homofobia-Miss T Brasil, mesmo que, durante os três anos do certame aqui analisados, diversas candidatas mencionassem nos bastidores a importância de reconhecimento de seu nome social – o qual até foi usado informalmente com sucesso em alguns casos, mas em outros não – e o desejo de poder ser assim identificada em seus documentos oficiais: “Conseguir mudar nosso nome, né? E cada uma tem seus interesses e é isso”; “[...] uso meu nome de menina sempre, que é uma coisa que eu sempre priorizo, porque acho que daí que começa o respeito tanto pra você quanto pra pessoa com quem você tá se envolvendo”; “Então, a gente sempre sofre, ainda mais quando a gente tem que usar o documento com nosso nome e tudo mais”; “Eu inscrevi [em outro evento] tudo

51 A grande pauta da retificação do nome e sexo nos documentos oficiais de identificação para travestis e transexuais talvez fosse a ação mais concreta que o Programa Rio Sem Homofobia e seus serviços poderiam “oferecer” ao coletivo deste certame, já que, apesar de não poderem efetivamente modificar tal status, poderiam acompanhá-las pelos caminhos administrativo-burocrático que deveriam percorrer para tal fim. Além disso, contavam com parcerias com órgãos mais competentes para tal questão, como Núcleo de Defesa da Diversidade Sexual e Direitos Homoafetivos, NUDIVERSIS, da Defensoria Pública Geral do Estado do Rio de Janeiro, DPGE/RJ, analisado por Lucas Freire (2015) justamente em sua atuação na retificação de nome e sexo de travestis e transexuais.

com o mesmo... assim, no mesmo direito, meu nome masculino com nome feminino e tal e me aceitaram”.

O que parecia dar o tom da parceria entre este ente do “governo do estado” e um concurso de beleza era a legitimação do discurso público do Miss T Brasil: se o Miss T Brasil apregoava a “beleza em prol da cidadania” (em 2012), “a beleza contra a transfobia” (em 2013) e “pelo direito de ser quem somos” (em 2014), a ideia de um órgão da administração do estado que também luta contra a mesma ou correlatas formas de violência é mais do que bem-vinda na construção de um discurso político e imagem pública para o certame, ainda mais porque aquele órgão também pretende promover “a cidadania LGBT”, guarda-chuva que, neste momento, pode abarcar a cidadania trans, apoiando e legitimando o discurso do Miss T.

Em matéria publicada no dia 30 de outubro de 2012, dia do espetáculo da primeira edição do Miss T Brasil, no site do Rio Sem Homofobia, foi destacado que este evento tinha “o apoio do Programa Rio Sem Homofobia, [e] também contará com seis dias de atividades no campo dos direitos humanos, saúde, meio ambiente, educação e cultura para as participantes” (Rio Sem Homofobia, 2015). Acionava-se aqui, com certo caráter pedagógico, tópicos e áreas familiares a este Programa, cuja responsabilidade é “monitorar e avaliar a implementação, nas diversas secretarias” do estado do Rio de Janeiro, conforme acima mencionado, de medidas ou ações contra a violência e discriminação e promoção da “cidadania LGBT”. Responsabilidade, então, deste Programa na construção de certa noção de cidadania para essas travestis e transexuais que participariam do certame, principalmente porque “essa ação ajudará a elevar a autoestima das travestis e transexuais de todo o Brasil, dando força para que elas sigam combatendo o preconceito e lutando por sua cidadania e reconhecimento de sua identidade” (Rio Sem Homofobia, 2012).

Mesmo que vaga, parece estar presente aqui a ideia de que este protagonismo trans tão caro ao Miss T Brasil poderia ser potencializado através da parceria com o Rio Sem Homofobia, ainda que não fosse possível precisar que tipos de direitos ou definição exata de cidadania tal Programa garantiria às candidatas/“população” do Miss T. No topo do convite do Miss T Brasil 2013, inclusive, lia-se que “A Agenda Afirmativa de Travestis e Transexuais do Rio Sem Homofobia apresenta”, encimando a imagem de Marcela Ohio, Miss T Brasil 2012, como uma borboleta nua segurando no topo de seu corpo uma coroa

de miss. Logo abaixo aparecia a logomarca do concurso, a data de sua realização e o local, o já mencionado (e estatal) Teatro João Caetano (Figuras 28 e 29; convite da edição de 2012, com composição similar à de 2013, nas Figuras 26 e 27). O principal, então, parecia ser a construção deste discurso e o reconhecimento público das participantes como sujeito social e de sua política, como foi destacado no discurso público deste ente “governo do estado”, tanto no palco do Miss T Brasil como no “palco” do Programa Rio Sem Homofobia, como será melhor discutido no Capítulo 4.

Cabe destacar que nos anos de 2012 e 2013 o Miss T Brasil teve lugar no Teatro João Caetano, centenário e tradicional teatro da cidade do Rio de Janeiro, pertencente ao Governo do Estado. Aqui, o “estado” também “abriu as portas” deste importante espaço cultural para receber as ilustres candidatas ao título de Miss T Brasil. A cessão do palco do João Caetano só foi possível pelo fato de o Miss T acontecer desde “dentro” das malhas deste estado. Além de ser um importante e disputado espaço de cultura do Rio de Janeiro, o teatro literalmente serviu como uma plataforma dramática e discursiva para que aquelas travestis e transexuais se constituíssem como “mais mulheres trans em cima dos palcos e menos nos caixões”, como mencionado no início deste capítulo, e adentrassem “pela porta da frente um importante espaço de cultura de nosso estado”, como destacou Majorie em seu discurso de abertura da primeira edição do Miss T.

Ressalto a legitimidade dada pela moldura estatal constituída pelo apoio ao Miss T desse conjunto de órgãos da administração pública. Moldura que pode ser muito bem ilustrada pelos convites dos anos de 2012 e 2013 do Miss T Brasil e pela presença dos estandes completos do Rio Sem Homofobia no hall dos locais onde o evento aconteceu (Teatro João Caetano em 2012 e 2013 e Clube Casa das Beiras em 2014)⁵². Neste material impresso, o pacote completo de logotipos com a menção ao Programa Rio Sem Homofobia, Disque Cidadania LGBT, Centro de Cidadania LGBT Capital (apenas em 2012), SUPERDir, SEASDH e Governo do Estado do Rio de Janeiro destacava-se mais do que qualquer outro apoiador ou a própria ASTRA-Rio., o que pode ser lido como um literal “carimbo” chancelando a imagem e discurso presente nesta peça de divulgação. Além disso, a presença dos coloridos e chamativos estandes com material sobre os serviços da SUPERDir e Rio Sem Homofobia logo após a porta de entrada dos locais em

⁵² Acabei não tirando nenhuma foto desses estandes, como também não encontrei nenhuma imagem destas estruturas do Rio Sem Homofobia, no Miss T Brasil.

que o Miss T foi realizado figurava como uma primeira imagem que o público tinha de tal evento, além de dar as boas-vindas à plateia.



Figura 27 - Frente do convite para o Miss T Brasil 2012.



Figura 28 - Verso do convite para o Miss T Brasil 2012.



Figura 29 - Frente do convite para o Miss T Brasil 2013.



Figura 30 - Verso do convite para o Miss T Brasil 2013.

2.2 Direitos e cidadania que “não tem roupa certa”

Como discutido no tópico anterior, o apoio do Programa Rio Sem Homofobia da SUPERDir/SEASDH foi uma peça importante para o fortalecimento do discurso político construído pelo Miss T Brasil, seja por aquele ter sido o principal financiador do evento como também pelo discurso que fundamenta suas próprias justificativas e ações ir ao encontro daquele publicizado pelo Miss T. Os órgãos públicos/governamentais e do movimento social, respectivamente, Rio Sem Homofobia/SUPERDir/SEASDH e ASTRA-Rio, deram a chancela institucional necessária para que o Miss T Brasil se justificasse como aquele “projeto [que] tem como objetivo visibilizar positivamente travestis e mulheres transexuais brasileiras, sua identidade, cultura, pleitos e especificidades sociais através de atividade cultural transversal que dialogue com outras

temáticas como direitos humanos, saúde e promoção da cidadania trans”, conforme apareceu no Miss T Brasil 2013.

Além de propor a eleição da mais bela trans do Brasil, o Miss T buscava produzir sujeitos políticos e de direitos, principalmente por cercar-se de temas tradicionalmente presentes na pauta de reivindicação do movimento de travestis e transexuais e imbricá-los na própria constituição deste sujeito político cidadão. E belo! Podemos então perguntar: o que está sendo produzido como justificativa para existência do concurso como ato político de visibilidade e reivindicação de direitos?

O discurso nativo do Miss T preconizava em sua primeira edição a “beleza em prol da cidadania”. A beleza, assim como a dimensão afetiva da ação política na reivindicação de justiça e direitos (Vianna e Farias, 2011), escapa às instituições jurídicas mais formais. Deste modo, como a beleza, então, poderia dialogar com o campo dos direitos? Como beleza e uma gama de direitos concebidos como cidadania podem se encontrar? Talvez a saída seja esta beleza se justificar segundo uma gramática dos direitos ao invés de levar a cabo a tentativa de antemão frustrada de entrar em instâncias formais, como os tribunais, já que ali não haveria a reparação plenamente desejada por muitas travestis e transexuais.

Ainda que a reparação ou reconhecimento social venham a ser buscado em outros lugares – muitos destes micro espaços afetivos como a família, grupos de amigos, etc – é notório que a travestilidade e, principalmente, a transexualidade adentraram os tribunais. Como aponta Miriam Ventura (2010), a classificação biomédica do fenômeno da transexualidade e o reconhecimento da necessidade de transformações corporais contribuíram para provocar o judiciário em sua competência, em especial a alteração da situação legal do sujeito transexual. Apesar de ainda ser pouco, é inegável que nos últimos anos conquistas importantes foram alcançadas em prol dos direitos da chamada população trans, como as já referidas transformações corporais via Sistema Único de Saúde, mudança de nome no registro civil, entre outras. O direito vivido aqui como uma cidadania, digamos mais formal, demanda um tortuoso e judicializado caminho.

Mário Carvalho (2015) também discute a categoria cidadania e utiliza como material de análise campanhas realizadas por algumas instituições estatais visando justamente a defesa e reconhecimento da “cidadania trans”. Ele menciona a campanha do “Dia da Visibilidade Trans” da então Secretaria de Direitos Humanos do Governo

Federal, recentemente transmutada para Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, que utilizou como slogan “Os direitos da população trans – travestis e transexuais – são direitos humanos” e afirma que seria evidente a menção aos “direitos humanos” por esta Secretaria, agora Ministério,

Entretanto, os discursos ativistas tendem em sua maioria a recorrer a noções como “respeito”, “dignidade” e “cidadania”. Sabemos que os direitos humanos se constituíram internacionalmente como forma de proteção do indivíduo contra violências perpetradas pelo Estado. No caso brasileiro, mais especificamente, eles tiveram maior notoriedade no combate à tortura e maus tratos por parte de forças policiais, principalmente em decorrência do longo período de ditadura militar.

Creio, então que houve uma dificuldade tanto de compreensão como de assimilação das bandeiras LGBT no escopo dos direitos humanos no Brasil, fazendo com que nos espaços brasileiros como nos latino-americanos, ideias como “cidadania” sejam mais recorrentes, e de fato, é raro ativistas reivindicarem os “direitos humanos” para tratarem de questões trans (CARVALHO, 2015, p.72).

Já em sua análise das imagens da campanha “Ação Educativa de Visibilidade e Cidadania Trans” produzida pelo Programa Rio Sem Homofobia da SEASDH/RJ (Figuras 30 e 31), em 2015, Carvalho (2015) afirma que a frase “Respeitar é... reconhecer que as pessoas são DIFERENTES e ao mesmo tempo são IGUAIS em direitos” (grifos no original) repetida em todos os cartazes da campanha iguala “respeito” a “reconhecimento”, sendo que este último, “por sua vez, é duplo: o reconhecimento social da diferença pessoal e o reconhecimento jurídico da igualdade de direitos. [...] a partir da reivindicação do estatuto de ‘cidadã/o’, a consequência lógica é o respeito, que se configura num duplo processo de reconhecimento, tanto social quanto jurídico” (Carvalho, 2015, p.85).



Figura 31 - Ação Educativa Rio Sem Homofobia com a participação de Roberta Brandão, fotógrafa oficial do Miss T, e Jéssica Simões, representante da ASTRA-Rio no Miss *International Queen* 2012, do qual saiu como segunda colocada (*1st Runner Up*). Divulgação Rio Sem Homofobia.



Figura 32 - Majorie Marchi (à esquerda) com a Miss T Brasil 2014, Valesca Dominik Ferraz, em pose junto a um dos cartazes da referida Ação Educativa Rio Sem Homofobia no dia de seu lançamento em 29 de janeiro de 2015, dia em que é comemorado o Dia da Visibilidade Trans. Divulgação Miss T Brasil.

Nesta gramática de direitos produzida em torno da noção de cidadania e consequente respeito para à “população trans” – categoria esta utilizada no exemplo citado da SDH e que, como a “população LGBT” analisada por Sílvia Aguião (2014), é produzida através de documentos, eventos (em especial, as conferências) e serviços específicos voltados para este grupo –, a grande questão parece ser a de um esforço para a efetivação do reconhecimento de que estas pessoas são “‘cidadãs’, isto é, pessoas detentoras de direitos e deveres em relação a uma coletividade compreendida como ‘nacional’ [...] a cidadania é adquirida a partir da inserção e integração em uma dada forma de organização política” (Freire, 2015, p.2).

Esta “coletividade compreendida como ‘nacional’”⁵³ literalmente ganhará corpo em um concurso de beleza, espaço quase ideal no qual os valores e a imagem que determinada “população” constrói de si e para si podem ser reiterados publicamente em uma festa para toda e qualquer audiência. Tradicionalmente, concursos de beleza, em especial aqueles tidos como nacionais, apregoam em seu discurso a construção desta ideia de nação (Anderson, 2008) através de sua caracterização como a eleição da mais bela representante de tal nação e utilização de determinada noção de feminino segundo um perfil ideal na eleição desta Miss – o que pode ser motivo de crítica de que a eleição deste “tipo-ideal” é falha, para voltarmos às ideias propagadas por Edgar Roquette-Pinto em 1933 e mencionadas no início deste capítulo.

Independente da forma como esta beleza será selecionada, ela seguirá padrões que pretendem representar uma “nação”, termo aqui utilizado de forma ampla para indicar a criação de certa representatividade para um coletivo que se pensa dotado de especificidade e “cara”, como a ideia geral aqui produzida de população. Muitas vezes, as diversas “populações” representadas em um concurso de beleza terão a mesma “cara”, ou seja, seguirão o mesmo padrão estético do que seria considerado beleza, como ilustra Ana Maria Batista (1997) ao afirmar que, no concurso mundial Miss Universo, “a beleza é naturalizada como uma beleza universal [...] que se expressa em tipos [...] particularizados no local, isto é nos países participantes [...] Ora, mas todas as candidatas

⁵³ Benedict Anderson assim definirá nação dentro de sua ideia de “comunidades imaginadas”: “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (2008, p.32).

ao Miss Universo são belezas nacionais a beleza nacional tem que atender aos requisitos da beleza universal” (1997, p.143).

Outras vezes, caracteres tidos como específicos ganharão destaque, em especial em certames que, de um modo mais direto “*function as re-integrative rituals for stigmatized identities*” (Bloul, 2012, p.4), como os concursos de beleza que reivindicam uma autenticidade étnica ou mesmo folclórica (Figuras 32 e 33), como o já mencionado *Queen Nigeria* analisado por Oluwakemi Balogun (2012), tido como concurso que elegeria a representante de uma autêntica africanidade, independente do que isto seja; ou como os concursos de beleza indígena na América Latina, como um exemplo equatoriano referido por María Moreno (2007) no qual “*los temas [...] tienen un tono más decididamente político. Es posible que las concursantes deban contestar preguntas referentes a la importancia de las federaciones indígenas para la sociedad ecuatoriana*” (2007, p.88). A ideia de “nação” e, então, da eleição de sua representante perpassa fortemente tais concursos que reivindicam para si um caráter étnico e/ou racial, ainda mais porque muitas vezes estes visam forjar determinada população – população negra, população indígena, etc – em referência àquela população geral que não precisa ser nomeada por ser entendida como a norma, mas que em um concurso de beleza tem uma cara que geralmente é branca/europeizada e pautada por um ideal de beleza tida como “universal” (Batista, 1997).

Figura 33 - Divulgação do Miss Western Navajo 2015-2016, promovido nos Estados Unidos pela nação Navajo.

Miss Surda Brasil 2013
FORTALEZA - CEARÁ
02/02/2013 - SÁBADO
Avenida Washington Soares, 3199
Edson Queiroz
R\$ 30,00 INGRESSO

Lucas Dias O Mágico
Show Humor
Felipe Maranhão Teatro de Sombras do IFS
ZOUK
Rui Zuzza e Vanessa Vidal

Candidatas de Estados

PREFEITURA DE CAXIAS
MAIS BELA NEGRA E MISS AFRO

Inscrição
Data: 18 de maio a 22 de junho.
Horário: Das 10h às 17h
Locais:
- Coordenadoria de Promoção de Igualdade Racial
- Prefeitura de Caxias do Sul - 3º andar

Concurso
Data: 24 de julho de 2015.
Horário: 21h
Local: Ponto de Cultura
UAB Cultural
Rua Luis Antunes, 80
Bairro Panazzolo (atrás do Fórum)

Figura 34 - Divulgação do Miss Surda Brasil 2013, realizado em Fortaleza/CE e Mais Bela Negra e Miss Afro 2015, promovido pela Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial de Caxias do Sul.

Uma ideia de nação será identitariamente constituída através da imagem desta população produzida através de um concurso de beleza, como precisamente postula Sarah Banet-Weiser (1997) ao afirmar que

Beauty pageants construct a specific imagined community, even while a particular vision of community occasions and informs their construction. Pageants create a national field of shared symbols and practices that define both ethnicity and femininity in terms of national identity. (...) I consider nationalism to be a discourse that mediates constructions of femininity and ethnicity in order to produce a particularly gendered notion of citizenship. In order to manage and control different styles and practices of citizenship, beauty pageants thus create imagined communities where nationalist discourse is produced as cultural tradition. Pageants confront national tensions about gender and race and, through performances of “diversity” and femininity, “resolve” these tensions (BANET-WEISER, 1997, p.07, aspas no original)

E, ora, criar uma ideia de representação e posteriormente representar de forma literal uma “nação” traz, nem que seja de forma implícita, um fundo político impossível de ser negado. Porém, assim como Sarah Banet-Weiser (1997), penso que este discurso político não se encontra implícito, mas explícito ao criar tais noções de certa cidadania, identidade e tradição cultural a que ela se refere e levá-las publicamente a um palco

perante uma audiência. O termo “político” pode não ser usado no léxico de determinado concurso de beleza, mas certamente é algo que o ronda no momento mesmo em que este cria o corpo que deseja representar.

Acerca da “população trans”, seja através de um concurso de beleza – e um concurso de beleza apoiado e financiado pelo “estado” – ou diversas outras ações promovidas por e para travestis e transexuais em sua luta por cidadania, um corpus discursivo do que constitui a identidade e/ou “tradição cultural” mesma daquela coletividade será criado e reiterado das mais diversas formas. Talvez um concurso de beleza como o Miss T Brasil seja a ação mais visível publicamente que toma para si esta responsabilidade na criação de determinada imagem pública baseada em uma ideia de beleza, que, por sua vez, foi fortemente politizada na reivindicação de cidadania e “direitos” para travestis e transexuais.

Versando sobre esta noção de um “direito específico” (trans) para “uma população específica” (trans), em sua dissertação de mestrado intitulada “A máquina da cidadania: Uma etnografia sobre a requalificação civil de pessoas transexuais” (2015), Lucas Freire analisa como, principalmente “a requalificação civil, ou ‘redesignação de prenome e sexo’ no registro civil”, concebido como “seus direitos” por travestis e transexuais produz noções de cidadania, reconhecimento e sujeitos de direitos da chamada população LGBT por um órgão estatal, o NUDIVERSIS – Núcleo de Defesa da Diversidade Sexual e Direitos Homoafetivos da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro. Como Freire também postula, ao mesmo tempo em que tais sujeitos e seus direitos são forjados enquanto legítimos para a Administração Pública do Estado, “reconhece-se ‘o lugar da diversidade’ justamente em um espaço de inferioridade, de menor importância diante das outras ‘urgências administrativas’ que cabem ao Estado” (Freire, 2015, p.36).

Parece haver aqui um jogo entre um reconhecimento tido como pleno ao nomear-se a “população trans” ou a “população LGBT” como sujeito de direitos – e esta noção mostrar-se presente no “estado em ação” através de suas práticas cotidianas e reiterativas (Vianna, 2013; Aguião, 2014; Freire, 2015) – ao mesmo tempo em que tais direitos ganham tons peculiares, justamente porque tais populações necessitariam de uma tutela ou serviços tidos como específicos. Neste sentido, em tal jogo entre especificidade e generalidade, as múltiplas significações em torno das noções de direitos (ou a falta deles)

poderá ser cambiante de acordo com o contexto no qual emerge, tornando sua reivindicação e/ou efetivação circunscrita ao “espaço dos possíveis” nos quais direitos e temas correlatos possam ser enunciados – e enunciados com a eficácia que seus enunciadores lhes creditam, ainda que em uma análise pragmática tal eficácia possa se mostrar ilusória.

Porém, este campo dos direitos, guardando uma autonomia relativa em relação ao meio social, não garante por si só a efetivação plena de algo tido como primordial e de direito para travestis e mulheres transexuais: o reconhecimento integral de seu gênero feminino e, conseqüentemente, de todas as formas de feminilidade possíveis na experiência trans. O universo formal dos direitos não consegue nem pode dar conta do reconhecimento destas feminilidades ditas trans na dimensão micro dos cotidianos e contextos concretos da vida de cada pessoa. E penso que a beleza se encontra aqui, naquilo que não cabe na gramática formal dos direitos nem nos seus espaços mais tradicionais de reivindicação, mas que a todo tempo é a ela referida, buscando em parte determinado reconhecimento jurídico e, principalmente, o pleno reconhecimento social entendido como cidadania para este coletivo.

2.3 Politização da beleza trans

Pautando-se e constituindo-se estética e politicamente em uma gramática de direitos e cidadania; possuindo uma liderança-entidade que dita e representa o que este grupo é; dotado de uma história que o ancora e legitima através da noção de “cultura trans”: talvez assim seja o Miss T Brasil ou esta leitura que dele faço até aqui. Já o que foi chamado de beleza trans – constitutiva do concurso Miss T Brasil e seu discurso público, mas não apenas restrita a este contexto de competição – também foi politizado por ser visto como de grande importância para travestis e transexuais, como destacou Majorie Marchi em coluna mensal publicada na Revista S! (2012) do mês de agosto, pouco antes da realização da edição de 2012 do certame. Com o título “A Influência da ‘BELEZA’ na formação das Identidades de Travestis e Transexuais brasileiras” (Marchi,

2012, p. 14, aspas no original), Majorie ressaltou sua autoridade construída junto a 10 anos de trabalho com a dita população trans, bem como através de sua trajetória pessoal de vida, para afirmar que anteriormente achava que a beleza era um indício de futilidade deste grupo, porém ao observar a absoluta recorrência do tema em qualquer discussão trans, passou a vê-la de outro modo. Além de resgatar ícones da tal beleza trans e as décadas e contextos nos quais estes nomes brilharam, postula que a partir do estouro de Roberta Close⁵⁴ como musa de beleza brasileira, um padrão foi estabelecido para travestis e transexuais. Segundo suas palavras, “esta supervalorização da beleza agravado [sic] pela necessidade de ser mais bela para ser mais respeitada, ter mais oportunidades, lucros na prostituição e a prostituta mais bem paga tinha recursos suficientes para comprar a blindagem social contra o preconceito que era oriundo do dinheiro que o submundo proporcionava” (Marchi, 2012, p.14).

Apesar de exaltar a beleza, Majorie questionava: “Será que temos obrigação de sermos lindas? Será que ser Linda é o melhor que eu posso ser? Será que ser Linda, Diva etc. é mais importante que ser cidadã? Será que meu peito e minha bunda são mais importantes que meu caráter e inteligência?” (Marchi, 2012, p.14). Após criticar aquelas que se deixaram seduzir pela fama e dinheiro, dizia que o respeito às trans deveria começar neste próprio coletivo para que elas possam “romper a barreira da beleza para levantarmos a bandeira da Cidadania e construir um amanhã mais justo e igualitário para as jovens travestis e mulheres transexuais que estão por vir utilizando a beleza para promover igualdade e não sub-guetos” (Marchi, 2012, p.14).

Nesta coluna, a denúncia do preconceito e discriminação contra a população trans se mescla a uma exigência moralmente exemplar dentro do próprio grupo. Ao mesmo tempo, a beleza transita entre ser valorizada, como talvez característica de uma subjetividade de tal grupo, e ser criticada como algo menor do que “caráter e inteligência”. Uma composição um tanto quanto complexa e ambígua é produzida em torno da beleza, que quando concebida como “cultura” e/ou entendida como parte constitutiva da experiência trans se mostra valorizada e legítima. Preocupar-se com a beleza parece ser algo socialmente tido como fútil ou superficial, mas quando politizada e reinventada como central no processo de subjetivação de travestis e transexuais, ganha

⁵⁴ Modelo transexual brasileira que, nas décadas de 1980 e 1990, ganhou grande notoriedade por sua beleza.

outro status e talvez pode então ser inscrita na gramática dos direitos e cidadania da população trans.

Já na edição do mês seguinte, a coluna deu destaque para a francesa Coccinelle, “a mais famosa Transexual de todos os tempos” (Marchi, 2012a, p.14). Nesta coluna, um breve histórico sobre ela destaca que, nascida em 1931, foi pioneira em reconhecimento público, mencionando sua fama no mundo teatral francês e mundial por décadas (incluindo uma ruidosa passagem pelo Brasil); sua cirurgia de transgenitalização realizada no Marrocos, em 1958; e seus três badalados casamentos, com destaque para o primeiro, consagrado pela Igreja Católica após audiência e autorização papal em 1960 (Marchi, 2012a). Majorie Marchi ressaltava ainda como feitos de Coccinelle a criação, em 1994, de uma associação em prol dos direitos de transexuais, na qual teria trabalhado até sua aposentadoria o ano de 2000, seis anos antes de sua morte.

Coccinelle foi ainda caracterizada como influência para “gerações devido à grandiosidade da sua arte, beleza e ousadia”, “importante protagonista da história trans mundial”, “símbolo mundial na luta por direitos e da Arte de Travestis e Transexuais” (Marchi, 2012a, p.14). Além disso, foi construída como um verdadeiro ícone, como frisou Majorie Marchi: “considerando que a maravilhosa atriz Rita Hayworth ao imortalizar a personagem ‘Gilda’ inspirou a criação da conhecida frase ‘Nunca houve uma mulher como Gilda’. Um plágio da mesma seria justo ao se tratar de Coccinelle [...] afinal, ‘Nunca houve uma transexual como Coccinelle!’”. (Marchi, 2012a, p.14). Cláudia Celeste, em sua entrevista a mim cedida, também corroborou esta mesma ideia de Coccinelle como um marco no processo de “visibilidade trans” e um mito, o que denota que esta sua aura parece fazer parte de certo imaginário trans, em especial no que se refere à feminilidade e beleza:

Quando veio depois a primeira operada, que foi a Coccinelle, uma francesa também que veio de Paris e tudo. Aí ela saiu na capa da Manchete, que era a revista do auge, entendeu? Ela na piscina do Copacabana Palace, na pérgula do Copacabana Palace, se era homem ou mulher, o peito deste tamanho [faz gestos simulando grandes seios]. O povo ficou apavorado, não sabia o que era aquilo. Que é isso? De peito, uma mulher, era uma mulher, pequenininha, uma mulher, vozinha de mulher, tudo de mulher. Mulher mesmo, perfeita. Os olhos desse tamanho azuis, não existia lente de contato nada disso não. Era loura com aqueles olhos azuis, com aquela touca de banho, que era umas toucas de banho que se usava de plástico com margaridinha e não sei o que [risos]. Hoje em dia é uma cafonice, mas na época foi um sucesso e tudo. E ela só daqui assim com os peitos desse tamanho assim no sutiã, com aquela touca assim, aquela cara assim na revista, aquilo parou tudo. Aquilo foi um sucesso, foi o primeiro trans, transexual, que teve glórias que nunca nenhuma até hoje eu nunca vi. Com grandes personalidades, ela fotografava rodando o mundo inteiro. Ela

teve no Brasil, foi um sucesso, ela amou o Brasil. Foi um sucesso estrondoso (Cláudia Celeste em entrevista ao autor, em 05 de outubro de 2012).



Figura 35 - Coccinelle na capa da Revista Manchete em 1963, quando em visita ao Brasil.

A figura de Coccinelle parece ocupar neste imaginário social o lugar de uma espécie de “mito da beleza”, segundo expressão utilizada por Naomi Wolf (1992). Porém, enquanto Wolf argumenta que a moderna noção de beleza diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens” (1992, p.17), cujo objetivo e “conseqüência [advém] unicamente da necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contra-ofensiva contra as mulheres”

(1992, p.16), aqui há uma exaltação da ideia de uma beleza trans e de todas aquelas pós-Coccinelle. Isto pode parecer um tanto quanto paradoxal, já que Wolf identifica esta ideia da beleza como pertencente ao domínio do masculino e operando para uma dominação do feminino, ao passo que a concepção nativa do Miss T a concebe como emancipatória frente ao lugar social designado para travestis e transexuais⁵⁵:

O ceticismo da época moderna desaparece quando o assunto é a beleza feminina. Ela ainda é descrita — na verdade mais do que nunca antes — como se não fosse determinada por seres mortais, moldada pela política, pela história e pelo mercado, mas, sim, como se houvesse uma autoridade divina lá em cima que emitisse um mandamento imortal sobre o que faz uma mulher ser agradável de se ver. [...] O direito de um homem de julgar a beleza de qualquer mulher, enquanto ele próprio não é julgado, não é questionado porque é considerado divino. Tornou-se de tamanha importância que a cultura masculina o exerça porque ele é o último direito não contestado a permanecer intacto dentre a antiga lista dos privilégios masculinos: aqueles que se acreditava terem sido concedidos por Deus, pela natureza ou alguma outra autoridade absoluta para que todos os homens exercessem sobre todas as mulheres. Dessa forma, esse direito é exercido diariamente com severidade muito maior para compensar os outros direitos sobre as mulheres e as outras formas de controlá-las, hoje perdidos para sempre (WOLF, 1992, p.113-114)

Deste modo, talvez a beleza no Miss T Brasil possa ser considerada divina neste sentido que Wolf lhe atribui, principalmente porque é naturalizada e parte-se da constatação de sua existência e possibilidade para aí sim poder utilizá-la como ferramenta política na busca por legitimidade e reconhecimento sociais. Como bem nos lembra Denise Bernuzzi de Sant’Anna, em uma concepção também um tanto quanto naturalizante do belo, “a beleza é um trunfo de quem a possui, um objetivo dos que não se consideram belo, um instrumento de poder, uma moeda de troca em diferentes sociedades” (2014, p.08). Talvez se não fosse a beleza a ocupar este lugar, outro item provavelmente o ocuparia já que nas sociedades contemporâneas ela funciona como espécie de mediador de relações de poder que, por sua vez, nos formam como determinados sujeitos em certos contextos.

Ana Maria Batista também utiliza os argumentos de Naomi Wolf em sua análise sobre o concurso Miss Universo (1997), porém os questiona ao perguntar se “sendo o Miss Universo um evento ‘mundano, frívolo, contrário aos princípios religiosos’, onde as moças ‘exibiam as pernas para 60 milhões de pessoas’ e as vencedoras tornavam-se independentes (‘muitos ricas’, ‘vão pra onde ter na telha’), não seria ele o que haveria de

⁵⁵ E aqui incluo a “beleza trans” como beleza feminina ao discutir as ideias de Naomi Wolf e outros autores e autoras sobre este último tópico, principalmente pelo discurso nativo do Miss T Brasil inserir travestis e transexuais dentro de uma noção de “beleza feminina brasileira”, como veremos no Capítulo 4.

mais oposto à situação vigente para a mulher de então, aos valores patriarcais?” (1997, p.89). Mas, ao longo do trabalho chega à conclusão de que, ainda que o concurso Miss Universo cause fascínio em uma legião de mulheres e outros possíveis fãs, sua “idéia da valorização do trabalho feminino e do direito da mulher se constituir [...] no caso, não é qualquer um, posto que, não deve se chocar com os ideais puritanos [...] e não importa o quão gratificante e importante seja, é sempre um acréscimo, pois o que justifica a vida da mulher, neste discurso, ainda é ter filhos” (1997, p.181).

Porém, mais do que reafirmar o “mito da beleza” e suas consequências na vida de mulheres cisgênero (e também incluo as mulheres transgênero), Ana Batista (1997) promove uma problematização sobre o quanto determinados ideais de beleza e feminilidade são produzidos em concursos de beleza, embora a forma como operarão na vida de milhões de mulheres não é passível de ser determinada. Não é possível pensarmos em um único efeito provocado pela produção e divulgação de imagens daquilo que é tido como belo ou de um padrão de beleza, ainda que Naomi Wolf (1992) insista que a construção deste “mito da beleza” atua na formação das subjetividades femininas em prol de sua submissão – e criação do desejo desta submissão entendida como valorosa da figura feminina.

O que nos parece mais interessante – e até mesmo urgente – é, como defende Ana Batista (1997), a concepção de um concurso de beleza como um “espaço de construção de gênero, entendendo-se ‘espaço’ de uma forma amplamente dialógica, onde há absorção e reforço de modelos e onde contam contextos, atores sociais, estilos, etc.” (1997, p.214). E esta construção de gênero corporificada em uma Miss também dialogará ao mesmo tempo com ideais e reapropriações diversas de outros marcadores sociais de diferença, como raça/etnia, classe, sexualidade etc. Sarah Banet-Weiser (1999) nos oferece um intrigante exemplo de como este espaço de construção de gênero pode ser encarnado em um concurso de beleza ao analisar a competição de biquíni (*swimming suit competition*) do Miss América. Segundo esta autora, há um policiamento acerca do tamanho do biquíni e de como as candidatas se portariam no palco nestes trajes, pois tais biquínis não poderiam mostrar “demais”, não sendo então “*cut up too high or cut down too low*” (1999, p.82) e a forma como as participantes os usariam durante o desfile poderia localiza-las segundo sua classe e/ou etnicidade, o que seria medido de acordo com todos os trejeitos e maneirismos de seu corpo. Aqui a classe social se mostra como o grande marcador de diferença encarnado no corpo das candidatas. Mais do que o desfile em

vestido de gala que, de certo modo, pressupõe determinado comedimento por parte das candidatas, o desfile em biquíni serviria como espaço no qual a candidata “realmente” mostraria a que contexto cultural aquele corpo pertence, lembrando aqui que o corpo traz de forma indelével tais marcas e referências culturais inscritas em suas formas, gestos e movimentos (Wacquant, 2002; Boltanski, 2004; Aréchaga, 2011; Bourdieu, 2014).

Em um esforço para contextualizar socialmente a beleza e corporalidades das Misses T, na coluna de Majorie Marchi, do mês de outubro de 2012, a violência foi apresentada para justificar ainda mais sua guinada à beleza nesta autointitulada “ousada e inovadora empreitada” e convidar o público para a festa da beleza de travestis e transexuais:

No meio de tantos assassinatos e casos de violência tendo como vítimas travestis e mulheres transexuais brasileiras acabo sendo questionada sobre o motivo da realização desse evento ligado a beleza. Aproveito para ressaltar que a ASTRA RIO, com a qual tenho total comprometimento, tem o compromisso com o desenvolvimento destes segmentos como a melhorias de qualidade de vida da sociedade.

A Astra Rio vem, através desta ação, resgatar um importante momento histórico da cultura LGBT da cidade do Rio de Janeiro. Nos anos 1970, na Praça Tiradentes (famoso polo de manifestações culturais LGBT/RJ) foram realizados com grande sucesso os Concursos “Miss Brasil” com candidatas travestis, transformistas e transexuais no Teatro Carlos Gomes. Sua última edição ocorreu no ano de 1976. Este projeto celebra a afirmação de identidade e a feminilidade de travestis e mulheres transexuais. Afinal, *a gente não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte...* (MARCHI, 2012b, p.15, grifos no original).

Vemos aqui uma construção que novamente traz o histórico dos concursos de beleza realizados na década de 1970, no Teatro Carlos Gomes, conforme analisados no capítulo anterior, juntamente com a ideia de que celebrar a identidade de travestis e transexuais, seja de que forma for, é legítimo por elas não se constituírem enquanto coletivo apenas em relação à violência. A violência e uma possível vitimização não são negadas, porém não são a pauta principal do Miss T, “afinal, *a gente não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte*”, como afirma o verso evocado da canção “Comida”, composição de Arnaldo Antunes, Sérgio Brito e Marcelo Fromer para a banda Titãs.



Figura 36 - Campanha feita nas redes sociais pela ASTRA-Rio para o Dia da Visibilidade Trans de 2014. Divulgação ASTRA-Rio.

Ilustrativo do binômio violência/beleza foi também a fala de uma candidata de um dos anos do Miss T. Em momento em que estávamos a sós, enquanto esperávamos o início de uma das atividades do concurso, ela afirmou que ser bonita poderia gerar maior violência direcionada a si, pois seriam mais admiradas e cortejadas por homens na rua. No momento em que tais homens descobrissem se tratar de uma travesti, deveriam reafirmar ou mesmo reaver sua masculinidade, comprometida pelo fato de demonstrar interesse e/ou desejo por uma pessoa trans⁵⁶. Esta candidata chegou mesmo a afirmar que “sabe, preferia não ser bonita”, momento em que pensou por alguns segundos e disparou: “mentira, eu adoro ser bonita!”, seguido de muitos risos de nós dois.

⁵⁶ O padrão descrito nesta cena parece ser próximo àquela masculinidade na qual práticas ou atos violentos são socialmente permitidos contra quem desafia certa masculinidade hegemônica (Nascimento, 2015). Como afirma Marcos Nascimento, “este es el juego de las relaciones entre los hombres y las configuraciones de la masculinidad, que establece lo que Kimmel (1997) llama ‘la vigilancia de género’, es decir, la vigilancia continua, incesante, sobre el desempeño de los hombres en sus discursos y prácticas diariamente sobre el modelo idealizado del ‘hombre de verdad’. Es en el ejercicio de vigilancia de los otros y de si mismo que los hombres tratan de obtener la confirmación de sus credenciales masculinas. La masculinidad se confirma mediante la aprobación homosocial (KIMMEL, 1997; WELZER-LANG, 2001). Este dispositivo controlador de los hombres, sus prácticas, discursos y modos de vida, tiene por objeto regular las expresiones de afecto según una ideología sexista, machista y homofóbica” (2015, p.45-46).

A composição entre violência, em especial aquela classificada como transfobia⁵⁷, e a celebração da identidade trans através da beleza, parece politizá-la e transformá-la em uma espécie de resposta, ou “um perverso ato de vingança”, nos dizeres de Juana Rodriguez (2015), contra um mundo que reiteradamente define como abjeto (Butler, 2002), não legítimo (Namaste, 2000) e/ou objeto de permanente escrutínio social (Connell, 2012) o lugar social ocupado por travestis e transexuais. Ao inserir estas múltiplas formas de violência na equação da beleza, as ideias de Naomi Wolf (1992) talvez pareçam estar em diferente nível de argumentação ou a serviço de outro projeto político, qual seja, um projeto social de liberação feminina, ao passo que autores como Michael Taussig (2012), Rachel Bloul (2012) e Marcia Ochoa (2014) preocupam-se mais com a beleza como estratégia de sobrevivência nos contextos em que aparece.

A existência de algo reconhecido como beleza em contextos de violência é tema dos instigantes trabalhos *Beauty and the beast* (2012) de Michael Taussig e *Queen for a Day: Transformistas, Beauty Queens, and the Performance of Femininity in Venezuela* (2014), de Márcia Ochoa. Taussig, referência em estudos sobre violência e terror com trabalho de campo na Colômbia, aborda a beleza, utilizando-se da complexa noção de despesa⁵⁸ formulada por Georges Bataille.⁵⁹ Afirma que tanto nossas vidas cotidianas são constituídas segundo uma forma e beleza estética, como também o terror segue determinado padrão estético. A despesa, que pode tomar a forma de beleza em meio ao

⁵⁷ Termo utilizado para classificar a discriminação e violência voltada de forma específica para travestis e transexuais, análogo à ideia de homofobia, que é grosso modo definida como aversão e discriminação contra sujeitos identificados como homossexuais.

⁵⁸ Apesar de Michael Taussig (2012) afirmar que o termo *dépense*, original utilizado por Bataille em francês, poderia ser traduzido como *toomuchness* (termo que toma emprestado de Norman Brown) ou *excess*, em seu texto ele o utiliza como *depense* grafado em itálico. Neste trabalho, traduzirei tais termos como “despesa”, tradução de Júlio Castanõn Guimarães do original francês para o português (Bataille, 1975).

⁵⁹ Bataille forja sua noção de despesa como o gasto excessivo que foge à lógica de uma racionalidade produtiva, como o *potlatch* dos índios norte-americanos, analisado por Marcel Mauss e por ele resgatado; o luxo ostensivamente afirmado pela nobreza; espetáculos artísticos; cultos que exigem um “desperdício sanguinolento de homens e animais de ‘sacrifício’” (Bataille, 1975, p.31, grifo no original), entre outros. No cerne da argumentação de Bataille, está a perda que coloca quem despense tanto no lugar de raro e de excessivo, pois “a ênfase é colocada na ‘perda’ que deve ser a maior possível para que a atividade adquira seu verdadeiro sentido” (Bataille, 1975, p.30), quanto no de vulnerabilidade, já que tal perda envolve riscos (da mesma forma que os de jogos de apostas e azar) e gastos de somas vitais, ao contrário do dispêndio burguês que gasta apenas o excedente. A despesa de que trata Bataille é do tipo agonístico e se constituiu como “‘estados de excitação’ [...] [que] podem ser definidos como impulsos ilógicos e irresistíveis para a rejeição de bens materiais ou morais que teria sido possível utilizar racionalmente” (Bataille, 1975, p.45, grifo no original). Esta noção de despesa de Bataille não envolve uma discussão sobre a beleza, porém a menciono aqui por acreditar que tal noção pode ser pertinente para sua análise, como percebido por Taussig (TAUSSIG, 2012).

horror (da vida cotidiana), é aquilo que, fora de uma lógica ou explicação puramente racional e pragmática, estabelece uma forma estética na qual beleza e morte convivem conjuntamente (Taussig, 2012).

Michael Taussig (2012) utiliza como grande exemplo de despesa as por ele nomeadas “cirurgias cósmicas” (*cosmic surgeries*), concepção que toma as cirurgias cosméticas dentro de uma totalidade social organizada em torno do excesso do consumo capitalista e a uma totalidade pessoal que tenta controlar o tempo e seu impacto sobre o corpo, mesmo que racionalmente se conheçam os riscos que uma cirurgia pode oferecer. Este autor afirma que os riscos e a iminência da morte, em especial em “cirurgias cósmicas” realizadas em locais e/ou por “profissionais” que não oferecem as garantias contidas nos protocolos oficiais de saúde, tornam, justamente por isso, a beleza ainda mais bela. Morte e vida estariam imbricadas nesta produção da beleza por esta ser mais claramente uma despesa caracterizada como “improdutiva” (não utilitária) ou um “sacrifício ostensivo” (Bataille, 1975).

Apesar de “improdutiva”, a beleza seria algo ao mesmo tempo estruturante, útil e excessivo, dizendo também de uma forma estética ordinária presente em nosso cotidiano como uma força poética (da despesa), que tanto poderia tomar forma no corpo em “*an active force in designing a new body, a new face*” (Taussig, 2012, p.6), como em distintas produções humanas, nas quais tal forma estética ultrapassaria seu sentido utilitário primeiro, como na construção de um avião ou no ato de dar um nome a alguém (exemplos também citados por Taussig). Este autor mescla todos estes exemplos aparentemente díspares objetivando tirar da beleza e das “cirurgias cósmicas” sua suposta excepcionalidade, de modo que uma forma estética estaria presente em todos os bens e momentos da vida social ao mesmo tempo em que algo que conceberíamos como o belo ou beleza também poderia conter uma dose de excesso e/ou despesa na forma como se constitui.

Neste sentido, o corpo e a beleza das Misses T Brasil tanto revelam a ordinariedade da construção de seu gênero (algo talvez visto como primário, pragmático ou mais racional) como se excedem na beleza colocada em cena no palco de um concurso de beleza. Um contexto de violência que as vitimiza e uma exclusão social que muitas vezes não as permite, por exemplo, entrar no sistema oficial de ensino e mercado formal de trabalho, poderiam parecer tópicos mais pragmáticos e racionais para ações em prol

de travestis e transexuais. Neste sentido, a construção e afirmação pública da beleza trans em um certame parece se constituir justamente de acordo com a noção de despesa batailliana ao fugir à racionalidade pragmática das ações políticas tidas como “mais urgentes” naquele contexto. Seria a afirmação do excesso e da despesa fundamentais para a vida humana, que não deve ser “reduzível [apenas] a processos de reprodução e de conservação [da vida humana]” (Bataille, 1975,p.30).

Da mesma forma que, para Taussig, a indústria da beleza sobrevive e cresce em momentos de guerra ou o salão de beleza em uma comunidade colombiana continua a ter seu movimento regular ainda que um conflito armado esteja instaurado, a persistência daquilo que é identificado como beleza “*speaks more generally to the body as emblem and vehicle, for a way of being that has displaced work and discipline in favor of style, transgression, and eroticized excess*” (Taussig, 2012, p.X). Talvez esta concepção se aproxime das de La Contessa, *transformista* que trabalhava prostituindo-se na Avenida Libertador da capital venezuelana e que, em entrevista a Marcia Ochoa (2014), assim se referia aos tempos que passou na Europa: “*Everything is gorgeous. Everything is pretty [...] There, although you may go hungry, you are always in beauty*” (Ochoa, 2014, p.77).

Neste jogo entre vida e morte, beleza e fome, e uma vida na qual “cirurgias cósmicas”, segundo a concepção de Taussig, sempre estiveram presentes, La Contessa disserta sobre as cicatrizes presentes em seu corpo:

From the eighties to the nineties, that was ten years that I, it was like I was paying for having done a crime. I don't know what crime I was paying for that... My love, they [the police] came up to me, they gave me beatings, left me broken from head to toe, every day. Every day I came home with my head broken, my legs broken, my face fractured, without... totally destroyed. Every single day! They would hit me, and they would do this or that and I would have to cut myself – so they would let me go⁶⁰ (OCHOA, 2014, p.78).

Dispêndio de sangue, esteticamente colorindo de vermelho aquele corpo que se quer ver livre da violência policial, da mesma forma como, durante a preparação da edição de 2013 do Miss T Brasil, planejou-se um ensaio fotográfico, executado apenas em 2016, com algumas participantes do certame em estilizadas situações de violência (Figuras 36 e 37). A ideia de lindas travestis e transexuais em imagens nas quais, por exemplo, o sangue escorre por seus rostos belamente maquiados ou respinga de vermelho o peito

⁶⁰ Marcos Benedetti (2005) também relata sobre esta prática/estratégia de cortar-se para se ver livre da polícia em sua etnografia sobre travestis que se prostituem na cidade de Porto Alegre.

aberto por uma bala, parece também trazer toda a despesa da beleza concebida por Taussig em poses glamourosas, assim como a ideia de uma possível erotização da violência⁶¹.



Figura 37 – Campanha “Um protesto mundial contra a Transfobia”. Realização ASTRA-Rio para divulgação em redes sociais no Dia da Visibilidade Trans de 2016. Nas imagens: Mini Han, *Miss International Queen 2010*; Marcela Ohio, *Miss T Brasil 2012* e *MissInternational Queen 2013*, e Roberta Holanda, segundo lugar *Miss T Brasil 2012*. Divulgação ASTRA-Rio.

⁶¹ Em síntese, esta argumentação que imbrica beleza e violência procura compreender estes dois tópicos como passíveis de coexistirem no mesmo contexto social. Não seriam pares opostos, mas sim, dialéticos. Argumentação diversa desta apresentada por Michael Taussig (2006) e Marcia Ohoa (2014), por exemplo, é aquela desenvolvida por Juana María Rodríguez (2014), que pensa a violência como passível de erotização. A violência, então, sendo constitutiva de muitos contextos e relações sociais, poderia ser positivada em “*an encounter with the sexual abjection that defines us, and as a perverse act of revenge, they allow opportunities for unforeseen bursts of pleasures in a world in which our pleasure was never imagined*” (Rodríguez, 2014, p.181-182). A violência erotizada seria ressignificada nos momentos em que teoricamente ela poderia ser vista apenas como destrutiva ou produção de sofrimento. Neste trabalho, lanço mão do primeiro argumento, porém penso que o segundo também poderia ser utilizado para se refletir sobre estratégias de sobrevivência e criação de uma noção de beleza em contextos marcados pela violência.



Figura 38 - Campanha “Um protesto mundial contra a Transfobia”. Realização ASTRA-Rio para divulgação em redes sociais no Dia da Visibilidade Trans de 2016. Nas imagens: Nathalie Oliveira, Miss T Brasil 2015; Kevin Balot, Miss International Queen 2012; e Valesca Ferraz, Miss T Brasil 2014 e 2º runner-up no Miss International Queen 2015. Divulgação ASTRA-Rio⁶².

Este glamour, beleza e feminilidade, que também aparecem em meio ao horror no trabalho de Marcia Ochoa⁶³ sobre a construção da beleza nas seletivas do concurso Miss Venezuela para mulheres cisgênero e na vida ordinária das *transformistas* que se prostituem na Avenida Libertador de Caracas, são vistos por esta autora como “*technologies with specific practices that result in social legibility, intimate power, and, potentially, physical survival in a hostile environment. Thus, the production of glamour, beauty, and femininity functions within transnational economies of desire and consumption*” (2014, p.89).

O que é visto como beleza aqui talvez também ganhe tons de estratégia e opere no sentido de mediar as relações sociais com alguma margem de “sucesso” e “protagonismo” para quem a detém. Porém, a beleza e o glamour parecem ser mais que isso: talvez sejam

⁶² Ressalto que diversas outras participantes do Miss T Brasil, modelos trans e lideranças travestis também participaram desta campanha, a qual pode ser acessada no seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/worldwideoutcryagainstTransphobia/?fref=photo>

⁶³ Outra forma de glamourização e erotização do horror ou da violência é descrita por Marcia Ochoa em seu resgate da festa *Caracas Mortal*. Organizada nos anos 1980 por homens gays, esta festa é descrita pela autora como uma espécie de festa *camp* e *queer* permeada por um humor sórdido, na qual a máxima “*La moda nace en Paris y muere en Caracas*” simboliza a produção da beleza em meio à “*death, failure, and disorder [...] death is invoked by queerness, but they also conjure the idea of pollution, the understood contamination of something pure with something impure or taboo*” (Ochoa, 2014, p.60).

uma forma estética considerada socialmente legítima e, justamente por isso, seja possível sua afirmação em contextos em que se conjugam pares trágicos e aparentemente antagônicos (vida e morte, guerra e paz etc.). Exemplo bastante ilustrativo disto e reconhecido por sua autora como perturbador, é aquele analisado por Rachel Bloul (2012) sobre competições de beleza nas quais estigmas advindos de doenças e/ou consequências de guerras presentes tanto na vida cotidiana como no imaginário social de determinadas localidades e grupos são o grande mote, de modo a promover “*symbolic integration of some stigmatized embodied identities: Miss HIV (Botswana, Uganda, Nigeria, Zimbabwe but also Russia), Mr or Ms AIDS (Kenya) and the most recent Miss Landmine (Angola, Cambodia)*” (Bloul, 2012, p.4-5).

Os concursos *Miss Landmine* realizados nos anos de 2008 em Angola (Figura 39) e 2009 no Camboja (Figura 38) parecem promover a máxima integração entre beleza e horror, abraçando um passado de guerras, genocídios e mutilações e levando-os ao palco de forma glamourizada como uma “celebração da beleza verdadeira”, conforme aparece entre seus principais objetivos:

*Female pride and empowerment.
 Disabled pride and empowerment.
 Global and local landmine awareness and information.
 Challenge inferiority and/or guilt complexes that hinder creativity-historical, cultural, social, personal, Asian, European.
 Question established concepts of physical perfection.
 Challenge old and ingrown concepts of cultural cooperation.
 Celebrate true beauty.
 Replace the passive term 'Victim' with the active term 'Survivor'
 And have a good time for all involved while doing so!
 (MISS LANDMINE, 2015).*

Este concurso concebe-se como promovendo um ativismo visual e contou ainda com uma versão *teen*. Como afirma Rachel Bloul, tais certames foram alvo de grande polêmica por boa parte de sua plateia e críticos que os viam como “grotesco, obsceno e explorador” (Bloul, 2012, p.4), talvez por colocarem em evidência de uma forma bela, o horror que na vida ordinária nos recusamos a ver ou nos acostumados a não ver. E a beleza, quando vista juntamente com o horror que a enquadra, causa desconforto justamente por colocar neste mesmo quadro elementos que geralmente vemos como separados ou opostos.



Figura 39 - Fotos de divulgação do Miss Landmine Camboja, 2009. Disponível em: <http://miss-landmine.org/>



Figura 40 - Foto de divulgação do Miss Landmine Angola, 2008. Disponível em: <http://miss-landmine.org/>

As questões levantadas por Rachel Bloul (2012) a leva a determinada concepção de beleza muito próxima das de Taussig (2012) e Ochoa (2014) conforme vimos aqui discorrendo:

If beauty is defined by its capability to take us out of ourselves, then the Miss Landmine contestants qualify. Like others, I have had many doubts about the pageant. But when I watched the video, listened to the participants telling their stories and saw them move and interact with the audience with a dignity, hope and grace I am not sure I could match under similar circumstances, I too felt they were beautiful. They had the beauty of resilience, of courage and enough spirit to make the most of what they have been dealt with (BLOUL, 2012, p.15)

Bloul (2012) parece prescindir de uma noção de beleza universal, que “*take us out of ourselves*” (p.15), como afirmou no trecho transcrito acima. Porém, esta afirmação parece dizer mais de seu posicionamento em seu campo de análise, do que dos certames que analisa, que parecem criar noções de beleza forjadas a partir de seus contextos locais, ainda que em relação constitutiva com um exterior que concebe certo padrão de beleza como “universal”. O Miss Landmine e o Miss T Brasil são concursos com tópicos diferentes, principalmente por este último ter se constituído mais próximo de um concurso de beleza tradicional do que de uma proposta tida como “alternativa”. Mas talvez os dois sejam próximos no ativismo que pretendem e na forma como seus sujeitos são vistos como “defeituosos” por boa parte dos membros das sociedades nas quais cada certame se insere. Talvez aquela “*courage and enough spirit*” que Bloul identifica no Miss Landmine possa ser traduzida como o “orgulho de se ser quem se é” no discurso nativo do Miss T Brasil. Da mesma forma, os relatos das Misses Landmine oferecidos por Rachel Bloul (2012) são muito próximos daqueles que podemos ouvir de quase todas as travestis e transexuais cotidianamente expostas à discriminação e violência no Brasil, em especial aquelas trabalhando no mercado sexual nas ruas das cidades brasileiras: “*Life for amputees in Cambodia is very bad,’ Sakhorn says. ‘The shopkeepers don’t even like me standing in front of their stores. Sometimes the police try to arrest us, or confiscate our merchandise. We’re treated like outcasts_ the authorities harass us because they think we’re below them’*” (Bloul, 2012, p.7).

A vida para as travestis e transexuais brasileiras também não é fácil, prisões arbitrárias também são realizadas e o mercado de trabalho formal se mostra extremamente fechado para esta “população”. Mas elas estão em beleza! E esta concepção de beleza aqui politizada tanto por servir como estratégia de reivindicação de direitos e cidadania como pela sua própria afirmação em meio à violência, parece ter preparado o discurso

que na sequência se ouviria durante o espetáculo da beleza trans. Deste modo e através deste discurso prévio, as candidatas puderam então ser selecionadas segundo determinado perfil (a ser discutido no Capítulo 3) e darem corpo e seus corpos à ideia de uma visibilidade positiva através do Miss T (mote do Capítulo 4).

No palco do Teatro João Caetano, que acolheu o desfile do Miss T Brasil em seus dois primeiros anos, a beleza de travestis e transexuais pode desfilarem prenhe de justificativas, pois, nas palavras de Majorie Marchi, “isso que é visibilidade trans, todo mundo discutindo, isso sendo divulgado e a partir da beleza divulgar outras coisas” (Anotação de campo, 2013). E, se em vários momentos desta trajetória do Miss T Brasil, a máxima “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte” foi reiterada, retomamos aqui as ideias de Taussig de modo a encerrar este capítulo com a conjugação das imagens da fome, da violência, da morte, da beleza, de “uma alegria”, dos “olhos firmes para este sol, para esta escuridão”, do “sangue sobre o chão”, de tudo que “é perigoso, tudo é divino maravilhoso”... dispêndios de “nossas vidas cotidianas que inundam nossas vidas cotidianas”:

(...) but what if – what if? – the wars and revolutions are forever, such that you are living your life in a permanent state of siege, a permanent state of ‘drift’? what then? What about fashion not ‘before’ but ‘during’ war and revolution? (Are not war and revolution subject to fashion too?) It is one thing to try to relate fashion to the prevailing state of society, culture, and morality. But it is quite another thing to contemplate the fashion for fashion when the aesthetics of everyday life swamp everyday life (TAUSSIG, 2012, p.96-97).

3 ENCARNANDO UM PERFIL: seleção, pedagogização e produção de um corpo coletivo

O Homem e a Borboleta

Chuang Tzu

Uma vez eu sonhei que era uma borboleta,
voando entre as flores e arbustos do jardim.

Tudo era tão concreto e real
que em momento nenhum do meu sonho
suspeitei que a borboleta era eu
ou que eu fosse a borboleta.

Para todos os efeitos possíveis e imagináveis,
eu era, eu agia e eu realmente me sentia uma borboleta,
cumprindo o destino de uma borboleta qualquer.

De repente, eu acordei
e lá estava eu, sendo a pessoa que eu sempre fui
– ou que sempre imaginei ser.

Sei muito bem
que entre um homem e uma borboleta
há tantas diferenças fundamentais e insuperáveis
que a transformação de um no outro
é algo simplesmente impossível de acontecer no mundo real.

É por isso que, desde então,
eu nunca mais tive sossego
quanto à minha verdadeira identidade.

Pois não há nada que me permita saber,
com toda certeza e rigor,
sem nenhuma margem de dúvida,
se eu sou verdadeiramente um homem,
que um dia sonhou que era uma borboleta,
ou se eu sou uma borboleta,
sonhando que é um homem.

Para conquistar minha liberdade, seria preciso me “trans-viar” do gênero que a sociedade projetou para mim. Era necessário “trans-por” os terríveis muros fortificados que, na minha mente, separavam o gênero masculino do gênero feminino e me “trans-vestir” para me “trans-formar” no projeto de pessoa que eu queria ser.

Nada fácil, nada imediato, nada prometendo flores e aplausos. Apenas um longo e cansativo processo de lagarta, crisálida e borboleta.

(Leticia Lanz)

O poema acima transcrito foi por mim encontrado entre as reflexivas e poéticas postagens de Leticia Lanz em seu site Arquivo Transgênero⁶⁴. Leticia Lanz, psicanalista e teórica transgênera, nos traz este milenar poema chinês no contexto de suas reflexões acerca da transgeneridade e, aqui, relaciona a ideia da beleza e liberdade da borboleta à assunção de uma identidade outra que a faria mais plena, do mesmo modo que o sujeito do poema que se descobre uma borboleta ou que experimenta uma suposta “verdade” acerca do que realmente era: “eu era, eu agia e eu realmente me sentia uma borboleta, cumprindo o destino de uma borboleta qualquer”.

Chuang Tzu parece proclamar neste poema o misto entre sonho e realidade na própria constituição da identidade pessoal e social daquele homem que sonha ser uma borboleta (ou vice-versa), sendo que aqui o termo homem desempenha a ideia de humanidade ou de um sujeito universal. Esta mesma alegoria de um embate entre sonho e realidade seria retomada muitos séculos depois na Espanha setecentista através do teatro barroco de Calderón de la Barca e sua celebrada “A vida é sonho”. Nesta obra, o príncipe Segismundo é, logo ao nascer, trancado em uma torre na qual tem contato apenas com uma espécie de sábio, pois maus presságios sugeriam ao Rei que seu filho poderia representar perigo para ele e para seu reino. Após anos nos quais Segismundo se mostrava dócil na torre, o pai manda sedá-lo e trazê-lo ao reino, momento que já o leva a questionar sobre os limites entre sonho e vida ao acordar nesta nova realidade. Porém, o príncipe confirma a predição e, ao tomar ciência da história de sua vida, violentamente se revolta contra o pai, que novamente manda sedá-lo e enviá-lo à torre. Em seu novo despertar na

⁶⁴ O site pode ser acessado através deste endereço: <http://www.leticialanz.org/>

torre e em sua realidade anterior àquela das regalias do castelo, reflete e se questiona: “e no mundo, em conclusão/todos sonham o que são/ no entanto ninguém entende./ Eu sonho que estou aqui/ de correntes carregado/ e sonhei que em outro estado/ mais lisonjeiro me vi./ Que é a vida? Um frenesi. /Que é a vida? Uma ilusão, uma sombra, uma ficção;/ o maior bem é tristonho,/ porque toda a vida é sonho/ e os sonhos, sonhos são” (La Barca, p.81, 2007).

A liberdade pode parecer então matéria mais presente no sonho do que na realidade, ainda que tenhamos nossas subjetividades constituídas por estes dois âmbitos. Porém, certa e contextualizada liberdade pode ser almejada, já que, como também nos lembra Letícia Lanz na página inicial de seu site, “a lagarta rasteja até o dia em que cria asas”, dito popular que vem reforçar aquela metafórica ideia da conquista da liberdade da borboleta após passar pela fase de lagarta e crisálida para finalmente se revelar um ser belo e exuberante. Como também aparece no excerto da postagem na qual introduz a si mesma aos seus leitores e leitoras, citada na epígrafe deste capítulo, Letícia faz uso do radical “trans” diversas vezes para relacionar esta necessidade de transformação e metamorfose da borboleta às identidades transgêneras que, de alguma forma, entrarão em conflito com o binarismo de gênero ainda fundante da forma como as sociedades ocidentais modernas produzem nossas subjetivações e relações sociais generificadas. Segundo suas palavras, “nada fácil, nada imediato, nada prometendo flores e aplausos. Apenas um longo e cansativo processo de lagarta, crisálida e borboleta” (Lanz, 2015).

A ideia da dificuldade e da dor presente nesta metamorfose também é reiterada pela história contada e recontada sob variações do título “Metáfora da borboleta” ou “Lição da borboleta”⁶⁵, bastante recorrente, aliás, em uma literatura tida como de autoajuda: um homem ao ver uma borboleta tentando sair com dificuldade de um casulo, rompeu-o de modo a dar plena passagem para a borboleta. Esta, porém, não estava “pronta” e, sem o esforço necessário para sair do casulo que faria com que suas asas “amadurecessem”, acabou se transformando em um ser rastejante que nunca poderia voar. Talvez tenha sido a “ajuda” de seu pai ao tirá-lo sedado da torre diretamente para o castelo e, posteriormente, a negação no sentir e ultrapassar sua dor que tenha levado o príncipe Segismundo de Calderón de la Barca novamente à masmorra. Aqui a borboleta foi novamente confinada em seu casulo, não lhe sendo permitida a liberdade de voar.

⁶⁵ Utilizei aqui a versão presente neste site: <http://www.metaforas.com.br/a-licao-da-borboleta>

Lagarta, metamorfose, crisálida, dor, borboleta, liberdade... Realidade, privação, sonho, liberdade... Trazer as alegorias acima para o projeto do Miss T Brasil pode ser ilustrativo do mundo de sonhos dentro da realidade que o concurso cria – e que é reiterado pelas candidatas através diversas falas, como aquelas citadas na Introdução deste trabalho – como da própria ideia da liberdade advinda do transformar-se segundo um gênero feminino reiterada pela iniciativa de participar de tal certame e visibilizar-se ali publicamente como uma bela e livre “borboleta trans”. E ainda que esta conexão entre travestis e transexuais e a “metáfora da borboleta” não tivesse sido colocada em palavras na justificativa do Miss T Brasil ou nas falas das candidatas destes três anos, ela permeava o imaginário deste certame através da noção subentendida de que todas ali eram lindas borboletas que poderiam voar no palco do Miss T porque tiveram coragem de assumir sua identidade trans e promover tal transformação em seus corpos.

Se a metamorfose da borboleta não foi colocada em palavras exatamente desta forma no contexto do Miss T, ela ganhou corpo nas imagens de divulgação e logotipo criado para o Miss T Brasil 2013, exibidas no tópico “Lutando contra o preconceito e promovendo a cidadania” do capítulo anterior, e nas imagens abaixo (Figuras 40, 41 e 42) produzidas para o Miss T Brasil 2014 e *Miss International Queen 2014*:



Figura 41 - Raika Ferraz, Miss T Brasil 2013, em imagem de divulgação criada para o Miss T Brasil 2014.



Figura 42 - Raika Ferraz em outra versão da divulgação do Miss T Brasil 2014.

กฟฟานีโชว์ พัทยา

MISS INTERNATIONAL Queen Anniversary

MISS INTERNATIONAL QUEEN 2014

FRIDAY, 7 NOV
TIFFANY'S SHOW THEATRE

3rd NOV TALENT QUEST & GALA DINNER
'The Colours of a Butterfly'
19.00 hrs. at Sofitel Bangkok Sukhumvit, The Ballroom
Ticket Price: Gala Dinner THB 2,500

7th NOV FINAL ROUND CONTEST
21.00 hrs. at Tiffany's Show Theatre, Pattaya
Ticket Prices: VIP THB 2,800 and Mezzanine THB 1,800

Any proceeds from Miss International Queen 2014
will be donated to Thailand's Excellent Centre for Organs Transplantation (ECOT, King Chulalongkorn Memorial Hospital)

MissInternationalQueen

THAILAND PRATUNAM POLY CLINIC WOODLANDS PERFECT SIM DAIKIN MAKE UP STORE

SOFITEL KBank icafasia CENTRAL WORLD CENTRAL FESTIVAL BANGKOK BANANA Dusit Thani

For more information, please visit www.MissInternationalQueen.com. For ticketing, call (+66) 38421700 to 5, res@tiffany-show.co.th and

Figura 43 - Marcela Ohio, Miss T Brasil 2012 e Miss International Queen 2013, em imagem de divulgação produzida para a edição 2014 deste último concurso de beleza.

Nas imagens mencionadas, podemos ver o corpo nu esbelto e longilíneo de Marcela Ohio pontuado por borboletas no material de divulgação do Miss T Brasil de 2013 (Figura 28, no capítulo anterior); o corpo sensual de Raika Ferraz que traz borboletas para tapar parte de seus seios em pose em meio à uma fantasiosa floresta em um dos materiais do Miss T 2014 (Figura 40); ou seu corpo sorridente “esvaindo-se” em borboletas em outra versão da arte gráfica criada para aquele mesmo ano (Figura 41). Em todas estas imagens, as Misses T Brasil são dotadas de grandes e cintilantes asas de borboleta, que tanto podem ser indicativas da dor e esforço em busca da beleza e do gênero feminino, como também podem aludir a voos maiores, possibilitados pelo título do concurso, como demonstrou Marcela Ohio (Figura 42) ao participar e sagrar-se vencedora do mundial *Miss International Queen*, na Tailândia, em 2013⁶⁶.

Elucidativa parece ser aquela representação das borboletas saindo do corpo de Raika Ferraz na Figura 41. Enquanto mostra seu sorriso tido por muitos no contexto do Miss T Brasil como “encantador”, Raika apresenta-se em uma pose que poderia ser considerada ao mesmo tempo espontânea e encenada, na qual seu próprio corpo se transmuta em borboletas ou as borboletas transmutam-se em seu próprio corpo. Tanto este seu “corpo-borboleta”, que parece trazer fortemente a noção de construção de determinado corpo e seu gênero, quanto a produção da noção de certo perfil para um concurso de beleza, podem ser analisadas segundo aquilo que Márcia Ochoa (2014) nomeou como *sacar el cuerpo*, expressão encontrada por ela em seu trabalho de campo na Venezuela (cena *transformista* e concursos de beleza).

Sacar el cuerpo diria de uma exteriorização pública de algo tido como a potencialidade daquele corpo, literalmente “trazer para fora do corpo”, o que tanto pode ser expresso em seus gestos – “*the photographer begins the bikini session, directing Miss Yaracuy heavily in her poses: ‘Chúpate; sácate el cuerpo’*” (Ochoa, 2014, p.169) – como em sua própria carnalidade, conceito de Elizabeth Povinelli (2006) utilizado por Ochoa para dar mais ênfase na construção material de determinada corporalidade. À pergunta sobre como as *transformistas* construam seus corpos femininos, Ochoa teve como

⁶⁶ O *Miss International Queen* será o motivo do Capítulo 6 desta tese, de modo que não o analisarei agora. Porém, cabe afirmar que não possuo informações sobre a criação desta sua arte com Marcela Ohio para a edição do ano de 2013, que poderia ser vista por alguns como uma continuidade da associação da imagem de Marcela como uma borboleta no material produzido para o Miss T Brasil 2013, ou apenas uma “coincidência” (talvez calculada), já que o concurso tailandês possui um tema diferente a cada ano. No ano anterior, no qual Marcela sagrou-se vencedora, o tema foi *Diamonds, shine bright like a diamond!*

resposta: “‘*Me inyecto aceitigallo*’ [...], *she replies. I think that aceitigallo is the name of another hormone [...]* ‘*What is that, aceitigallo?*’ ‘*Gallo. Gallo. Aceite Gallo*’. ‘*¿Aceite Gallo? Isn’t that bad for you?*’ ‘*No, no*’” (Ochoa, 2014, p.155-156).

Não ouvi durante estes três anos do Miss T Brasil algo que diria de uma modificação corporal tida como mais caseira ou informal (Benedetti, 2005; Santos, 2014) – ou ainda a “‘*plástica of the people*’ – *cheap, dangerous, and a little vulgar*” (Edmonds, 2010, p.139) – que a aplicação de *Aceite Gallo* e a não compreensão imediata de seu uso pela pesquisadora ilustram acima. Ao contrário, este grupo que participou do Miss T durante estes anos possuía uma série de informações sobre e relações com o campo biomédico, talvez por poderem ser consideradas como oriundas das camadas médias e serem conhecedoras dos serviços biomédicos a estas mais acessíveis. Porém, a ideia de um determinado tipo de corpo que poderia ser *sacado* se mostrava bastante potente para a análise do “perfil” adequado ao concurso. Para participar de um concurso de beleza, é corrente a ideia de que é necessária uma preparação dos corpos e comportamentos no sentido de fazer as candidatas adequarem-se a determinado “perfil” ou “tipo ideal”, para retomar as ideias de Roquette-Pinto (1978), que aquele concurso de beleza consagra.

Dietas, aulas de passarela e de postura para fotografia, bem como testes de maquiagem e de roupas conformariam o “perfil” encarnado pelas candidatas e são levadas a cabo por meses ou anos antes da entrada em uma competição de beleza. Deste modo e objetivando promover uma reflexão sobre o “perfil” criado pelo e para o Miss T Brasil e a forma como este foi “encarnado” pelas candidatas, a ideia de *sacar el cuerpo* neste capítulo será, então, relacionada a todos os procedimentos estéticos identificados pelas candidatas e pela organização como “necessários” para se entrar no perfil apregoado pelo concurso, em um processo análogo à sequência apresentada no início deste capítulo: lagarta, crisálida, borboleta.

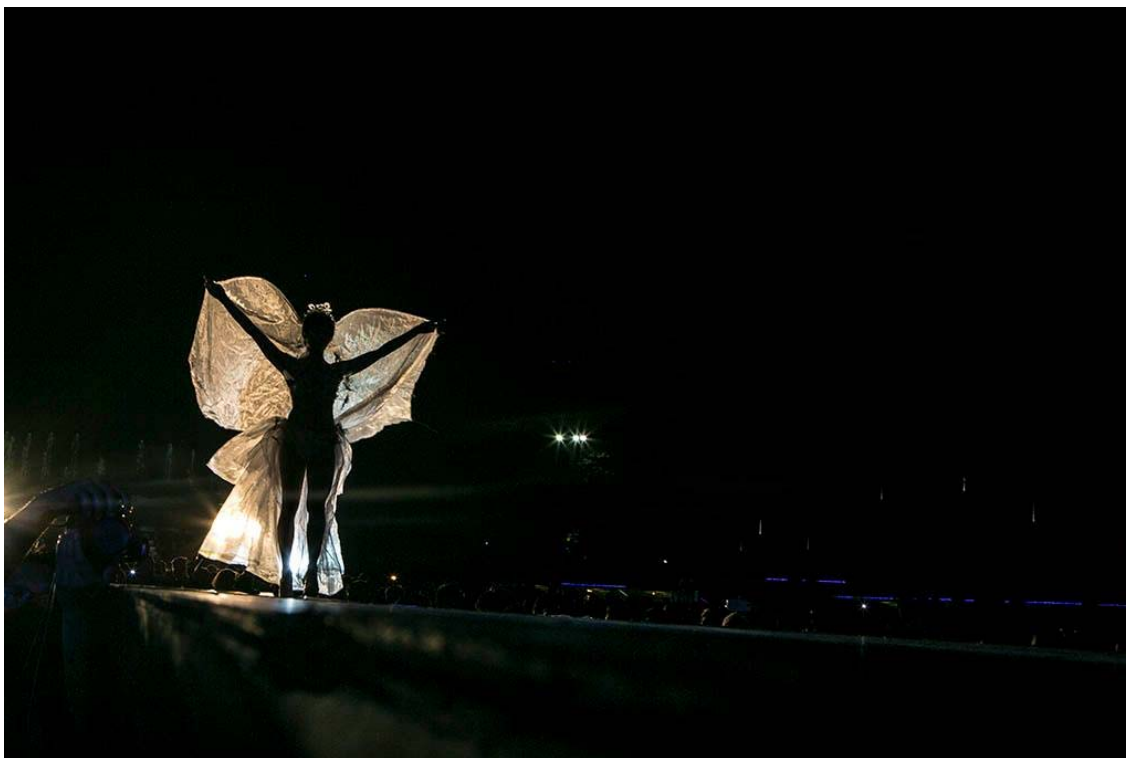


Figura 44 - Foto de participante encarnando uma borboleta em desfile na cidade filipina de Quezon, dentro das atividades da primeira *Quezon City Pride March*, em 2014. Foto de Kloie Picot para seu projeto *Chrysalis - Transgender Life in Asia*, livro de fotografias e histórias de pessoas trans de diversos países asiáticos (no prelo). Disponível em: <https://www.facebook.com/translifeinasia/?fref=ts>

3.1 “Amiga, tem um concurso que eu acho que enquadra bem pro teu perfil”

Como afirmado anteriormente, um concurso de beleza trabalha com a noção de um perfil almejado naquela competição. Tal perfil visa dar um corpo ideal a determinado grupo/coletivo que, por sua vez, objetiva certa representatividade⁶⁷. Podemos dizer que a ideia de perfil é de tal modo naturalizada entre a organização e participantes de um concurso de beleza que em momento algum será questionada. Conforme destacado no grupo privado criado pela organização na rede social Facebook visando exatamente a “Preparação Miss T Brasil 2013”:

DICA FUNDAMENTAL: o Miss T Brasil 2013 é como todo concurso de beleza e requer preparação, então é legal viver o sonho , fazer amizades etc...

⁶⁷ A representatividade pretendida pelo Miss T será analisada no próximo capítulo desta tese.

Mas é um concurso, já vi muitas lindas ficarem no meio do caminho em vários concursos e depois dizerem que é máfia por conta da falta de preparação ...então ao invés de se auto divulgar estude concursos de beleza e poste aqui suas dúvidas e faça perguntas [que] eu ou nossos consultores vamos ajuda-las (Grupo de Discussão/Facebook - Preparação MISS T 2013).

O Miss T Brasil apregoa um perfil no qual as candidatas devem se encaixar. Como afirma o já mencionado Robert Lavenda (1996) e sua análise de alguns concursos tidos como “comunitários” no estado norte-americano de Minnesota, “*the results of this selection and training process is the annual formation of an elite cadre within the set of Young women in the community, an elite that is offered the opportunity to enter middle-class and upper middle-class elite of the community*” (1996, p.34). Neste sentido, há uma seleção antes da competição e a conseqüente eleição daquela mais bela deste grupo. Fazer parte deste seleto grupo já é um indicativo de que a candidata minimamente se enquadra no perfil exigido e está credenciada a participar e a ser nomeada como parte desta elite.

Aqui cria-se, então, a noção de *casting*: termo recorrente no mundo da moda e do espetáculo, diz respeito à formação de determinado grupo objetivando a construção de uma marca, daquilo que tal coletivo representaria principalmente em termos de produção de uma imagem pública. Geralmente um *casting* segue determinado padrão e uma ideia de coesão entre seus componentes, de modo a mostrar mais fortemente e sem equívocos a mensagem que aquela campanha (de moda, publicitária, etc) pretende publicizar.

Sendo já o *casting* uma espécie de “seleção antes da seleção”, ou melhor, uma seleção antes da efetiva eleição da vencedora em um concurso de beleza, partilha-se da ideia de que todas que formam este *casting* já são belas e vitoriosas, pois foram avaliadas e aprovadas de acordo com um determinado perfil. Neste sentido, novamente recorro às palavras de Ana Batista que afirma que para o discurso nativo do Miss Universo no período por ela analisado “a beleza existe, é comemorada, se escolhe a mais bela e as outras sorriem, afinal de contas, se a beleza existe e todas são bonitas (participam da ‘festa da beleza’), qualquer uma poderia ter sido a vencedora; faz parte da regra do jogo. Por isso ‘as outras sorriem’” (1997, p.140).

Todas as candidatas foram então escolhidas porque “estão no perfil”, credenciadas para serem publicizadas, no caso, sob a marca Miss T Brasil. Pela noção da formação deste *casting* ser muitas vezes fortemente estabelecida no contexto de um concurso de beleza, talvez a ideia de que este é uma competição na qual apenas uma sagrar-se-á

vencedora fique em um plano inferior ao da celebração desta “festa da beleza”. Muitas candidatas objetivam sim a coroa, porém como todas que ali estão já são representantes do que determinado concurso constrói como imagem de si, a escolha da vencedora pode tomar muito mais a lógica de eleição de uma candidata “melhor preparada” do que de uma competição propriamente dita.

Aquelas que veem o concurso como competição podem ter a iniciativa, por exemplo, de procurar saber quem são as candidatas já inscritas para avaliar se há alguma forte candidata que pudesse impedi-la de ganhar o título. Isso pode levar até à não inscrição dessa candidata justamente por isso. Ao ver candidatas fortes e/ou tidas como favoritas, opta-se por não se inscrever para esta edição. Segundo a coordenação, isso não aconteceu no Miss T Brasil, que não revelou as candidatas inscritas antes de ter o *casting* fechado – ainda que as candidatas não tivessem sido divulgadas para o público geral, já estavam aprovadas dentro do *casting* que se conhecia pelo grupo de preparação da edição 2013, por exemplo.

Outro exemplo deste tipo de relação entre o clima que se estabeleceu entre as candidatas e a ideia de uma favorita no Miss T Brasil pode ser mencionado acerca da edição de 2013. No dia 19 de outubro daquele ano, as candidatas realizaram um ensaio de fotos com uma fotógrafa e repórter do Portal G1, no próprio terraço do hotel em que estavam hospedadas. Enquanto esperavam sua vez de fazer sua foto individual, constantemente retocavam maquiagem, cabelo e ajustavam o biquíni. Tanto um espelho que uma das participantes levou para tal momento como aquele que estava em um banheiro próximo foram muito utilizados e disputados para este retoque na imagem que haviam preparado para as fotos do G1. Cabe ressaltar que estas fotos seriam – e foram – publicadas neste portal, da mesma forma como no ano anterior as fotos feitas na praia do Arpoador ganharam divulgação de capa no mesmo G1.

Diversas participantes sabiam que as fotos eram para a imprensa, mas não sabiam exatamente o que era o G1, que talvez seja mais conhecido e habitual da cidade e estado do Rio de Janeiro. Novamente, como na sessão de fotos do ano anterior e na própria convivência nos bastidores daquela primeira edição do concurso, o clima era de muita solidariedade e diversão entre as candidatas: muitas se ajudavam na preparação para a sessão de fotos e davam dicas que efetivamente contribuíram para uma “melhor imagem”

para as fotos: “Já falei pra ela deixar este cabelo solto que fica mais bonito”; “Ai, amiga, acho que essa cor de maquiagem não tá te favorecendo...”; “Mona, tá belíssima!”.

O tema predominante nas conversas ali era beleza, entrelaçado entre conversas sobre suas vidas pessoais, prostituição, “bofes”, etc. No momento da sessão de fotos não falavam tanto sobre cirurgias estéticas, mas sim intervenções, digamos, mais sutis, como maquiagem, cabelo, etc. Por mais que começassem um papo sobre qualquer tema, este terminava em algo relacionado à construção da beleza, como colocação de apliques no cabelo (chamados megahair ou tela, dois tipos diferentes), determinado tipo de maquiagem, de cabelo, de roupa, etc. Era um ambiente de intensa troca de informações e de alguns utensílios de maquiagem, como secadores de cabelo, entre outros possíveis de serem utilizados na produção desta beleza.

Não parecia haver uma competição ou algum tipo de disputa ali, exceto por comentários, volta e meia dirigidos para uma candidata que se portava como a franca favorita e, por isso, através de diversos gestos se colocava como que se fosse “superior” às outras. Esta foi a mesma situação do ano anterior, como mencionado na Introdução, e parecia que o problema não era o concurso ter uma favorita (entre o público, entre as candidatas, etc), mas sim determinada candidata se portar como favorita e, então, de alguma forma, menosprezar as demais candidatas. Neste sentido, candidatas que se portam como favoritas acabam não tendo o mesmo tipo de interação estabelecida entre o grupo, ficando um pouco à margem – e uma margem autoinfligida a si mesma, uma margem acima das outras.

Não só nesta sessão de fotos (Foto 44), como durante as diversas outras atividades do concurso, em todos os anos aqui analisados, grupos se formavam. Eles eram mais ou menos fixos, principalmente porque havia meninas que já se conheciam. Além disso, pequenos grupos se formavam por aquelas que dividiam o mesmo quarto ou estavam em quartos situados ao lado – mas também havia uma circulação entre as participantes de tais grupos, de modo que todas acabavam convivendo e estabelecendo relações entre si. E, reitero, o clima era realmente amigável e de solidariedade – com um toque de competição ao fundo –, o que pode talvez ser entendido como possibilitado por este ambiente de sonho e exceção que é vivenciado ali, como frisei na Introdução deste trabalho.



Figura 45 - Foto coletiva das candidatas nos bastidores do Miss T Brasil 2013. Foto: Aureliano Lopes

O fato de uma candidata se portar como favorita, mas acabar não sendo a vencedora virou motivo de comemoração entre as outras participantes em uma das edições do Miss T, o que parecia ser um tipo de “revanche” das outras por ela não ter sabido jogar o jogo. Segundo uma das candidatas, isso foi sim um motivo de satisfação por aquela candidata ter estado durante a competição com “uma cara de deixa de enrolação porque eu já ganhei, me dá logo a faixa e a coroa”. Ela não ter ganho a coroa foi tido como “bem-feito”. Também não sei até que ponto esta suposta pretensão de uma candidata pode ser lida de forma negativa pelo júri e, ainda que involuntariamente, influenciar em sua avaliação.

Esta suposta superioridade de uma candidata que se vê favorita, como afirmado, acaba fazendo-a não estabelecer maiores relações com o grupo. No exemplo acima mencionado, após não ganhar a coroa, tal candidata saiu do teatro completamente revoltada e proferindo xingamentos contra o concurso. As outras candidatas que também não ganharam não estavam exatamente felizes, mas permaneceram juntas em grupo,

conversando tranquilamente e voltaram para o hotel para jantar. O hall do hotel acabou sendo uma continuidade deste momento coletivo pós eleição da Miss e entre estas candidatas não havia um clima de decepção nem de hostilidade; elas apenas não ganharam a coroa, mas participaram de uma experiência que almejavam muito.

Muito mais do que uma competição, o principal parecia ser experimentar um momento único, especial, para o qual investiram dinheiro, energia, expectativa etc e no qual estavam sendo o foco das atenções. Ilustrativo disso também foi o caso de uma das candidatas, que tinha trabalhado junto à coordenação do Miss T no ano anterior e que, em 2013, queria participar como candidata. A equipe de coordenação achava melhor vetar tal participação para que nenhuma suspeita de favorecimento recaísse sobre o concurso. Porém como a candidata insistisse muito em participar, Majorie achou melhor consultar as outras participantes através do grupo de preparação na rede social Facebook e realizar ali uma votação: “Somos 30 candidatas e assim que tivermos 16 votos em sim ou não, encerramos a questão”. A votação teve início e algumas candidatas seguidamente votavam por não: “Eu acho que não porque ela já conhece o concurso”, “Eu acho que não”, “Não acho justo” ou simplesmente “Não”. Até que uma candidata disse sim e justificou assim seu voto: “Gente, vamos pensar, a gente já é a escória da sociedade, a gente já é excluída em todos lugares, por que a gente vai se excluir aqui entre a gente? A gente não pode fazer isso”.

Indo contra as previsões iniciais de uma candidata de outro ano que disse que “muita travesti junta dá babado”, a partir daquele momento a votação teve uma virada, muitas concordaram com o “sim” e a candidata foi autorizada a participar do concurso. E cabe ressaltar que esta experiência prévia no Miss T não teve mesmo nenhum peso em nenhuma das etapas do concurso naquele ano.

Os exemplos acima descritos mostram o quanto pode haver um ambiente de solidariedade entre todas aquelas que desde antes deste encontro entre o grupo no contexto do certame já “são bonitas [e] participam da ‘festa da beleza’” (Figuras 45, 46 e 47). Retomando a ideia de existência de um perfil para determinado concurso de beleza, podemos afirmar que a formação de seu *casting* e muitas vezes toda a campanha publicitária que girará em torno daquela edição em especial seguirá esta imagem que o concurso faz de si. Algumas vezes a candidata pode tentar entender a lógica que supostamente regeria a formação deste *casting* e conseqüente escolha da Miss para

utilizar-se disso como uma estratégia em sua participação. Nessa direção vai a suposição levantada por Jean Rahier Muteba (1998) de que a escolha de uma candidata negra no ano de 1995 em um concurso tido como racista como o Miss Equador poderia ter sido motivada pela África do Sul ser o país que sediaria o Miss Universo. Um certo *bias* pode ser suposto quando se trata de concursos de beleza. Este *bias* pode ser referente à localidade em que tal concurso será realizado, às questões políticas possivelmente em pauta naquele momento, à questões raciais e modelos de feminilidade, países/localidades vencedoras em anos anteriores, entre outros. Isto pode ser perceptível tanto de uma edição para outra de determinado concurso de beleza, como entre certo certame e outros. A variação de um perfil entre várias edições de um mesmo concurso pode ser utilizada de modo estratégico (para forjar uma suposta ideia de diversidade, por exemplo), ao passo que a permanência de um perfil em várias edições pode criar mais fortemente uma imagem ou “marca” do que aquele concurso “realmente” é.

O fato é que determinado perfil é forjado para um certame de beleza, encarnado em seu *casting* e celebrado de forma ainda mais pública na escolha da Miss. De acordo com Cohen, Wilson e Stoeltje, “concursos de beleza colocam normas de gênero – convencionalmente, versões idealizadas de feminilidades – no palco em uma competição de atribuição da vencedora de um título e coroa ‘real’” (Cohen, Wilson e Stoeltje, 1996, p.02, grifos no original). Esta vencedora então corada representará aquilo que tal concurso almeja, seja uma Miss nacional, como Miss Brasil; uma internacional, como no Miss Universo; algum tipo de representação regional, como Rainha da Soja, do Morango, do Rodeio e diversas outras versões tidas como mais locais. Ou ainda temáticas mais específicas, não diretamente relacionadas à localidades e nacionalidades, como Miss Beleza Negra, Miss Transex, Miss Surda, entre outras.

Cohen, Wilson e Stoelje aplicam esta ideia de representação, tanto para concursos em níveis nacionais (e suas etapas regionais), como eleições que aconteceriam em festas mais comunitárias, como eleição de rainhas em festivais agropecuários. Segundo tais autores/as, dois modelos diferentes operam aqui: no primeiro caso, há um perfil que, por se pretender correspondente a uma população, seria mais focado na noção de beleza e de “Miss”, ao passo que no segundo caso haveria uma forte ligação da candidata com seu grupo de origem, sendo relevantes valores de tal grupo e a ideia de “Rainha”, a qual não corresponderia apenas à beleza física. Em ambos há a ideia de representatividade, porém, no primeiro, esta parece ser mais geral e referida a caracteres mais amplos, ao passo que,

no segundo, esta se mostra mais imbricada à vida daquelas pessoas que a Rainha representaria. E para representar é necessário equilibrar aquilo que ela já é com o devir-ser do coletivo/concurso, o qual é feito através de um processo de pedagogização e corporificação de determinado perfil.

Mesmo nos concursos que objetivam a eleição de uma “mais bela”, esta beleza não existe segundo padrões estéticos universais. Parece haver sempre um perfil que formatará as belezas de determinado certame, ainda que este perfil seja aclamado como universal. Como afirma Ana Maria Batista (1997), em seu referido trabalho sobre o Miss Universo, da década de 1950 até 1970 vigorava um modelo essencialista centrado na ideia da naturalidade da beleza da Miss, sendo ressaltado que estas eram “naturalmente” belas, “naturalmente” calmas, “naturalmente” sedutoras, etc. A maquiagem e adereços apenas realçariam aquilo que a Miss já possuía “naturalmente”. Já nas décadas de 1980 e 1990, este modelo foi substituído por outro, nomeado por Ana Batista como “construcionista”, no qual pequenas cirurgias plásticas “corretivas”, exercícios físicos objetivando tornear o corpo e os mais variados acessórios fazem parte do discurso nativo de construção da beleza. Esta autora ressalta que esta construção e estabelecimento de um perfil sempre estiveram presentes nos concursos de Miss Universo, porém em um primeiro período tal construção era revestida de um discurso de naturalidade, como nos mostra este trecho acerca dos ensaios durante a realização de tal concurso: “Ensaiai, a candidata ensaiava, porque, isto mostrava seu esforço e dedicação como representante do país, mas o que o discurso nativo traz é que a espontaneidade e a simplicidade (uma verdadeira arma⁶⁸) são sempre melhores, são características desejáveis” (Batista, 1997, p.186-187, grifos no original).

⁶⁸ Arma aqui se refere às possíveis estratégias utilizadas para se ganhar um concurso de beleza.



Figura 46 – Algumas candidatas nos bastidores do Miss T Brasil 2012. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 47 - Candidatas nos bastidores do Miss T Brasil, 2013. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 48 - Candidatas ao Miss T Brasil 2014 após palestra com a equipe da *Facial Team*, clínica patrocinadora do evento. Foto: Aureliano Lopes.

Os regulamentos dos concursos de beleza nos dão indicativos do perfil por estes almeçados, ainda que sejam bastante vagos e amplos. Destaco aqui os três primeiros itens do Regulamento do Miss T Brasil 2012⁶⁹, que já esboçavam um perfil de acordo com identidade de gênero, idade e localidade/nacionalidade:

1. Deve ter nascido do sexo masculino, ser uma Travesti ou Mulher Transexual (pré ou pós-operada, a prova do gênero natural pode ser solicitada na forma da certidão de nascimento ou de verificação genética médica)
2. Deve estar entre 17-33 anos de idade
3. Candidatas de todos os Estados são bem-vindos (sic).
 - 3.1. Não é necessário a candidata ter nascido ou residir em um Estado, para representar o mesmo.
 - 3.2. Candidatas estrangeiras naturalizadas ou não, que comprovem residir a mais de três meses no Brasil estão aptas a participação no Miss T Brasil 2012 (MISS T BRASIL, 2012).

Há quesitos a serem observados, porém estes são vagos justamente porque a ideia corrente em concursos de beleza é a de que, com a preparação “correta”, todas podem

⁶⁹ A íntegra deste Regulamento se encontra no Anexo C - Regulamento Miss T Brasil, 2012. Ele também serviu de modelo para o regulamento das edições seguintes.

fazer parte do perfil, como destacou acima Ana Maria Batista ao mencionar a relação entre ensaios e naturalidade. A preparação faz-se necessária, porém deve ser feita de modo a manter a naturalidade tão cara aos concursos e ao Miss T Brasil em especial. O exagero de um feminino não faz parte do modelo de travesti ou transexual que este certame valoriza. Trata-se de apresentar uma feminilidade que não se nega trans, mas que por sua beleza “natural” (traços tidos como finos e comportamento refinado), poderia ser incluída em um feminino concebido como “universal”.

Exemplo do processo de afirmação deste perfil aparece na discussão abaixo. Uma então candidata à edição de 2013 postou a seguinte questão no mencionado grupo de preparação na rede social Facebook: “Gostaria de fazer uma pergunta e, ao mesmo tempo, instigar uma discussão. O pênis deve estar camuflado durante as etapas do desfile, com um tucking⁷⁰ perfeita e dolorosamente feito, ou poderia ser deixado confortável, por exemplo, no bikini? Valendo” (Preparação Miss T Brasil, 2013). Esta candidata recebeu esta resposta da organização: “Posso responder kkkkk Deve sim estar perfeitamente camuflado durante todo o Miss T... OBRIGATORIAMENTE” e os seguintes comentários de algumas outras participantes: “Gente, passada kkkkkkkkkkkk esparadrupo neles kkkk”; “kkkkkkkkkkkk logico neh” ou ainda “eu entendo ela... Tem delas que não se incomoda com isso! Rsrtrs [...] eu por exemplo já fico louca que ele desapareça do mapa” (Grupo de Discussão/Facebook - Preparação MISS T 2013).

A candidata que iniciou tal discussão respondeu que acreditava que “o volume na calça ou no short pode servir como uma forma de protesto contra a transfobia, principalmente ao afirmar categoricamente que há mulheres de pênis no mundo e elas devem ser igualmente respeitadas. Mas entendo a decisão” (Grupo de Discussão/Facebook - Preparação MISS T 2013). Porém esta construção não fazia parte do perfil do Miss T e da imagem daquele coletivo que ali se forjava. Apesar de não ser negada a presença do pênis entre muitas candidatas, ele definitivamente não deveria ser mostrado ou ter sua existência sugerida ou realçada. Alguns meses depois, e após a apresentação de todas as outras candidatas e início de interação entre elas, esta candidata anunciou sua saída da competição, deixando transparecer que não partilhava daquele mesmo sonho e perfil:

Venho anunciar minha retirada do concurso e desejar boa sorte para todas as participantes, no sentido de que ganham e percam por méritos próprios, não por intervenções indigestas do acaso. Se há de ser explicitados alguns motivos,

⁷⁰ *Tucking* se refere ao processo de prender o pênis, geralmente com fitas adesivas, e escondê-lo junto ao corpo de modo que se torne invisível ou simule uma vagina.

resumo-os. Percebo, por acompanhar a evolução do concurso e conhecer um pouco as participantes, que esse não me é um universo pertinente. Não sou grande fã de maquiagem, não uso vestidos no dia-a-dia, sequer saio de salto ou vou a festas. Psicologicamente, nem me considero uma mulher trans - mas sim uma pessoa genderqueer, i.e.: que não se sente pertencente a nenhum gênero. Eu nem aprovo da binaridade de gênero, pra começar. Enfim. Um beijo grande a todas, e que tudo corra bem (Grupo de Discussão/Facebook - Preparação MISS T 2013).

Interessante pensar que esta pedagogização em direção ao perfil desejado pelo concurso pode ser tão efetiva que a organização tanto pode eleger aquelas que a tal competição podem se candidatar, intervindo diretamente em quem está “dentro” e quem está “fora” do grupo e padrões ali exigidos. Também é possível existir entre estas aquelas que desistirão justamente por não serem alunas aplicadas e estarem à margem daquilo que o grupo pensa e constrói para si. Estas teoricamente se colocam fora, mas talvez fosse mais preciso dizer que são constrangidas a se colocarem fora, pois não há um sentimento de pertença àquele coletivo e muitas vezes esta relação dentro/fora pode ser bastante hostil – o que não ocorreu no exemplo do Miss T Brasil.

Esta ideia de um perfil e a construção de quem o preenche e quem está à margem, bem como a noção de que é preciso se preparar para satisfazer tal perfil, na maioria das vezes necessariamente passarão pela construção de determinado corpo e corporalidade, tema que será explorado nas duas sessões seguintes deste capítulo ao discutirmos a noção de uma preparação para participar de um concurso de beleza. O que as candidatas empreenderam em si objetivando participar do Miss T Brasil? Como também destacarei, os comportamentos e as características que tais candidatas elencaram como fundamentais para uma Miss criam a imagem de um sujeito moral ideal a ser almejado como o perfil para o concurso.

3.1 Dando corpo àqueles corpos



The image features a large, ornate logo for 'Miss T Brasil 2014'. The word 'Miss' is in a gold, serif font. The letter 'T' is significantly larger, filled with a pattern of small diamonds, and has a gold outline. To the right, 'Brasil' is in a gold, serif font with a small crown above the 'i'. Below 'Brasil' is the year '2014' in a large, gold, sans-serif font. The logo is flanked by decorative purple and white floral flourishes. Below the logo, the text 'Aberta a seleção que busca a mais bela Travesti ou Mulher Transexual brasileira.' is written in a black, sans-serif font. Underneath the text is a photograph of a group of women on a stage. One woman in the center is wearing a green sash with a gold emblem and a crown, while others are in black outfits. Some are clapping. In the foreground, the silhouettes of people holding cameras are visible. At the bottom of the image, the text 'Inscrições: www.betafoto.com/mmachiproducoes' is displayed in a white, sans-serif font.

Aberta a seleção que busca a mais
bela Travesti ou Mulher Transexual brasileira.

Inscrições:
www.betafoto.com/mmachiproducoes

Figura 49 - Chamada para inscrição de candidatas ao Miss T Brasil 2014. Divulgação Miss T Brasil

No encontro daqueles corpos trans, previamente considerados belos, com o corpus discursivo criado para garantir o Miss T Brasil como evento público e político, fazia-se a escolha daquelas que “encarnariam” tais proposições e a imagem que o Miss T vinha construindo para si. Dando corpo a tais ideais e objetivos estava o *casting* formado para as edições do Miss T, composto por possíveis candidatas que viram a divulgação e se interessaram pelo concurso ou por meninas já conhecidas da organização que podiam, então, ser incentivadas a participar.

Além de dever se enquadrar em itens tidos como básicos para inscrição no concurso segundo seu regulamento (mencionados anteriormente), a candidata deveria se encaixar em um perfil. E, assim como em diversos outros concursos de beleza, o perfil do Miss T Brasil apregoava a “diversidade” em torno de um modelo de beleza feminina tido como universal, do mesmo modo como, por exemplo, o Miss Universo analisado por Ana Maria Batista, que “durante o tempo de sua existência [...] contemplou os cinco continentes, misses de diferentes raças, formação e credos religiosos’. Aliás, a tônica do Miss-U é expor e legitimar a diversidade” [...] (1997, p.79-80).

A edição do Miss T 2012 contou com 19 candidatas em seu *casting*, a de 2013 teve 26 e a edição 2014 apresentou 22 participantes. Diversas candidatas trabalhavam no mercado sexual (do tipo considerado de luxo), mas também mantinham uma diversidade de ofícios, sendo que algumas desempenhavam as funções de cabeleireiras, maquiadoras, esteticistas, atendentes comerciais ou auxiliares administrativas. Algumas candidatas trabalhavam no mundo da moda, principalmente como modelos, mas também podiam exercer funções em agências de modelo, como produtoras, cabeleireiras e/ou maquiadoras. Poucas candidatas haviam cursado ou estavam cursando nível superior de ensino, com exceção de uma participante formada em Medicina Veterinária, uma cursando Moda, outra Ciências Sociais e uma se formando em Psicologia à época. Isso era muito valorizado e elogiado, tanto pela organização como por outras candidatas, que também destacavam o fato de duas candidatas serem funcionárias públicas em suas cidades.

Em cada edição, a idade das candidatas girava em torno de 20-25 anos, com algumas poucas na casa dos 30 anos. Apenas uma candidata que se considerava negra participou de cada uma destas edições. Independente da tonalidade de sua cor de pele ou etnicidade, todas as outras candidatas se percebiam como brancas e possuíam cabelos

lisos ou alisados, em tons que iam do loiro ao preto. Em 2012, cada candidata representou um diferente estado brasileiro, independente de ter nascido ou residir em tal localidade. Essa escolha foi mais ou menos aleatória. Já nas edições de 2013 e 2014, cada candidata representou seu estado natal, de modo que alguns estados não tiveram representação e outros foram representados por mais de uma participante na passarela do Miss T Brasil.

Se não era possível ter representantes de todos os estados brasileiros no Miss T, isso era ao menos desejado e incentivado. Crenças e formação não chegavam a ser tópicos dignos de nota, ao passo que raça/etnia poderia sim representar esta diversidade e, na maioria das vezes, poderia também ser utilizada como uma espécie de trunfo de algumas candidatas, já que, principalmente, ser vista como negra (e, em menor grau, indígena ou com traços considerados indígenas) era passível de ser algo que fortaleceria um discurso de brasilidade e identificação com a população brasileira de modo geral. Cabe ressaltar que estes traços tidos como raciais e/ou étnicos, como também observou Jean Rahier Muteba (1998), só são aceitos e admirados desde que sejam considerados “finos”, ou seja, dentro de determinado padrão de beleza tido como universal, mas que se aproximaria mais de um padrão de beleza branca ou europeia.

Porém, a diversidade maior construída pelo discurso do Miss T foi aquela referente às diferentes formas de constituição de corpos travestis e transexuais e às diversas trajetórias de vida das candidatas. Embora corpos e trajetórias fossem percebidos como “diversos” pelas participantes e, sobretudo, pela organização do certame, um padrão ideal se impunha, em especial no que dizia respeito aos corpos e suas feminilidades, como ilustrado pelo exemplo da candidata desistente mencionado no tópico anterior deste capítulo. Clamava-se por uma diversidade desde que dentro do que podemos considerar como normas gerais que atualmente regem o padrão de beleza feminino cisgênero.

Talvez quanto à “diversidade”, o objetivo maior fosse apresentar para a sociedade outras feminilidades, tão válidas e legítimas como o feminino cisgênero. Não foi sem razão que uma das frases mais repetidas no palco do Miss T, como analisarei melhor no próximo capítulo, era a de que aquelas travestis e transexuais eram “legítimas representantes da beleza feminina brasileira”. Neste sentido, a feminilidade das candidatas era o tópico que mais as encaixaria em um certo perfil, de modo que variação em caracteres como altura, cor da pele, tipo de cabelos, compleição física etc podia ser

tolerada desde que as candidatas fossem suficientemente femininas para se equipararem à diversidade das mulheres cisgênero.

Objetivando não ouvir da organização do Miss T um “você não está no perfil”, muitas candidatas recorreram à preparação para participação no *casting* e no concurso. A ideia da necessidade de preparação para um concurso de beleza era de tal modo naturalizada que as candidatas dos três anos analisados nesta tese reiteravam isto de diversas formas, como também chegavam a dedicar meses de suas vidas para sua participação no certame:

Aureliano: Vocês acham que é necessário uma preparação para o concurso?

Candidata 1: Com certeza. Essencial. Todo concurso ou competição, lógico, precisa-se de uma preparação antes. Você tem que fazer teste de maquiagem, teste de cabelo... é um dia especial. Afinal, as pessoas elas se propõe sair das suas casas pra ir lá nos prestigiar. A gente... é um sonho a ser almejado, então cada uma menina vai se dar o melhor, entendeu? Então a preparação nesse aspecto é muito importante sim, com certeza.

Candidata 2: Sim. É eu acho que é porque assim: nós temos que mostrar o que? Beleza. Temos que estar bonitas na hora, entendeu? Então isso é o que acontece. Tem que ter um dia onde você vai se arrumar, um dia que você vai ensaiar, entendeu? Porque, assim, tem que fazer bonito. É pra fazer? Arrase. Porque pro povo [...], assim, é aquela coisa, né, vê a gente como, né? Sempre vulgar, baixa e lá é um concurso de miss. Miss é beleza, cultura, fina, elegante. É muito bom e por isso mesmo tem que ter o que? Preparativo, né?

Aureliano: Vocês estão se preparando como, assim, antes do concurso, ao longo dos meses?

Candidata 1: Eu tô me preparando há três meses, quatro meses, digamos assim, pra esse concurso. Com dieta, exercício físico, teste de maquiagem, teste de cabelo. É, ajeita o vestido, diminui, aumenta... É... borda, entendeu? Vai atrás de sapato e tudo. Ensaia passarela em casa. Pedi opinião de amigos, entendeu? Cada vez tem um detalhizinho, assim, que a gente tem que arrumar. Então vai... vai até a hora do concurso. Sempre tem alguma coisa que dá errado, que a gente tem que fazer de improviso, mas se Deus quiser não vai precisar.

Candidata 2: Olha, pra mim, assim, como é a primeira vez que eu tô participando do Miss, eu só fui atrás agora do vestido. Foi tão corrido, eu precisei ir atrás. [...] Pela primeira vez que eu tô no Miss, sabe, foi difícil. Mas tô aqui querendo fazer o meu melhor. E melhor, sabe?

(Candidatas Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Além dos itens que estas duas candidatas julgam necessários na preparação para um concurso de beleza, como dietas, exercícios físicos e preocupação com vestimentas, também se faz presente aqui a ideia de que uma candidata deve estar preparada previamente porque sua apresentação no palco de um concurso de beleza tanto constitui-se em um dia especial para ela como para o público. A fala da segunda entrevistada citada anteriormente acerca de uma sociedade preconceituosa para a qual as candidatas travestis e transexuais deveriam se mostrar belas reforçava a concepção de que colocar-se em um palco – da beleza, no caso – é dar-se ao público, devendo por isso estar muito bem

preparada para “não fazer feio”, como afirmavam. Reiterava ainda o objetivo do Miss T Brasil de mostrar uma imagem diferente daquela geralmente presente no imaginário social, um regime de visibilidade alternativo àquele que associa transgeneridade com marginalidade e/ou patologia (Carvalho, 2015); ali havia “legítimas representantes da beleza feminina brasileira”, como afirmava Majorie Marchi.

Seja pelo contexto de violências a que podem estar expostas em seus cotidianos, muito parecido aos descritos por Michael Taussig (2012) e Marcia Ochoa (2014), seja pelo simples desejo (socialmente forjado) de se constituírem como belas, o fato é que se mostrar preparada para um concurso de beleza, de certa forma, significa mostrar-se partilhando de determinado perfil ao menos minimamente legitimado pela sociedade de um modo geral, representada aqui pelo público do espetáculo ou aquele que comentaria as imagens divulgadas na mídia (em especial em meio virtual). Para este estar ou mesmo ser bonita, esforços voltados à conformação de seus corpos ao perfil do concurso seriam, então, necessários:

Aureliano: Como vocês estão se preparando?

Candidata: Eu me preparei com dieta, tratamento dentário, não fiz plástica. Somente isso: dieta e tratamento dentário. [...] Eu acho assim muito importante porque uma Miss, assim, tem que estar preparada em todos os sentidos na área da beleza. [...] a gente tem que se valorizar, se produzir mais, se embelezar mais. Porque os flashes vão todos em cima da gente, então a gente tem que aparentar... fazer uma boa aparência.

Aureliano: E vocês têm se preparado pra esse concurso? Como?

Candidata 1: Sim, assim, alimentação, dicas de maquiagem, de como se comportar, de como se portar na frente dos jurados, passarela, isso é muito importante também. Isso vai requerer todo um estudo, toda uma preparação.

Equipe Miss T: Como você se preparou pra chegar aqui hoje?

Candidata 2: Foi um ano de treino, de dieta, de realmente dedicação total à mim, ao meu corpo, ao meu cabelo, ao meu caráter, pessoa, postura. Foi realmente uma preparação muito grande.

Equipe Miss T: E qual foi sua preparação pra vir aqui?

Candidata: Então. Muita malhação [risos]. Modifiquei meu corpo, coloquei prótese que eu não tinha.

Equipe Miss T: Nos seios?

Candidata: É, nos seios. Tava pensando em dar uma levantadinha no quadril, mas eu falei: Eu vou no perfil da mulher negra mesmo. Geralmente é os seios, o corpo mais original. Nem todas têm muito quadril, geralmente é bumbum mesmo...

Equipe Miss T: E me fala uma coisa, como você se preparou para este ano?

Candidata: Ah sim, ou cuidando da minha... eu sempre me cuidei mesmo. Cuidando da minha pele, cuidando do meu corpo, meu cabelo... Fui, coloquei megahair, queratina. Comprei cabelo, né, mais cabelo.

Aureliano: E você fez algum tipo de tratamento estético pro concurso especificamente?

Clareei meu cabelo, fiz sessão de laser na pele pra deixar ela mais lisinha. Sempre... todo tratamento de estética já faz parte da minha rotina [...]. Só melhorei um pouco pro concurso.

Aureliano: E você teve algum tipo de preparação mais estética, digamos assim, com alimentação, algum procedimento...

Cuido sempre, sempre cuidei muito da pele, mas eu fiz algumas coisas que eu nunca tinha feito; nesses dois últimos meses eu fiz sessões de luz pulsada, fiz peeling de diamante, fiz hidratação mais forte, mais potente na pele. Mesmo pra tá com uma... com um viço, uma pele mais radiante pro concurso e gostei. Gostei muito principalmente da luz pulsada. Foi um tratamento que eu fiz no rosto que eu gostei bastante. Agora quanto à plástica, correção, não mexi nada, não fiz nada mais forte.

Aureliano: E de preparação estética, alimentação...

Candidata 1: Sim, é necessário porque você tem que tá com um corpo bem. [...] Ah, isso é reduzir alimentação. Até então antes de vir pro Miss eu fiz lipo e fiz o nariz.

Aureliano: E você sobre a preparação...

Candidata 2: Olha, então, eu me preparei. Com certeza, né, a gente tem que se preparar pra chegar até aqui pra não fazer feio, né. Em questão de alimentação, academia, eu cuidei bastante do corpo, né, pra ficar com um corpo legal, porque precisa, né, um dos quesitos pra o concurso. E também... plástica, esse tipo de coisa, não, nunca fiz nada no meu rosto, sempre foi natural assim. Não vi ainda motivo de fazer, me sinto super bem assim, entendeu? Mas é tudo uma preparação, com certeza, né.

(Candidatas Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014)

Estas diferentes candidatas nos revelam diversos tipos de modificações corporais levadas à cabo visando a construção deste corpo belo para um concurso de beleza. Diversos autores e autoras⁷¹ já discorreram sobre a construção do corpo e gênero de travestis e transexuais através da manipulação de hormônios; de intervenções cosmético-cirúrgicas diversas, com destaque para a colocação de prótese de silicone nos seios e o chamado silicone industrial em diversas partes do corpo; cirurgia de transgenitalização; utilização de maquiagens, vestimentas, apliques de cabelo e outras intervenções tidas como mais estéticas. Nesse processo recorre-se ao auxílio de profissionais do sistema oficial/legal de saúde e daqueles considerados à margem desta oficialidade, como as “bombadeiras” (Santos, 2014).

A construção do corpo e gênero de travestis e transexuais já foi tema de diversos trabalhos e discussões acadêmicas (como também do movimento social e da política de saúde organizada em torno deste coletivo/“população”). Utilizo-me aqui desta produção para focar no ponto em que tal processo de encarnação toca a construção da beleza, tema

⁷¹ Como Ailton Santos, 2014; Marcia Ochoa, 2014; Larissa Pelúcio, 2009; Tiago Duque, 2013; Don Kulick, 2008; Berenice Bento, 2006; Marcos Benedetti, 2005; entre outros.

bastante presente nas conversas de bastidores das edições que acompanhei do Miss T Brasil. Só um corpo considerado minimamente belo será credenciado a participar de um concurso de beleza, de modo que nos muitos relatos que ouvi nestes bastidores, as modificações corporais geralmente levadas a cabo por travestis e transexuais e a construção da beleza se confundiam: “Ela tá tomando hormônio, tá bonita”; “A bicha ali não quer tomar, mas se tomasse seria melhor”; “Não põe isso, não põe silicone, você viu como o dela desceu?”; “Já que você não colocou prótese [de silicone nos seios] é melhor tomar hormônio e esperar, fica mais natural”; “Você tá gorda, amiga”; “Como você tá magra, olha esse braço fino que tudo”; “Ai amiga, você ainda tá com traços muito masculinos, precisa arrumar essa cara”; “Com essa maquiagem você vai parecer mais travesti ainda”; “Adorei seu make [maquiagem], tá bem garota”; “Assim você tá parecendo uma pinguete”; “Olha a pamonha [pênis] marcando nesse biquíni”.

Todos os exemplos acima eram ditos a todo momento e em um tom que misturava solidariedade e escrutínio do corpo, que parecia já fazer parte do rol de suas práticas de beleza e troca de informações sobre como construir seus corpos. Desde intervenções tidas como mais invasivas como cirurgias plásticas até cuidados vistos como mais estéticos como maquiagem e vestimentas, o corpo aparece como central nesta experiência de tornar-se Miss. Os diversos momentos dos bastidores do Miss T se constituíram como espaços de troca de informações sobre que tipo de roupa vestir e que tipo de maquiagem usar nas atividades do concurso, como também de circulação de informações mais relacionadas à construção de seus corpos e belezas. Além do escrutínio dos corpos – “Você é bonita, o que você fez?” e “Se você fizer a testa vai ficar babado” –, nomes de cirurgias plásticas, de clínicas e de procedimentos estéticos se faziam presentes, de modo que o processo de pedagogização das Misses era também de colaboração na conformação daqueles corpos e gênero. O corpo se mostrou como principal objeto de intervenção, seja de uma forma tida como mais estratégica para participação e possível vitória no certame, seja por ele também se constituir como objetivo e fim de tais manipulações, já que a corporalidade e beleza ali encarnadas permanecerão naquele corpo após o concurso.

A afirmação de Majorie Marchi, em conversa nos bastidores, de que “eu tirei o desfile de traje típico porque isso é de concurso gay. Prefiro que as candidatas gastem esse dinheiro investindo nelas mesma, colocando prótese...” vai ao encontro deste último tópico acima mencionado. O Miss T constituiu-se como espaço de produção de uma

corporalidade e gênero femininos, de modo que tudo aquilo que diria respeito à preparação para o que o discurso nativo identificava como uma “boa participação no concurso” também fazia-se como a própria produção daqueles corpos para suas vidas cotidianas, de acordo com a imagem que faziam de si.

Neste sentido, os bastidores do Miss T parecia funcionar como um espaço privado de sociabilidade e aprendizado, do mesmo modo que a casa em que diversas travestis e transexuais podem residir e partilhar suas vidas quando em situação de prostituição e que foi assim descrita por Larissa Pelúcio (2009):

Ainda assim, é também na casa [da cafetina] que as travestis reiteram cotidianamente a sua condição. O que implica um exercício performativo de se tornar invisível de dia, ao mesmo tempo em que é no espaço doméstico que cumprem o ritual cotidiano de materializarem o feminino em seus corpos. Numa reiteração das normas que as levam a manterem o interminável projeto de construção de seus corpos. [...] A casa pode ser essa zona de invisibilidade e performatividade, como também é ambiente de aprendizado e construção da Pessoa. Por isso mesmo, aqui, a casa está longe de ser antagônica à rua, pois ela pode ser tão racional e regrada como se pretende esta última; enquanto a rua será, muitas vezes, o ambiente referencial e de acolhimento (PELÚCIO, 2009, p.207).

Na maioria das vezes liderada por uma cafetina, esta casa sobre a qual Pelúcio versa proporcionará à jovem travesti uma “convivência entre iguais” e uma “mãe” ou “madrinha”, ou seja, uma figura mais velha de referência que tomará para si a responsabilidade de “ensinar à sua filha as técnicas corporais e a potencializar atributos físicos, a fim de se tornar mais feminina”, como orientando-a a “tomar hormônios, suger[ir] que partes do corpo a novata deve bombar e quantos litros colocar”, além de também inserir sua “filha” no mercado da prostituição, ensinando as regras de convivência neste espaço e instruindo “quanto aos clientes e sobre as regras do ‘pedaço’” (Pelúcio, 2009, p.208). Como bem sintetiza Pelúcio, “a cafetina ocupa um papel organizador e ramificado na rede das travestilidades. Atua na rua, na casa e nos corpos” (2009, p.208).

Como já afirmado anteriormente, no contexto do Miss T Brasil, Majorie Marchi era a “mãezona das misses”, aquela que ditava o que elas deveriam ser e como deveriam se portar. Se, no exemplo citado por Pelúcio, a “mãe” seria quem efetivamente ditava a forma como os corpos das filhas passariam por seus processos de encarnar determinada feminilidade, isto também valia para o Miss T, porém parcialmente. Majorie ditava o que aquelas candidatas deveriam ser, já que a feminilidade e beleza que seriam vistas no palco

e ali transformadas em projeto político pela organização do Miss T deveriam ter sido conformadas anteriormente. Porém, não havia uma exigência última a ser seguida, de modo que algumas candidatas competiram mesmo sendo consideradas um pouco acima do peso para um concurso de beleza e outras que ainda não possuíam prótese de silicone nos seios também desfilaram no palco do Miss T Brasil. O que parecia se mostrar mais forte no direcionamento de Majorie na corporalidade das candidatas era a oportunidade de materializar determinado corpo para cada uma das participantes, sendo o certame considerado um espaço a partir do qual elas operariam em si modificações já anteriormente desejadas ou vistas como necessárias.

Preparar-se de uma forma tida como “técnica” também seria fundamental, ou seja, para participar de um concurso de beleza não bastava apenas construir seu corpo segundo determinado perfil, mas também dominar uma hexis corporal exigida pelo formato concurso de beleza. Mostrava-se necessário, por exemplo, treinar o modo como se desfilaria em uma passarela, qual vestido seria tido como melhor para o “seu perfil”, qual o melhor tipo de cabelo e maquiagem a serem usados, como indicaram as candidatas abaixo:

Aureliano: Então como você se preparou para o concurso?

Olha, por estar envolvida com moda então eu tô sempre vendo questões de roupa, tô sempre envolvida e sabendo o que tá na moda e o que não tá. Aí tô sempre assistindo desfile, desfiles de Misses, desfiles de Mister, desfiles de Trans de outros lugares, de Gays de outros lugares... tem o Miss Gay que é famoso no mundo todo, essas coisas. Então é bom, eu sempre tô vendo a postura, colocação, tipo de roupa, porque que ela ganhou, se a outra era a mais bonita, entendeu? Aí isso tudo faz, envolve muito a gente. [...] Óbvio que todo mundo espera ganhar logo da primeira vez, mas, ah, não deu certo? Tenta de novo, tenta de novo até, sei lá, até chegar a hora que você vai e consegue. Porque você só vai adquirindo experiência com isso tudo. Então outra vez que vou participar vai estar melhor do que a última, vai saber o que errou e vai consertar. É um aprendizado, entendeu?

(Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Aureliano: Você falou desses meses, você teve alguma preparação... algum outro tipo de preparação?

Tive, tive preparação. Eu chamei, eu contratei um dos bookers da agência, né, o que dá aula de passarela e também ele entende de todo tipo de passarela, de concurso. Eu tive algumas aulas na minha casa mesmo, aulas particulares. Não de postura, mas o meu problema mesmo foi essa questão de rir sempre. É um andar diferente, é um andar mais leve, as paradas, sempre rindo, rindo 24 horas. Eu sabia que nos dias aqui no... 24 horas tinha que tá sempre sorrindo pras pessoas, então foi... tive uma preparação sim. E tive toda essa organização com guarda-roupa que eu traria, né. E tem tudo aquilo também, vestido, o maiô e o biquíni eu quis fazer sob medida, então foi tudo... tudo mandei fazer.

(Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).

Mesclada a itens como preparação técnica, corporal e financeira – a qual no fim acabava sendo um pré-requisito para todas aquelas modificações corporais vistas como necessárias para o certame – se fazia notar a ideia de uma “preparação psicológica”, que parecia dizer de um estado de bem estar consigo mesma que garantiria um bom desempenho nas etapas do concurso e, principalmente, na grande noite de eleição da Miss, como afirmaram:

Aureliano: E sobre o concurso em si, vocês acham que é necessário uma preparação pro concurso?

Candidata 1: Eu acho que pra todo concurso... até pra tu arranjar um emprego hoje em dia tem que ter uma preparação, né? Acho que pro concurso sim tem que ter uma preparação não só pras meninas como pra quem faz acontecer o evento. E acho muito importante sim a preparação pra todas.

Candidata 2: Eu acho que é uma preparação tanto psicológica porque tu tem que tá lá, é uma pressão que vai tá em cima de ti. Tem que tá calma, tranquila, ver várias pessoas te julgando e olhando todos os detalhes, então tu tem que tá muito preparada. Tanto fisicamente quanto psicologicamente (Candidatas Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Aureliano: E você acha que é necessário uma preparação para um concurso de beleza?

Tanto fisicamente quanto psicologicamente, ainda mais pra mim que vim sozinha da minha cidade. É minha primeira vez aqui no Rio de Janeiro e eu não conheço nada. Só peguei minhas coisas e vim, então a gente tem que ter um preparo psicológico, a gente... É obvio que eu quero ganhar. Mas eu não vim pra competir, pra passar por cima de todo mundo, eu vim pra conhecer, pra adquirir experiência, pra ver como é isso tudo. Porque eu já participei de dois concursos, mas nenhum dos dois concursos que eu participei foram desse nível, que tá sendo aqui. Porque isso é um Miss Brasil, isso é uma coisa que tem muita gente envolvida. Então tem que ter um preparo psicológico muito grande. E fisicamente eu acho que a gente tem que se cuidar desde o primeiro momento que a gente se propõe a vir, né? Cuidar do corpo, cuidar da pele, de cabelo, tudo. Que é um concurso de beleza e você tem que tá bonita, isso é obvio (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Aureliano: E você acha necessário algum tipo de preparação pra um concurso de beleza?

Muita preparação. Psicológica em primeiro lugar, né. Porque às vezes a candidata ela tem o melhor vestido, ela tem a melhor passarela. Ela tá com o melhor apoio, tem dinheiro, mas chega no dia do concurso não tem um amigo pra apoiar, ela se sente sozinha, né. Isso foi o que eu tava sentindo, entendeu? Eu tava preparada, mas tava faltando aquele calor, né. Então não adianta você fazer tão bonito pra não ter ninguém aqui que você conhece pra te aplaudir, né. Então eu acho que principalmente rola apoio dos amigos, pra você ter um bom concurso. Não adianta tá só bem produzida com a aparência e a cabeça não tá... não tá boa.

Aureliano: E como você tem se preparado para esse concurso?

Ah, eu faço meditação, alimentação correta. Eu rezo bastante, eu tenho fé, eu sou budista, então eu rezo bastante. Evitado me estressar. A bebida alcoólica também eliminei, tudo que tinha a gente do nosso humor natural, entendeu? (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).

Parece haver aqui a crença em um sujeito psicológico interiorizado e dotado de vontades e ações próprias perante ao meio externo. Este sujeito interiorizado não estaria

inscrito apenas em suas subjetividades, mas também (e talvez mais fortemente naquilo que se mostrava visível como práticas cotidianas) em seus corpos, de modo que caberia àquelas que se candidatavam ao Miss T Brasil serem totalmente responsáveis pela constituição desta feminilidade bela. Esse processo passava pelos serviços de saúde que acessavam e pelas práticas de cuidado com seus corpos. Corporalidade e subjetividade se imbricavam na produção deste sujeito moral exemplar⁷².

Tanto a referência a um sujeito psicológico interiorizado como à responsabilização de si pelo cuidado com seu próprio corpo parecem trazer uma marca de classe que busca promover distinção social através da incorporação de um discurso reflexivo sobre si (Boltanski, 2004)⁷³. Além disso, a construção de um discurso tido como mais psicológico pelas camadas médias parece aqui ir ao encontro da própria justificação “psicológica” de tratamentos e intervenções cosméticas que, como analisou Laura Deppe (2001) em sua análise da Revista Nova entre as décadas de 1970 a 1990, forjou a noção de que cuidar da beleza tornou-se sinônimo de cuidar de si, promovendo o que certo discurso psicológico denomina “autoestima”. Nas palavras de Deppe, ao longo dessas décadas, saúde e beleza tornaram-se sinônimos: “o corpo belo vai espelhar, assim, um estado orgânico interno que, mantido em equilíbrio, trará felicidade, prazer, satisfação e

⁷² Este sujeito moral exemplar inscrito no corpo, quando mais diretamente relacionado ao campo da saúde parece se relacionar ao que Robert Crawford (1980) nomeia como *healthism* ou uma saudização da vida, o que em suas palavras é definido como: “*Briefly, healthism is defined here as the preoccupation with personal health as a primary – often the primary – focus for the definition and achievement of well-being; a goal which is to be attained primarily through the modification of life styles, with or without therapeutic help. The etiology of disease may be seen as complex, but healthism treats individual behavior, attitudes, and emotions as the relevant symptoms needing attention. Healthists will acknowledge, in other words, that health problems may originate outside the individual, e.g. in the American diet, but since these problems are also behavioral, solutions are seen to lie within the realm of individual choice. Hence, they require above all else the assumption of individual responsibility* (Crawford, 1980, p. 368).

⁷³ Como afirma Boltanski (2004) acerca de cuidados de saúde e cosmética femininos, pode haver um julgamento moral no que se refere ao cuidado consigo mesmo. O cuidado nas camadas médias e altas é reprovado e tido como excessivo pelas camadas populares, que os veriam como empreendidos por “mulheres que têm tempo e dinheiro para isso”, ‘que não trabalham’, ‘as mulheres da sociedade’” (2004, p.141) etc. Ainda segundo Boltanski, as diferenças que dividiriam mulheres trabalhadoras (de camadas populares) e mulheres da elite (de camadas médias e altas), não poderiam ser explicadas apenas pelo âmbito econômico, pois tais diferenças “exprimem também as regras e os valores que, em cada classe social, regem a relação que os indivíduos mantêm com seu corpo” (Boltanski, 2004, p.139). Pierre Bourdieu (2015) também versa sobre diferenciações e distinções de classe e conseqüente legitimação de determinado tipo de corpo em detrimento de outros, tidos como “populares”: “O proselitismo que leva as novas frações da burguesia (e da pequena burguesia) a erigir em norma universal o seu modo de vida e, em particular, os usos do corpo, só pode ser compreendido completamente a partir da intenção, inconsciente mesmo, de produzir a necessidade de seus próprios serviços (dietas, ginásticas, cirurgias estéticas, etc.) ou de seus próprios produtos, ao fazer reconhecer a representação do corpo que eles encarnam (porque detêm por definição os meios de realizá-lo), além dos limites de suas condições de realização, e engendrando, assim, a distância entre a norma e a realidade, entre o corpo ideal e o corpo real” (Bourdieu, 2014, p.252).

‘energia’” (2001, p.93, grifo no original). Este “estado orgânico interno” diria tanto de um bem-estar psicológico como bioquímico, que passou a ter maior entrada no perfil da “mulher-Nova”, prototípica do feminino das camadas médias, a partir da década de 1990.

No contexto do Miss T Brasil, este sujeito individualizado, auto-confiante e responsável por seu corpo e saúde seria o sujeito ideal para a formação do *casting* do Miss T, já que a beleza seria nobilitada pela aproximação com este ideal moral, tornando o projeto Miss T Brasil ainda mais diretamente legitimado como algo que não se trataria apenas de uma eleição fútil, como mencionado no tópico “Politização da beleza trans” no Capítulo 2 deste trabalho. Assim como a beleza para travestis e transexuais foi politizada nesse concurso, a apropriação do discurso de uma autoestima encarnada no corpo e através deste conquistada – tanto via intervenções cirúrgicas, como pela produção de maneirismos nos moldes de *sacar el cuerpo*, mencionado por Marcia Ochoa (2014) – também contribuiu para legitimar as práticas de saúde e intervenções cirúrgicas levadas a cabo neste contexto.

Na construção deste corpo e sujeito, os conhecimentos e concepções de saúde pareciam advir principalmente do encontro e da troca de informações entre as candidatas, de modo que os bastidores do Miss T Brasil funcionavam como uma espécie de salão de beleza e serviço de saúde (locais talvez máximos da elaboração de saberes e práticas sobre cada um destes tópicos), nos quais as informações circulariam visando a construção de um corpo trans belo e confiante. O discurso da autoestima conquistada via construção de determinada beleza e feminilidade parece estar em evidência na seguinte fala de uma candidata:

Aureliano: E o que você está achando desta experiência aqui no Miss T?

Da ideia da questão do concurso de Miss de aliar a beleza com... achei uma jogada muito boa. Porque se você reparar nos olhares de cada menina trans, não só as que estão aqui, mas que estão espalhadas pelo mundo aí, você vê essa questão da vaidade, questão muito forte. Querem ser femininas, mercado de cirurgia plástica é muito forte pra questão das trans, né? [...] eu vejo dessa forma, a questão que eu vejo que é mais a florada, mais que nas mulheres biológicas, né? [...] porque aqui tem uma questão de autoafirmação, que uma mulher biológica não teria que afirmar pra ninguém que é mulher. Aqui a gente tem que ser feminina, tem que ter uma pele feminina, ter o cabelo feminino, então assim, a questão da vaidade muito a florada. E essa questão da vaidade tem que tomar cuidado pra não entrar no limite de uma rivalidade, no limite de uma inveja. Então você tem que ter sempre cuidado porque hoje, supondo, hoje eu tenho um cabelo lindo, maravilhoso, mas ela tem uma perna maravilhosa, entendeu? Então essa questão ela tem que ser muito cuidada, trabalhada em cada uma das meninas aqui, que vê que cada uma tem sua estrela, cada uma tem seu espaço, cada uma tem a sua qualidade. Lógico, tem umas que tem um conjunto que faz com que ela tenha assim uma característica feminina mais a florada, mas isso não faz dela a melhor. Não faz ela a melhor, faz ela sim no

perfil dela enquadrado, entendeu? Ela se encontrou naquele perfil. Realmente a melhor pra mim é aquela que passe segurança, que passe confiança e autoestima (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Alexander Edmonds (2009; 2010; 2014) também se detém sobre a relação entre beleza e autoestima, afirmando que a principal teoria que comandaria uma “filosofia da beleza” do importante programa de cirurgia plástica da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, fundado pelo cirurgião plástico Ivo Pitanguy, é justamente a que relaciona corpo e alma e a intervenção no corpo como a conquista de caracteres subjetivos ou ditos psicológicos, como a autoestima. Deste modo, uma intervenção meramente estética se justificaria como legítima e não apenas mera questão plástica; desde a socialite que deseja parecer mais jovem até a empregada doméstica de um cirurgião plástico que quer uma prótese de silicone nos seios para se sentir “melhor consigo mesma”, as cirurgias plásticas visariam *“to harmonize the body with the spirit, emotion with reason, aiming to establish an internal equilibrium that will permit the patient to reencounter, re-structure himself [sic], so that he feels himself in harmony with his own image and the universe that surrounds him”* (Pitanguy apud Edmonds, 2009).

O componente subjetivo e quase ontológico que uma cirurgia plástica traria à tona também revelaria tópicos como *“mental well-being, economic competitiveness, and social and sexual competence”* (Edmonds, 2009, p.471), o que conformaria de forma mais completa e socialmente localizada a noção de um sujeito moderno, responsável por sua saúde e bem-estar⁷⁴. Exemplo desta responsabilização do sujeito moderno por seu corpo e, conseqüentemente, bem-estar e autoestima, seria a preocupação com o tamanho das próteses de silicone nos seios de algumas candidatas ao Miss T Brasil, que discutiam e buscavam uma forma vista como feminina e “proporcional” ao seu corpo, ao contrário de muitas travestis e transexuais que viam no excesso das formas (com destaque para seios e quadris) a plena conquista da feminilidade⁷⁵. Ou a mulher negra que se submetia à uma cirurgia plástica para afinar o nariz porque não vê como bonito seu nariz negroide, termo que acaba sendo colocado por seu cirurgião plástico de um hospital público do Rio de Janeiro como a indicação médica para sua cirurgia (Edmonds, 2010). Nestes casos, o

⁷⁴ Talvez nos moldes do qualificativo “físico-moral” concebido como o mediador do dualismo corpo/mente no gozo de algo tido como saúde e a experiência do adoecer no todo da vida daquela pessoa ou sujeito (Dias Duarte, 1994).

⁷⁵ Este modelo do “peitão” e do “bundão” muitas vezes foi referido pelas candidatas como sendo de gerações anteriores. Porém, mais do que isso, parece ser um modelo de corpo e beleza das camadas populares, que não é o mesmo do Miss T Brasil.

sujeito se torna responsável por seu corpo, cabendo a si tanto a tarefa de buscar a forma vista como bela para si como a responsabilidade moral de efetivá-la naquilo que é entendido como seu bem-estar, autoestima ou simplesmente sua saúde.

Assim como aquela interiorização psicológica mencionada acima, também fazia parte desta construção subjetiva algo tido como uma aura ou “energia” que surgiria em torno da candidata, tornando-a uma forte competidora e, de certa forma, especial na noite do desfile. Como Cláudio Nascimento, presidente do júri do Miss T Brasil 2012, nomeou, “é aquela energia que chega para os jurados”, ou aquela “*beauty within [...] that confidence radiates from within*”, como identificou uma participante da seletiva do Miss Venezuela em 2003 (Ochoa, 2015, p.225). Ou ainda aquilo que daria corpo e vida a uma produção total de Miss, já que, como uma candidata afirmou, “o vestido não faz a pessoa, a maquiagem não faz a pessoa, o cabelo não faz a pessoa. Porque qualquer pessoa bem vestida, bem maquiada e cabelo muito bem feito fica bonita, entendeu?” (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012). Parece ser a construção de um sujeito psicológico autônomo forjando uma imagem de si que apregoa seu voluntarismo e capacidade de ação como valores, mas que no fim seria sempre ancorado na beleza, que espelha tal esforço na construção de seu corpo:

Porque beleza é um quesito, mas... [...] Quando eu vim pro concurso, também era mais ou menos igual você, fazia pouco tempo de trans, era uma coisa assim que eu queria vivenciar e tudo mais. E eu achava assim, que a beleza era mais importante do que preparação. [...] Depois do concurso que a gente foi: “Nossa, se eu tivesse me preparado melhor nesse quesito poderia talvez ter saído melhor”. Você começa a pensar nisso e não: “Nossa, ah eu sou horrorosa, jamais vou participar de forma nenhuma”. Então isso é muito importante que a gente consiga colocar na cabeça de cada uma que entrar aqui, que se não acontecer de tá entre as finalistas não é por um quesito de beleza e, sim, por um quesito técnico [aprendido] que tem que ser estudado (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2014).

3.1.2 Encarnando a beleza e a feminilidade

A beleza passível de ser construída em seus corpos era vista como algo a ser conquistado e ali encarnado. Em uma das edições do Miss T, determinada candidata não foi vista pelas outras como possuindo uma beleza padrão, o que foi identificado como “é

que ela ainda não encontrou sua beleza”, no sentido de que ela ainda estava no processo de encontrar o melhor feminino para si, aquele com o qual se reconheceria mais plenamente e, por isso, a deixaria mais à vontade, dotada de maior autoestima.

Outra cena que se relaciona a esta ideia da construção da beleza foi no dia posterior à eleição de um dos anos do certame. Algumas candidatas estavam em um dos quartos do hotel conversando calmamente sobre a noite anterior, principalmente elogiando as roupas e produções de diversas candidatas e identificando onde determinada candidata tinha errado. Os comentários não pareciam persecutórios, mas sim construtivos para que determinada candidata continuasse no processo de construção de sua beleza, durante o concurso e fora dele. Parecia algo como um investimento para suas vidas. O concurso seria um ritual importante de validação e legitimação daquela imagem de si que a candidata vinha construindo em sua trajetória ordinária de vida. Nesse sentido, uma candidata que não era tida como a favorita, mas sim como muito preparada, foi bastante elogiada por sua boa preparação, momento em que respondeu que “Gente, olha, eu não era a melhor, se não eu teria ganho. Eu não ganhei então porque eu não era a mais preparada, mas tô super feliz de ter participado de tudo isso”.

Além da construção desta beleza ser sinônimo de certa feminilidade nobilitada no corpo, as candidatas, em sua maior parte, possuíam acesso a bens e serviços considerados mais restritos às camadas médias, de modo que não tinham dificuldade em acessar clínicas e serviços de saúde privados, o que as colocava em relação diversa àquela mencionada por Aílton Santos (2014) e Berenice Bento (2006) acerca do acesso aos serviços de pessoas trans (na rede pública). Elas poderiam – como de fato o faziam – acessar serviços de saúde da rede privada, principalmente para cirurgias plásticas e, em alguns casos, acompanhamentos médicos para manipulação de hormônios. Pertencer ou estar localizada neste extrato de camada média também parecia favorecer a incorporação mais fortemente de um discurso responsabilizador de si: um sujeito psicológico interiorizado é uma marca de classe que também as insere em um lexo reflexivo e individualizante de si. Isto, por sua vez, parece atuar diretamente no encarnar o tipo específico de corporalidade e feminilidade aqui descrita, a qual é bastante próxima daquelas das mulheres cisgênero de camadas médias e altas.

Sobre este ponto e em sua etnografia sobre cirurgia plástica entre mulheres cisgênero no Rio de Janeiro, Alexander Edmonds (2010) afirma que a aproximação de

peças de classes mais baixas às corporalidades de pessoas das classes consideradas altas não é cópia mecânica, mas se dá através de uma reapropriação daqueles tipos e modelos de corpos. Sendo uma reapropriação, guardaria tanto certa pretensão de se parecer com, quase como se isso desse a possibilidade de partilhar dos significados e bens daquele mundo, como propiciar a emergência de novas formas e sentidos. Assim, Edmonds levanta a hipótese de que *“as other metaphysical and moral dimensions of normative femininity (a good family, virginity, virtue) decline in value, perhaps physical attractiveness may even increase in importance to subjects exercising agency in social domain where elective sexuality is the norm or ideal for larger parts of the life circle”* (Edmonds, 2010, p.251).

Travestis e transexuais vistas como habitantes de lugares abjetos, talvez sejam ainda mais relacionadas a este mundo da atratividade física e da sexualidade, de modo que a construção de um corpo considerado belo pode servir tanto a um imperativo social como a uma estratégia de inserção em um lugar social no qual minimamente se sintam desejadas e em posição de destaque. Isto parece ser bastante evidente no mundo da prostituição, porém também se mostra como estratégia de legitimação social de uma forma mais ampla, sendo uma determinada beleza, por exemplo, ferramenta de aproximação de um tipo trans ideal, como o protótipo das mulheres independentes e quicá profissionais liberais das camadas médias brasileiras (Edmonds, 2010). E tais ideais apareciam encarnados em suas corporalidades, como uma candidata afirmou: “Minha família me apoia, me dá todo o apoio. Me disseram: ‘Minha filha, você quer se transformar? Então vou te ajudar no cabelo, nas plásticas, vamos por peito, vamos por roupa... porque a gente não quer de você uma figura exagerada. Você pode ser qualquer coisa, a gente só não quer uma figura exagerada e ridícula. Então vamos investir em você”.

A condenação de um corpo “exagerado” (e tido como “gostosão”) também podia ser estendida para roupas e acessórios que poderiam também localizá-las em determinada classe social e/ou conformação corporal, como foi destacado por outra candidata ao experimentar um vestido que poderia ser considerado mais “elegante”: “Se eu chegar com isso na minha terra o povo vai dizer: ‘Nossa, ela tá tão pobrezinha, será que ela vai num casamento?’”. Assim como possuir um “bundão” pode ser valorizado em determinado contexto – e um contexto social absolutamente marcado por ideais de classe (Edmonds, 2010) – uma roupa que para muitas poderia ser identificada como “formal” ou mesmo

“chique”, para outras era vista como não sensual, fora da linha “gostosona” e, por isso, desvalorizada e não desejável.

A candidata a seguir versa sobre seu corpo valorizado por ela e por seu contexto local como sensual, mas cuja sensualidade encarnada era vista como “exagerada” para participação em um concurso de beleza. Sua fala também nos traz informação sobre o lugar de Majorie Marchi na preparação das candidatas e formação do casting, bem como da forma como cada candidata lida com as modificações sugeridas em seus corpos visando a participação no certame:

A minha preparação foi muito grande. Grande! Majorie disse que eu fui uma surpresa pra ela desde o primeiro dia. Porque quando eu pedi pra ela... eu disse: “Majorie, vou me inscrever” ela me deu um não na cara. Ela disse: “Oh, seu Face é um lixo”, porque tinha muita foto minha, assim, muito sensual, não sei o que, não sei o que. E na época eu achava aquilo interessante. Eu achava que ter lá na minha cidade a bunda bonita, todo mundo falava, eu achava aquilo “Ai que legal”. E a Majorie: “Oh, tem que ver o outro lado, uma travesti precisa saber ser isso, ser aquilo”. E aí eu fui, Majorie foi me cortando, cortando, falando, falando até que no fim eu tive uma evolução tão grande que hoje eu sei falar, que hoje eu sei me expressar, a maneira que eu converso, a maneira que eu falo. As roupas que eu uso hoje são totalmente diferentes de antes do concurso. Hoje eu consigo, quer dizer, hoje eu estou no Rio de Janeiro me sentindo igual a todas elas. Eu aprendi a escrever certo, a falar certo, em momento algum aqui eu falei nada errado. Então foi toda uma preparação. O corpo, eu era assim bem panicat⁷⁶, muita bunda, muita perna. E não tenho silicone e Majorie, “Oh, tá muito exagerado”. Então eu comecei a deixar de malhar, passei por toda uma transformação pro Miss. Perdi 6 quilos [com bastante ênfase] e aí me senti preparada pra vim. E tô aqui. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).

Já o corpo de outra candidata era visto como “cheinho” ou “gordinho” para um concurso de beleza, de modo que para entrar no casting esta candidata passou por um grande emagrecimento ditado pelo mesmo processo pedagógico comandado por Majorie na conformação de seu casting para o Miss T Brasil:

Acho importante sim e se eu soubesse há muito tempo, né, que eu ia participar do Miss eu tinha me preparado desde antes. Quando a Majorie me tocou ela disse, “Realmente você tem uma beleza facial muito... né, assim, atraí, né?” É uma beleza de menininha, como ela mesma pôs com as palavras dela. Mas o seu corpo não ajuda. Eu era cheinha, gordinha e tal. Isso eu entrei em dieta, comecei comecei comecei. Dieta e exercício físico até perder um pouco. Consegui perder 8 quilos, que foi o suficiente, na minha opinião. Eu acho também que a gente emagrecer demais também, fica uma coisa sem saúde, né? Afunda tudo, eu não gosto. E meu rosto é mais cheinho, então eu acho que pra combinar com o corpo. E eu sou toda por igual, né?, se você percebeu, então eu não queria perder. Aí quando eu cheguei no hotel, nossa, fui muito bem

⁷⁶ Panicat é o nome dado às ajudantes de palco do programa de TV “Pânico na Band”, da Rede Bandeirantes (anteriormente conhecido como “Pânico na TV”, no canal RedeTV!). Tais personas são conhecidas por possuírem corpos extremamente malhados e com curvas tidas como excessivas, mas bonitas e desejáveis, como coxas grossas, bunda grande, seios fartos etc.

recebida. Majorie falou que se surpreendeu, não só comigo, mas com todas. Porque nas fotos de casting nós somos muito menos do que somos, né? Porque... eu acho que ninguém pensou ali que era, nossa, assim, sabe, essa expansão que tá tendo. Ninguém pensou. Eu acho que pensou que fosse um concurso, né, pra gente, pra população gay, trans e LGBT. Mas, nossa, tem aí, né, mídia total. [...]. Então não seria legal a gente chegar aqui pra competir com meninas lindíssimas aos cacos também, né? A gente tem que saber também, né, se colocar. Então eu concordei com a Majorie na hora que ela me falou do peso, né, do sobrepeso. Concordei com ela na hora e foi um vrááá, meu filho, correr, né, atrás do prejuízo e tô aí. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012-2014).

Ainda que aquela primeira candidata mencionada tenha dito posteriormente que ter emagrecido para o concurso e, conseqüentemente ter “perdido sua bunda” que seguia um perfil mais “gostosona” ou “panicat”, como ela nomeia, em nenhum momento as candidatas viam as modificações corporais que elas deveriam fazer para entrar no casting do Miss T como algo negativo ou impositivo sobre elas. Ao contrário, era algo visto como uma melhora em seus corpos e perfis⁷⁷. No caso do “melhoramento” promovido pelo Miss T como pré-requisito para participação no *casting* do certame, tecnologias como tratamentos cosméticos, uso de hormônios femininos, cirurgias plásticas ou mesmo a inserção de certas extensões no corpo – como apliques no cabelo, retirada de pelos e conformação de um gênero feminino através de vestimentas e maneirismos – buscarão a construção de um corpo mais próximo de um ideal tido como universal de beleza.

O mesmo talvez valha para as dietas e cuidado com a alimentação mencionados pelas duas candidatas, com destaque para a segunda acima citada. Em seu caso, a conformação de seu corpo de acordo com padrões que valorizam a magreza em detrimento de algo tido como “sobrepeso” a levaram à construção de um novo corpo, o que modificou a forma como concebe uma imagem de si e a rotina de cuidados consigo. Não haveria exatamente uma tecnologia biomédica, em sentido estrito, sendo aplicada na manipulação deste corpo, como o uso de medicamentos ou cirurgias visando certo aprimoramento do corpo, porém penso que aqui também podemos nos remeter ao

⁷⁷ E se este melhoramento identificado pelas candidatas do Miss T não tiver o mesmo sentido de *enhancement*, como concebido por Peter Conrad (2007), em algum grau dialoga com suas ideias de um melhoramento das potencialidades do corpo através de tecnologias externas a este. Nas palavras de Peter Conrad, “*biomecial enhancement é concebido como “one particular genre of selfimprovement in modern society [...] These include drugs, surgery, and other medical interventions aimed at improving one’s mind, body, or performance. Cosmetic surgery, including lipo suction, face lifts, breast augmentation, and ‘nose jobs’ (Sullivan, 2001), has become a common biomedical road to bodily improvement. Performance-enhancing drugs such as steroids, hormones, and stimulant medications, often used by competitive athletes, have caused controversy. More recently, Peter Kramer (1993) conceptualized certain drugs like Prozac as having the potential qualities of ‘cosmetic psychopharmacology’ making individuals ‘better than well’*” (Conrad, 2007, p.70-71).

conceito de *enhancement* simplesmente porque há a busca e efetiva manipulação do corpo visando alcançar algo tido como um estágio melhor que aquele anterior, no caso, a construção de um corpo magro, substituindo aquele visto como com “sobrepeso”. E esforços diversos serão feitos para a manutenção desta nova imagem conquistada.

Esta mesma candidata, durante uma das edições do Miss T, no primeiro dia de competição, apareceu de biquíni branco e uma saída de praia transparente para almoçar. Estava muito elegante e mostrando sensualmente seu corpo. Como não fiquei muito próximo às meninas, não sei se chegaram a fazer comentários sobre isso, mas foi um fato que atraiu os olhares de todas as pessoas que estavam no restaurante no momento. Posteriormente conversando com tal candidata, ela comentou que perdeu 20kg para participar desta edição do Miss T, a qual via como uma grande possibilidade de acesso à sua desejada cirurgia de redesignação sexual. Visando atingir este objetivo principal, esta candidata se preparou muito para esta edição do Miss T, sendo seu emagrecimento talvez o principal dentre o rol de modificações corporais das quais lançou mão. Quando me disse sobre seus 20kg perdidos, brinquei que então era por isso que tinha aparecido daquela forma para almoçar e tive como resposta: “É claro, meu filho, emagreci agora tenho que mostrar”.

Interessante foi a resposta de duas candidatas que, além de elencar os procedimentos cosméticos realizados com o objetivo de participar do Miss T Brasil, ofereceram, através do exemplo de seus corpos, inicialmente vistos como muito magros, uma acurada diferenciação entre os perfis de uma Miss e uma Modelo (geralmente de passarela). Esta diferenciação de perfis é a mesma presente no imaginário da beleza de forma geral e um possível conflito entre uma carreira de Miss ou de Modelo:

Aureliano: Você acha necessária preparação para um concurso?

Eu acho que tudo que você vai fazer na vida requer um preparo antecipado. Então eu me preparei pro concurso, tipo, eu era muito, mas muito muito magra. Eu fazia o biótipo [sic] de modelo mesmo, aquela coisa mais seca, que é diferente do biótipo de uma miss, que é aquela mais encorpada. Então eu dei uma mais encorpada. Tanto que se você reparar nas fotos eu era mais magra e eu dei mais uma encorpada. Acho que tudo requer um preparo sim. E nesse caso você se preparou como? Beleza, tipo, fiz alguns procedimentos estéticos, não chegaram a ser cirurgias plásticas, foram apenas alguns procedimentos: peeling, laser, essas coisas, pra poder me preparar pra vir pro Miss [...] bronzeamento artificial, megahair, tudo.

Aureliano: Mas no caso você fez um regime pra engordar ou você fez malhação...

Não. Eu comi como eu como [risos]. Tipo, eu como muito. Eu tenho uma genética muito boa, graças a Deus. Eu como muito e tenho uma facilidade de engordar pouco, vamos dizer assim. Eu adiro massa se eu quiser e eu perco

massa se eu também quiser, comendo a mesma quantidade. Então eu tenho essa facilidade muito grande. Eu consegui dar uma encorpada com isso. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Aureliano: E você teve algum tipo de preparação mais estética, digamos assim, com alimentação, algum procedimento...

A minha alimentação é ótima. Eu quis ganhar um pouco mais de massa pro concurso. Eu quis dar uma engordadinha porque eu sempre fui muito magérrima. Eu acho que a Miss ela é mais curvilínea, fica acho que com mais graça. E outra: é Brasil, né? Vou tá representando uma Miss brasileira e acho que fica legal. Eu tive uma mudança no meu corpo. (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Este tópico físico-moral relacionado à alimentação e seus efeitos na composição adiposa do corpo esteve bastante presente no contexto do Miss T Brasil e se relacionava àquele embate entre um corpo valorizado ou desvalorizado no contexto deste concurso de beleza e em seus contextos locais. No processo das participantes serem selecionadas, muitas fizeram dietas porque queriam estar um pouco mais magras para competir, como também foram orientadas e assessoradas pela organização ou mesmo outras candidatas, pois deveriam entrar no perfil exigido pelo Miss T, como por qualquer concurso de beleza. Neste sentido, na edição de 2013, Majorie afirmou que “eu peguei muito no pé da X e da Y, pois vocês fazem um estilo mulherão, vocês têm que secar. Miss não é gostosona, miss é magra, miss ‘é miss’”.

Ainda sobre esta conquista de um corpo magro para uma Miss, Majorie mencionou que alguém perguntou para ela pouco antes da segunda edição do Miss T Brasil: “O que você tá fazendo com a Marcela Ohio que ela tá feia, tá magra?”, ao passo que ela respondeu que “Feia ela não tá não, ela tá magra. Deixa passar a Tailândia que ela pode fazer o que quiser, mas pra competir ela vai magra”. Marcela iria em poucos dias para a competição tailandesa, da qual deveria participar magra e longilínea, principalmente porque a outra candidata brasileira do Miss T que a acompanharia nesta competição fazia o perfil mais “gostosona” e curvilíneo. Dois perfis diferentes poderiam significar duas chances de chegar à coroa, já que se estaria oferecendo àquele certame duas belas possibilidades que poderiam ir ao encontro do que esperavam de uma *Miss International Queen*⁷⁸.

Porém, o dia 18 de outubro de 2013 no qual as candidatas chegaram para os dias de competição da segunda edição do Miss T Brasil foi uma sexta-feira, dia da tradicional

⁷⁸ Analisarei melhor esta participação das candidatas brasileiras no concurso tailândes no Capítulo 6.

feijoada nos restaurantes do Rio de Janeiro. Não foi diferente no restaurante do hotel em que se hospedaram e no qual tinham todas as alimentações incluídas, de modo que todas aquelas misses que controlaram por dias, semanas ou mesmo meses o que poderiam comer para não engordar, agora estavam diante de uma bela feijoada, à qual “se entregaram”. Algumas candidatas brincaram com isso dizendo que “estou sem comer e emagreci muito e agora estou aqui na feijoada!”. Exclamações como “Ah, mas essa feijoada...” podiam ser ouvidas, da mesma forma que a dica de que “mas eu descobri uma academia no hotel, a gente come e vai malhar pra não deixar de comer!”.

Neste mesmo dia, na recepção oferecida pelo programa Rio Sem Homofobia⁷⁹, a questão da alimentação desejada ou exigida para uma Miss esteve novamente em pauta, já que foi oferecido um excelente café da tarde com pães, bolos, salgados, etc. Frases ditas em tom de brincadeira enquanto se fartavam no café eram seguidas do riso de todas, como “Ah não, vocês não podem dar comida pra gente!” ou “Miss não pode comer” e “Só tinha que ter alface aqui”. E isso provocava réplicas, como uma candidata que afirmou que “Eu já passei tanta fome que eu não vou passar mais, esse tanto de comida na minha frente eu vou comer!”. Assim como no almoço, o jantar também era oferecido à vontade e todas comiam o quanto queriam, o que poderia colocá-las em uma encruzilhada na qual desejam comer, mas tinham a responsabilidade moral (advinda também de altos investimentos emocionais e financeiros) de se cuidar e manter seus corpos magros.

O mesmo pode ser dito da sessão de fotos oficiais para o concurso de 2013, em que se utilizavam acessórios, como grandes brincos e pulseiras, na produção das fotos, que registravam só o colo e o rosto de cada candidata (Figura 49). Esta sessão de fotos foi marcada para o início da tarde e, como foi logo após o almoço no qual todas as candidatas – e toda equipe! – novamente se fartaram, algumas participantes reclamaram que “Ah não, logo agora que estamos todas inchadas por causa do almoço”. A preocupação com a imagem que iria ser fixada nesta sessão de fotos foi logo dissolvida quando Roberta Brandão informou que as fotos seriam feitas só do colo para cima, focando no rosto da candidata e na forma como “brincaria” com os acessórios fornecidos pelo concurso. Portanto, naquele momento, ter comido muito ou pouco no almoço não faria diferença.

⁷⁹ Abordarei este momento no Capítulo 4.



Figura 50 - Candidatas ao Miss T Brasil 2013 em sessão de fotos oficiais para o concurso. Foto: Roberta Brandão para Divulgação Miss T Brasil.

Outros tópicos que viriam forjar uma feminilidade para as participantes – e um tipo específico de feminilidade, já que aqui estamos falando de um perfil que se apregoa magro, longilíneo etc – foram propostos e discutidos em alguns momentos, como a seguinte sugestão de uma das candidatas no já mencionado grupo “Preparação Miss T Brasil” de 2013, aproveitando que o Miss T daquele ano aconteceria no mês de outubro:

Boa tarde meninas! estive conversando com Majorie e propus uma ideia bem bacana.. (eu acho, e tenho certeza que muitas de vcs tbm vão achar,) que é a seguinte: como outubro é o mês em combate ao câncer de mama, sendo que nós mulheres trans também podemos vir a desenvolver a doença.. portanto a proposta seria de, na semana em que estivermos no Rio, usarmos uma fitinha rosa em apoio a esta causa! o que voces acham?? (PREPARAÇÃO MISS T BRASIL, 2013).

Nem todas as candidatas comentaram tal tópico, mas aquelas que o fizeram apoiaram esta proposta que as inseririam em uma clássica luta das mulheres cisgênero contra um tipo de câncer absolutamente relacionado à feminilidade. Outra apropriação deste mundo da saúde feminina cisgênero foi a piada feita por Majorie Marchi, na mesma lista, de que “Aviso Importante: A Candidata a Miss T Brasil SERÁ DESCLASSIFICADA SE... Estiver GRÁVIDA !!!!! KKKKKKKKKKKKKKKKK”. Em resposta a esta postagem, várias candidatas deram continuidade à piada dizendo que “Tchau meninas kkkkkkkkkkkk”, “Kkk...ainda bem que tenho juízo”, “Então vou ter que sair , pois é o sonho do meu namorado ter um filho , e eu não vou abortar!”, “eu uso anticoncepcional kkkk DIANE 35”, “vou agora mesmo fazer um teste de farmacia vai q

cola? Kkkkk”, “ meu útero é infantil, não tenho como engravidar rrsrrs”, “eu já tenho 3 mais já operei para não ter mais!!!kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk”.

Interessante a menção ao uso de anticoncepcionais, pois sua manipulação pode fazer-se presente em momentos que poderiam ser tidos como experimentais de uma feminilidade no início do processo de transição do gênero masculino para o feminino, como diversas travestis e/ou transexuais já relataram (Teixeira, 2009; Carvalho, 2011). A feminilidade ingerida através do anticoncepcional da mãe ou de uma tia, por exemplo, aqui se fazia como um componente da piada que já as supunham completamente femininas, a ponto de nesta lógica humorística ficarem grávidas; o impedimento para a participação em um concurso de beleza seria a gravidez e não caracteres supostamente masculinos e/ou não belos, associação também feita por diversas candidatas como o outro constitutivo da beleza e feminilidade. Do mesmo modo, participar de uma ação em prol do combate ao câncer de mama (que acabou não sendo levada a cabo) também inscreveria estas proclamadas representantes da “beleza feminina brasileira” dentro da categoria mulheres de modo mais amplo, o que, ainda que não se negassem como travestis e/ou transexuais, era bastante valorizado por elas por significar uma forma de reconhecimento e legitimação de suas feminilidades.

O que parecia importar era o reconhecimento daquele investimento feito em si para entrar no *casting* e participar de um concurso de beleza no qual todas já seriam tidas como belas. Ou belíssimas, termo muito presente nos bastidores e usado pela maioria das candidatas para elogiar desde pequenas intervenções e detalhes na produção de roupas e acessórios até a “produção total” e cirurgias plásticas e/ou cosméticas: “Tá belíssima, amiga!”. E esta beleza somada à toda aquela força/energia que viria de um interior psicológico garantiria um bom desempenho no certame, como muito bem sintetizou a candidata abaixo citada:

Aureliano: E vocês querem acrescentar mais alguma coisa?

Eu quero, né. A gente fica vendo, assim, várias meninas e cada uma tem um diferencial. Então você dizer assim quem é a mais bonita é complicado, né? Não existe a mais bonita, mas vai existir a mais preparada no dia. A que vai estar preparada no dia, é como a gente diz, é o dia dela, a estrela dela, ela pode acontecer naquele momento. Não de ser a grande preferida, mas naquele momento ela cresce, no desfile. E pode se tornar a grande vencedora. Eu só espero assim, que ela leve o título de vencedora, mas com uma responsabilidade também, não só como uma vaidade, entende. Mas essa responsabilidade dela usar o título pra conquistar novos horizontes, conquistar as pessoas que vão querer saber que ela foi a miss, como ela vai agir com as pessoas também, não perdendo nunca a humildade, isso é o mais importante (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).